

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL

MÁRCIA ELIANA MARTINS

O COOPERATIVISMO DE CRÉDITO SOLIDÁRIO E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS
DA COOPERAÇÃO NOS MUNICÍPIOS DE ARAPONGA E TOMBOS (MG)

Porto Alegre

2010

MÁRCIA ELIANA MARTINS

O COOPERATIVISMO DE CRÉDITO SOLIDÁRIO E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS
DA COOPERAÇÃO NOS MUNICÍPIOS DE ARAPONGA E TOMBOS (MG)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ernesto Filippi
Co-orientador: Prof. Dr. Marcelo Miná Dias

Série PGDR – Dissertação nº 119

Porto Alegre

2010

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Responsável: Biblioteca Gládis W. do Amaral, Faculdade de Ciências Econômicas da
UFRGS

Martins, Márcia Eliana

M386c O cooperativismo de crédito solidário e a representação social da cooperação nos municípios de Araponga e Tombos (MG) / Márcia Eliana Martins . – Porto Alegre, 2010. 119 f. : il.

Orientador: Eduardo Ernesto Filippi; co-orientador: Marcelo Miná Dias.

(Série PGDR – Dissertação, n. 119).

Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2010.

1. Cooperativa de crédito : Araponga (MG). 2. Cooperativa de crédito : Tombos (MG). I. Filippi, Eduardo Ernesto. II. Dias, Marcelo Miná. III. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. IV. Título.

CDU 334.732

MÁRCIA ELIANA MARTINS

O COOPERATIVISMO DE CRÉDITO SOLIDÁRIO E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS
DA COOPERAÇÃO NOS MUNICÍPIOS DE ARAPONGA E TOMBOS (MG)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ernesto Filippi
Co-orientador: Prof. Dr. Marcelo Miná Dias

Aprovada em: Porto Alegre, 28 de abril de 2010.

Prof. Dr. Eduardo Ernesto Filippi

UFRGS

Prof. Dr. Marcelo Miná Dias

UFV

Prof^a. Dr^a. Marília Veríssimo Veronese

Unisinos

Prof. Dr. Fábio Kessler Dal Sóglio

UFRGS

Prof. Dr. Fábio de Lima Beck

UFRGS

*À minha família e à única culpada por isso tudo
Aos quais eu só tenho a agradecer.*

AGRADECIMENTOS

Em uma tribo africana toda vez que uma criança nasce, os membros da tribo se reúnem e compõem para ela uma música que a seguirá por toda a sua vida, é a sua música. Ao longo do crescimento da criança esta música é cantada por toda a tribo reunida em ocasiões especiais, em momentos felizes. Porém, conforme esta criança entra na fase adulta, a função da música passa a ser trazê-la de volta para “aquilo que ela realmente é”. A música serve como uma espécie de regulador social, pois toda vez que esta pessoa comete algum ato que a afasta de sua essência, a tribo se reúne ao redor desta pessoa e todos cantam “a sua música”, para lembrá-la de onde veio e como ela é no seu interior. (Pe. Fábio de Melo).

Ouvi esta história num momento da escrita desta dissertação em que estava buscando por “aquilo que realmente sou” para que pudesse trazer para as páginas que seguem um pouco mais do que estritamente dados coletados em pesquisa e comparados à teoria. E em meio a toda a turbulência pela qual passava pensei, como a pessoa que estava contando a história, que bom seria ter a minha música nesse momento para me ajudar a lembrar. Contudo, não havia a minha música e eu não tinha tempo suficiente para encontrar uma forma de alcançar o mesmo efeito que a música na tribo africana.

No entanto, acredito que, como diz um professor, “as coisas não se dão por acaso” e foi na fase final de escrita que percebi os lugares, as pessoas e os acontecimentos capazes de me fazer – ou ao menos tentar – lembrar de onde eu vim e quem realmente sou.

Lugares que, apesar da euforia ou da antipatia inicial, trouxeram à tona uma parte de mim que estava tão bem guardada que eu nem sabia existir; moldaram uma personalidade – nada fácil, diga-se de passagem – para alçar voos maiores e mais seguros e trouxeram também pessoas muito especiais para o meu convívio.

E é para estas pessoas que direciono toda a minha consideração neste momento, por me proporcionarem toda a estrutura emocional, psicológica e material para conseguir atravessar mais esta etapa (Obrigada, família!); por me ajudarem a estar onde realmente deveria estar e nunca me deixarem desistir, mesmo que isso tenha lhes custado muitas acusações; por me acudirem no dia-a-dia de uma Porto Alegre fria e distante e que, apesar de nunca terem conseguido me ensinar a *ler nas entrelinhas*, me ensinaram muito sobre mim e sobre as coisas da vida; pelo acolhedor “teto mineiro/gaúcho”, salvação nos momentos mais complicados desde o início lá na Farrapos; por todas as “janelinhas”, as frases coloridas de

dicas, os puxões de orelha no fim dos textos, os arquivos que retornavam irreconhecíveis (cadê o meu texto?), a paciência com as teimosias, as broncas nos momentos de desânimo e, sobretudo, as longas e inesquecíveis tardes de estudo, conversas e risadas; pela tradução do resumo para o inglês e pela amizade que, apesar de não mais sob o mesmo teto, ser tão forte e sincera; por todo o apoio “virtual dos que estavam longe durante os momentos mais difíceis e de absoluto desânimo; pela acolhida “auspiciosa” na capital mineira entre pousos e aterrissagens nestes dois anos; pelos programas dominicais que me ajudaram a manter o bom humor e o ânimo, mesmo que por métodos um tanto “estranhos”; pelas valiosas revisões de texto, trocas de experiências sobre o tema de pesquisa e também pelas dicas; pelo convívio e por me dar a oportunidade de “estar em casa” em Viçosa (Obrigada, Ju!); por me acolherem e estarem sempre dispostos a participar e me ajudar durante toda a pesquisa de campo (Obrigada coordenadores e associados Ecosol); por todas as dicas, conversas e paciência com os longos – e ansiosos – emails trocados durante esses dois anos de orientação; pelo „socorro” nos passos iniciais da pesquisa, pelas tardes de orientação no DER – ou desorientação dada tamanha “bagagem teórica” – mas, principalmente pela possibilidade de convivência por mais um tempo; por me proporcionarem toda a estrutura física necessária – livros, salas de estudo, telefones, computadores e afins – antes, durante e após a realização da pesquisa e também pelos cafezinhos de meio e fim de tarde para acordar (Obrigada Ambrósio, Carminha, Helena, César, D. Maria...); por aceitarem o convite para compor a banca examinadora e contribuírem para que esta etapa pudesse ser devidamente encerrada; por todo o apoio institucional durante o primeiro ano de mestrado e pelas (muitas) dúvidas sanadas ao longo de todo o mestrado (Obrigada Marilene, Lisiane, Eliane, Cíntia...).

Na verdade, foi somente pelo incentivo e pela possibilidade de estar próxima a algumas pessoas tão especiais na minha vida que este mestrado pode ser concretizado. Como me disse uma amiga “mais experiente” neste campo certo dia, foram dois anos de muito – muito!!!!!! – esforço e aprendizado.

“E há que se cuidar do broto, pra que a vida nos dê flor e fruto.”

(Milton Nascimento)

RESUMO

A proposta deste trabalho é a de analisar o cooperativismo de crédito solidário, sob a ótica das representações sociais acerca da cooperação, construídas pelos associados de duas cooperativas de crédito solidário na Zona da Mata de Minas Gerais e a possível influência desta representação no funcionamento de tais cooperativas. Os estudos foram realizados nos municípios mineiros de Tombos e Araponga, junto aos associados das Cooperativas de Crédito da Agricultura Familiar e Economia Solidária – Ecosol Araponga e a Ecosol Zona da Mata e Leste de Minas Gerais. Estas cooperativas são as únicas representantes do Sistema Ecosol no Estado e despontam como experiências exitosas do ponto de vista da ação coletiva, visto que se inserem em municípios em que os agricultores tem ampla participação no movimento sindical. Para alcançar os objetivos propostos, a metodologia utilizou-se de dados secundários para obter informações acerca do histórico das cooperativas e do perfil dos agricultores familiares que formam seus quadros sociais, além de entrevistas semi-estruturadas, de diário de campo e de observação participante. A partir dos dados obtidos percebeu-se que a representação social da cooperação apresentada pelos entrevistados é uma representação basicamente positiva e está significativamente ligada ao histórico de envolvimento deste grupo com a constituição destas cooperativas. É a partir deste envolvimento, seja por meio de capacitações ou pelo contato direto com suas operações, que o grupo passou a reproduzir um discurso sobre a cooperação derivado, em parte, da percepção que possuem sobre esta organização e, em parte vinculado às experiências cotidianas anteriores formadoras do universo de significados destes.

Palavras-chave: Cooperação. Representações sociais. Ecosol. Zona da Mata Mineira.

ABSTRACT

This paper's proposal is to analyze the solidary credit cooperativism, in perspective of the social representations about the cooperation, built by members of two Solidary Credit Cooperatives in Zona da Mata of Minas Gerais and this representation's possible influence at the operationalization of these cooperatives. Studies were performed at the small towns of Tombos and Araponga among members of Credit Cooperatives of Family Farmers and Solidary Economy – Ecosol Araponga and Ecosol Zona da Mata e Leste de Minas Gerais. These Cooperatives are the only representatives of Ecosol System in the state and emerge as successful experiences from the collective action's point of view once they are introduced where the farmers have broad participation at union movement. To achieve the proposed objectives, the methodology we used of secondary data to obtain the information about the history of cooperatives and the farmers and farmers' family who form their social contexts. Were also made semi-structured interviews, of field diary and participant observation. From the data obtained it was noticed that the social representation of the cooperation presented by the respondents is a representation basically positive and it is significantly linked to this group's history of involvement with the cooperatives' constitution. It is from this involvement, either by skills or by direct contact with its operations, that the group started to make a speech about cooperation in part from the perception they have about these organizations and, partly linked to previous everyday experiences, forming its universe of meanings.

Keywords: Cooperation. Social representations. Ecosol. Zona da Mata Mineira.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Paisagens Representativas da Zona da Mata Mineira.....	29
Figura 2 - Mapa da Zona da Mata Mineira.....	30
Figura 3 - Os municípios onde estão as cooperativas.....	32
Figura 4 - Estrutura organizacional do Sistema Ecosol.....	39
Figura 5 - Ecosol Araçuaia.....	42
Figura 6 - Ecosol Zona da Mata e Leste de Minas Gerais.....	42
Figura 7 - Alguns desenhos feitos pelos entrevistados.....	66
Figura 8 - Símbolo da Ecosol como representação da cooperação	69
Quadro 1 - Caracterização do grupo de entrevistados(as) (Ecosol ZM e Leste de MG).....	24
Quadro 2 – Caracterização do grupo de entrevistados(as) (Ecosol Araçuaia).....	25

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 “APESAR QUE EU SÔ PÉSSIMA PRA DESENHO, MAS...”: OS INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS UTILIZADOS	16
2.1 “SE ESTOU INVERTIDO EM UM MUNDO INVERTIDO, TUDO ME PARECE DIREITO” : A PROPOSTA INICIAL DA PESQUISA	16
2.2 “SE TUDO DERIVA DE FORMAS DE REPRESENTAÇÃO, COMO ENCONTRAR ALGUM CAMPO SEGURO DO QUAL FALAR?” A PESQUISA DE CAMPO	18
2.3 “ESCREVER É A SUBLIMAÇÃO DO PENSAMENTO POSTO NO PAPEL” : A ANÁLISE DOS DADOS	22
3 “É A BASE DA NOSSA ECONOMIA HOJE, DO NOSSO CONSUMO, MAIS DE 80% DA NOSSA ECONOMIA VÊM DA AGRICULTURA FAMILIAR”: CARACTERIZAÇÃO DOS LOCAIS DA PESQUISA	27
3.1 “EU VEJO COMO CARACTERÍSTICA DAS COMUNIDADES, DOS PRODUTORES, NÉ, AGRICULTURA FAMILIAR E BUSCANDO HOJE ESSA DIVERSIFICAÇÃO DE CULTURAS”: ONDE FOI REALIZADA A PESQUISA	27
3.2 “COOPERATIVAS TEM VÁRIOS TIPO, ENTÃO CÊ TEM DE PRODUÇÃO, CÊ TEM DE CONSUMO, CÊ TEM A COOPERATIVA DE CRÉDITO”: O COOPERATIVISMO DE CRÉDITO	34
3.3 “EU VEJO MUITO A PALAVRA ECOSOL NISSO, UM NOVO CAMINHO, NÉ, PRA QUESTÃO DO CRÉDITO”: O SISTEMA ECOSOL EM MINAS GERAIS.....	37
4 “SE A GENTE PENSAR EM SEMPRE SOMÁ, SEMPRE VEM MAIS UM, VEM MAIS OUTRO, NÉ?”: A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA COOPERAÇÃO ENTRE OS ENTREVISTADOS DA ECOSOL	43
4.1 “É SOLIDARIEDADE, CAMINHÁ JUNTO, NÉ? É A SOMA DO ESFORÇO DAS PESSOAS, NÉ?”: A REPRESENTAÇÃO DA COOPERAÇÃO ATRAVÉS DOS TERMOS INDUTORES	44

4.2 “É UMA LARANJA O TODO ASSIM, MAS QUANDO CÊ ABRE ELA PRA DESCASCAR ELA TEM VÁRIOS GOMINHOS ALI”: O DESENHO COMO SUPORTE METODOLÓGICO	60
5 “QUERENDO OU NÃO A COOPERATIVA ALÉM DE FACILITÁ, NÉ, O ACESSO DO AGRICULTOR FAMILIAR, ELE TEM TODA LIBERDADE, NÉ.”: A REPRESENTAÇÃO DA COOPERAÇÃO NO COTIDIANO DAS COOPERATIVAS	71
5.1 “A ECOSOL, TAMBÉM TÁ INSERIDO NAQUILO QUE A GENTE DEFENDE. SÃO OS DIREITO DOS TRABALHADORES, SÃO ORGANIZAÇÃO QUE SE ORGANIZOU”: O CONTEXTO QUE ENVOLVE A REPRESENTAÇÃO DO GRUPO.....	72
5.2 “ENTÃO AS PESSOAS VÃO SE AJUDANDO UMA AS OUTRAS DE UMA FORMA QUE TALVEZ NEM ELAS MESMO CONSEGUEM PERCEBER”: A INFLUÊNCIA DA REPRESENTAÇÃO NA OPERACIONALIZAÇÃO DA COOPERATIVA	82
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	96
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	101
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - TCLE Ecosol ZM e Leste de MG	102
APÊNDICE B - Coleta de dados	106
APÊNDICE C - Roteiros de entrevista	107
APÊNDICE D - A representação social da cooperação através dos desenhos.....	116

1 INTRODUÇÃO

“As representações estão presentes tanto ‘no mundo’, como ‘na mente’, e elas devem ser pesquisadas em ambos os contextos”. (FARR, 1995, p. 46).

Inúmeras cooperativas no país – independente de seu ramo de atuação – passam por graves problemas em sua gestão relacionados diretamente à ausência de capacitação e conhecimentos por parte do grupo de cooperados sobre o trabalho coletivo, a cooperação e sobre o que significa “ser um associado”. Estes problemas geralmente influenciam de maneira negativa a operacionalização destas cooperativas, sobretudo se operarem num regime de autogestão.

É claro que nestes casos, não é somente a falta de conhecimento sobre a importância e o significado do trabalho coletivo que levam a tais problemas. Há uma diversidade de outras questões relacionadas a fatores internos à cooperativa e no que diz respeito aos seus cooperados – como, por exemplo, os interesses divergentes de seus constituintes – que são capazes de causar dificuldades para o funcionamento e o alcance do objetivo social de tais cooperativas. Especificamente no caso das cooperativas de crédito, há que se considerar também o fato destas serem classificadas como instituições financeiras e, desta forma, seguirem as normas e procedimentos ditados pelo Banco Central do Brasil¹. Nestes casos, o trabalho de conscientização dos cooperados passa por uma via crucial, em que estes não apenas precisam entender a importância do trabalho coletivo, mas também as normas que devem seguir enquanto membros de uma instituição financeira e as punições a que está sujeita sua cooperativa no caso do não cumprimento destas.

Assim, para as cooperativas de crédito vinculadas ao Sistema de Cooperativas de Crédito da Agricultura Familiar e Economia Solidária (Sistema Ecosol²), cuja base de funcionamento está ancorada na autogestão, tais observações se tornam de absoluta relevância, uma vez que os cooperados devem estar cientes tanto das informações referentes

¹ Ao serem consideradas instituições financeiras, as cooperativas de crédito, seja qual for seu público-alvo, ficam sujeitas à Lei 4595/1964, que regulamenta o Sistema Financeiro Nacional e, com isso, diretamente subordinadas às normas e procedimentos expedidos pelo Conselho Monetário Nacional via Banco Central do Brasil..

²“O Ecosol é um sistema de apoio a cooperativas de crédito solidário, como uma forma de promover o fortalecimento da economia solidária e do desenvolvimento sustentável” (ECOSOL, 2009). As informações sobre o sistema serão mais bem trabalhadas em item específico do capítulo 3.

às normas do Banco Central quanto sobre a importância do trabalho coletivo capaz de facilitar a operacionalização destas.

Neste sentido, realizou-se uma pesquisa junto às sedes de duas cooperativas de crédito vinculadas ao sistema supracitado nas cidades mineiras de Tombos e Araponga, as duas únicas cooperativas singulares representantes do Sistema Ecosol no Estado, procurando responder a questões como: qual a representação social da cooperação apresentada pelos cooperados destas cooperativas? Como apreendem o significado da cooperação? Qual a influência desta representação no alcance do objetivo social destas cooperativas?

Dado que estas cooperativas são experiências recentes e surgiram praticamente juntas no Estado – o processo de constituição se deu de forma conjunta e a abertura oficial entre o fim de 2004 e início de 2005 –, as informações a respeito destas começam agora a ser sistematizadas e publicadas. Além de não existirem outras cooperativas Ecosol em Minas Gerais, foi levado em consideração como fator de escolha dos municípios para a pesquisa a forte mobilização dos agricultores familiares em torno de suas organizações, como Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STR), associações e também outras cooperativas.

Diante disto, por que então estudar representações sociais na Zona da Mata de Minas Gerais?

Na verdade, os acontecimentos que permearam minha vida acadêmica, desde a escolha do curso de graduação até a conclusão deste mestrado, foram todos muito intuitivos. Não existe uma explicação “cientificamente comprovada”, uma explicação dita racional. O projeto inicial de pesquisa propunha trabalhar com o acesso às políticas públicas pelas organizações de agricultores familiares nos municípios de Tombos e Araponga. Os dois municípios foram escolhidos em virtude da “representação” que eu formei a respeito deles, ao longo da graduação, ouvindo histórias de alguns amigos que fizeram seus estágios em um ou outro. E as políticas públicas eram um tema que me atraía à época. Mas, o projeto não passou nesta seleção de mestrado e a partir disso um longo caminho teve que ser percorrido para que as coisas pudessem começar a tomar seus devidos lugares. Senti um misto de decepção e alívio quando soube do resultado, mas como sempre estou cercada de pessoas que não me deixam desistir, lá se foi o projeto cumprir a sua função: outra seleção de mestrado.

No entanto, dessa vez a história foi outra, o projeto foi aprovado – e todas as outras etapas também foram satisfatórias – resultando em uma vaga num mestrado distante demais do intuito para qual o projeto foi escrito. Mas, nada acontece por acaso e, mesmo tendo que ir

para um lugar tão distante, o projeto, embora modificado, teve uma recepção boa por parte do orientador e pode continuar sendo uma proposta para trabalhar em Minas Gerais.

Assim, mesmo com tudo ocorrendo de um modo adverso, procurei me cercar de fatores que me proporcionassem mais segurança para a realização da pesquisa, como um local e um tema de pesquisa com os quais tivesse mais afinidade, ou seja, a Zona da Mata de Minas Gerais e as representações sociais.

De certa forma, estes fatores me proporcionaram a chance de aprender muito mais do que eu esperava aprender durante o mestrado, sobre pesquisa, sobre o mundo acadêmico, sobre escrever, e principalmente sobre mim e as pessoas.

Desse aprendizado – e de uma certa dose de obstinação – resultou a estrutura dos capítulos que seguem, uma estrutura nada convencional, uma vez que o arcabouço teórico mescla-se à análise dos dados obtidos no decorrer do texto. A opção por trabalhar os elementos teóricos e as informações decorrentes da pesquisa de campo juntamente, em cada um dos capítulos, teve como finalidade relacionar diretamente os aspectos práticos – o conhecimento do senso comum em alguns casos – da pesquisa com os(as) agricultores(as) às discussões acadêmicas – ao conhecimento científico –, procurando tornar o trabalho acadêmico mais acessível àqueles que “dão vida” às cooperativas.

Demo (1985) caracteriza a ciência como um processo, expressão de uma realidade inacabada, volúvel, contraditória, num eterno vir-a-ser, ou seja, por mais racional e ordenada que possa ser, a ciência não deve ser considerada como um produto acabado. Portanto, a lógica e a racionalidade atribuídas à ciência estão diretamente ligadas à realidade que as circundam, é com esta que devem manter um caráter coerente e é por isso também que o conceito de ciência relaciona-se intimamente à forma como cada indivíduo – ou cada sociedade ou cada geração – concebe a realidade.

Neste sentido, o texto foi dividido em quatro capítulos: o capítulo dois, logo após esta introdução, refere-se ao universo metodológico, descrevendo todas as etapas da pesquisa e os instrumentos utilizados para a sua realização e posterior análise dos dados, com uma prévia identificação do grupo de entrevistados; o capítulo três, diz respeito à caracterização da área de estudo – os municípios, o Sistema Ecosol e as cooperativas que participaram da pesquisa; já os capítulos quatro e cinco apresentam os resultados da pesquisa de campo articulados à base teórica selecionada para sua discussão – o primeiro analisa os resultados referentes à representação social da cooperação obtidos com a técnica de associação livre de palavras e os desenhos e o último, trabalha os dados concernentes à apreensão desta representação pelos

cooperados entrevistados e a influência desta na operacionalização das cooperativas. Nestes capítulos são utilizados trechos das entrevistas em que foram conservadas, na transcrição, a maneira como os entrevistados falam, sem correções ortográficas e destacados, em negrito, os trechos que remetem à discussão.

Não houve a pretensão, em nenhum momento, em generalizar os resultados obtidos na pesquisa de campo para outros grupos de associados de cooperativas de crédito solidário ou para cooperados em geral, em virtude das especificidades inerentes a este tipo de grupo.

2 “APESAR QUE EU SÔ PÉSSIMA PRA DESENHO, MAS...”: OS INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS UTILIZADOS

A proposta deste capítulo é apresentar a forma como a pesquisa foi estruturada: desde a composição do projeto, passando pela concretização da pesquisa de campo até o tratamento e análise dos dados obtidos. Mostrando as surpresas, dificuldades e adaptações pelas quais o trabalho foi passando ao longo de sua realização até esta fase final de escrita. Dessa forma, ficará subdividido em três subitens: o primeiro descrevendo a fase inicial de estruturação do projeto e da pesquisa; o segundo relatando a fase da prática em si, ou seja, como foi efetivamente realizada a pesquisa de campo e, por fim, um relato sobre a fase final de tratamento e análise dos dados que culminou nos capítulos subsequentes.

2.1 “SE ESTOU INVERTIDO EM UM MUNDO INVERTIDO, TUDO ME PARECE DIREITO”:¹ A PROPOSTA INICIAL DA PESQUISA

A ideia inicial da pesquisa derivou de uma representação sobre os dois municípios escolhidos – Tombos e Araçuaia – criado a partir do contato com estudantes que já haviam realizado pesquisas ou estágios em tais localidades, durante a graduação na Universidade Federal de Viçosa. Tanto Tombos quanto Araçuaia são locais que recebem estudantes e pesquisadores de diversas áreas² e, a partir dos trabalhos realizados por estes, criou-se em mim esta representação em torno das manifestações dos agricultores familiares, sobretudo de suas formas organizativas.

Dessa forma, o pré-projeto de pesquisa previa um “mapeamento” das organizações dos agricultores familiares destes municípios e o acesso aos recursos das políticas públicas voltadas a este segmento. Entretanto, ao longo do tempo e a partir das primeiras pesquisas em

¹ Jean-Paul Sartre citado por Laplantine e Trindade (1997, p. 32).

² Geralmente estes estudantes ou pesquisadores provêm do município de Viçosa, onde se localiza uma universidade federal (Universidade Federal de Viçosa), realizando tanto projetos da própria universidade quanto atendendo a solicitação de organizações destes municípios, dada a proximidade entre eles. Um dos projetos que envolve os dois municípios é o Estágio Interdisciplinar de Vivência, em que os sindicatos locais fazem parte da organização junto com os estudantes universitários. Através desse projeto famílias de agricultores familiares sindicalizados recebem todos os anos estudantes em suas casas, por aproximadamente 15 dias, nos quais estes podem vivenciar a realidade da agricultura familiar.

dados secundários, percebeu-se a amplitude do assunto e a enorme pretensão do projeto em questão. Assim, buscando delimitar a pesquisa e também identificar um tema de maior afinidade, surgiu, numa aula de metodologia qualitativa a ideia de trabalhar com as representações sociais dentro de um universo já anteriormente conhecido, ou seja, o cooperativismo. Como não havia a pretensão de mudar os locais de pesquisa, os objetos de estudo passaram então a ser as duas cooperativas de crédito presentes nestes dois municípios.

E, para a delimitação do problema científico, foi iniciada uma intensa fase de leituras sobre as representações no campo das ciências sociais. Em seguida, foi realizada uma fase de pré-campo que implicou em visita às duas cooperativas para uma conversa informal com alguns de seus coordenadores e apresentação da proposta de trabalho – primeiro em Araponga, acompanhando um trabalho de uma organização não-governamental local que previa entrevistas com membros das organizações dos agricultores familiares e, assim com o coordenador financeiro da cooperativa; depois em Tombos, por conta própria, com o coordenador geral da cooperativa. Desta fase resultou o interesse por compreender os significados da cooperação entre os associados das cooperativas de crédito solidário na Zona da Mata de Minas Gerais, procurando responder especificamente a seguinte questão: de que forma as representações sociais da cooperação presentes no grupo de cooperados³ que formam os quadros sociais das Cooperativas de Crédito da Agricultura Familiar e Economia Solidária – Ecosol Araponga e Ecosol Zona da Mata e Leste de Minas Gerais (Ecosol ZM e Leste de MG), especificamente a sua sede em Tombos – influenciam o funcionamento destas organizações? Uma vez que se acredita ser através do entendimento destes sobre a cooperação – e das práticas a esta relacionadas – que será condicionada sua participação tanto nos espaços institucionais quanto informais de relacionamentos das cooperativas.

Apesar de ter passado por uma fase pré-campo, cujo objetivo era trazer a proposta de pesquisa mais próxima da realidade na qual pretendia cravar seus pilares para estudo, também pela amplitude do assunto e da ausência de trabalhos publicados sobre as duas cooperativas, acredita-se que esta fase foi extremamente curta – dado o tempo disponível para tal e o início da pesquisa propriamente dita – deixando, ainda assim, as primeiras ações do trabalho muito baseadas em dados secundários obtidos seja através de sítios como o do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) seja através de trabalhos acadêmicos realizados nos municípios escolhidos.

³ É importante explicar desde já que as cooperativas vinculadas ao Sistema Ecosol são autogestionadas, ou seja, todos os membros que compõem suas instâncias internas de decisão, como conselho de administração, conselho fiscal e comitê gestor de crédito, são compostos por cooperados eleitos nas assembleias gerais.

2.2 “SE TUDO DERIVA DE FORMAS DE REPRESENTAÇÃO, COMO ENCONTRAR ALGUM CAMPO SEGURO DO QUAL FALAR?”⁴ A PESQUISA DE CAMPO

[...] todo homem, em qualquer situação social, apresenta-se diante de seus semelhantes, tenta dirigir e dominar as impressões que possam ter dele, empregando certas técnicas para a sustentação de seu desempenho, tal qual um ator deve representar um personagem diante do público. (GOFFMAN, 1989, p. 130).

A partir dos dados obtidos nas conversas da fase de pré-campo e da delimitação da problemática, passou-se então a fase de definição dos objetivos da pesquisa e posterior identificação dos instrumentos para a coleta de dados. Dessa forma, o objetivo geral traçado para esta pesquisa foi analisar a representação social da cooperação entre os associados da Ecosol Araponga e a sede da Ecosol ZM e Leste de MG em Tombos e, a possível influência desta representação no funcionamento de tais cooperativas. Os objetivos específicos, que nortearam tanto a pesquisa de campo quanto o roteiro de entrevistas e a estrutura desta dissertação, ficaram assim definidos:

- Identificar o quadro social e a formação deste nas cooperativas acima citadas, bem como a estrutura organizacional destas;
- Evidenciar a representação social da cooperação entre os cooperados e coordenadores das cooperativas e, através de que (ou quem) apreendem tal representação;
- Investigar o envolvimento dos entrevistados com a história da cooperativa e a participação em outros grupos;
- Analisar como os entrevistados transformam a representação social da cooperação em ações (coletivas ou individuais) que venham a influenciar o funcionamento das cooperativas.

Com os objetivos já definidos, a metodologia para a coleta de dados foi então dividida em duas partes: uma correspondente à fase inicial da pesquisa que privilegiou os dados secundários referentes ao histórico das cooperativas e ao perfil dos agricultores familiares que formam seus quadros sociais e outra, referente à pesquisa sobre a representação social da cooperação que emerge nestes grupos de agricultores e a influência desta no funcionamento das cooperativas. A esta primeira fase denominamos análise documental e nela foram

⁴ Silverman (2009), sobre aprender a viver com a incerteza na realização de pesquisas qualitativas.

pesquisados documentos institucionais, como estatutos e regimentos internos, com o objetivo de entender melhor o funcionamento das cooperativas, seu dia-a-dia e obter algumas informações referentes ao seu quadro social.⁵ A segunda fase foi baseada em dados primários, obtidos por meio de entrevistas com os cooperados, observação participante – em que também foi possível registrar alguns momentos por meio de fotos – e diário de campo.

É importante salientar que estas duas partes somente foram teoricamente separadas, porém aconteceram concomitantemente de acordo com a disponibilidade dos cooperados em responder ao roteiro de entrevistas e à possibilidade de acesso aos documentos institucionais nas próprias cooperativas através de seus coordenadores.

O estudo das representações sociais, no campo metodológico, pode ser direcionado a partir de uma abordagem dimensional – segundo a qual o propósito é analisar a construção das representações, seus processos de elaboração de acordo com os aspectos que as constituem, como por exemplo, as imagens, crenças, elementos culturais e ideológicos (JODELET, 2002) – ou a partir de uma abordagem que, como salienta Arruda (2002: 140), enfatiza o “núcleo estruturante” destas representações, “no qual o campo é abordado como campo semântico, conjunto de significados isolados por meio de diferentes métodos de associação de palavras”. Deste modo, durante as entrevistas foram utilizados instrumentos que mesclam estas duas formas de estudo das representações sociais: a associação livre de palavras e o desenho.

Estas entrevistas basearam-se “em um roteiro que apresenta[va] questões com respostas abertas, não previamente codificadas, nas quais o entrevistado pode discorrer livremente sobre um tema proposto ou pergunta formulada” (CORTES, 1998: 18-19) e ficou dividido em quatro partes que se complementam.⁶

- **A- Identificação:** que trata dos dados relativos ao perfil do entrevistado, como idade, escolaridade e vínculo com a agricultura, por exemplo;
- **B- Associação livre de palavras:** técnica que se propõe a identificar as representações sociais a partir de seu núcleo central, por meio de um ou mais termos indutores⁷. Esta técnica é realizada através da invocação, por parte do

⁵ Uma síntese das informações procuradas durante a análise documental pode ser encontrada no Apêndice B.

⁶ Um primeiro roteiro foi utilizado como pré-teste somente nas duas primeiras entrevistas, não tinha essa subdivisão e a forma de abordagem do desenho era diferente. Tanto este primeiro modelo quanto o elaborado com base nos objetivos específicos após o pré-teste podem ser observados no Apêndice C.

⁷ Sá (2002, p. 115) define *termo indutor* como “o próprio rótulo verbal que designa o objeto da representação”. No caso desta pesquisa o objeto, a cooperação, confunde-se com o que o autor chama de rótulo verbal, uma vez que a cooperação não é um objeto tangível, mas um conceito abstrato.

entrevistador, sobre a primeira palavra que vem à mente do entrevistado ao escutar o termo indutor, neste caso, foram usados os termos indutores “cooperação” e “Ecosol”. É também muito utilizada para, na análise dos dados obtidos, formar o núcleo da representação apresentada pelos sujeitos da pesquisa, combinando “a frequência de emissão das palavras e/ou expressões com a ordem em que estas são evocadas” (SÁ, 2002: 116). Entretanto durante as análises, esta técnica foi utilizada como uma “ferramenta auxiliar” aos resultados obtidos com os desenhos, contrariando o que foi pensado no início, em que o desenho auxiliaria a técnica e por não haver, a partir de então a pretensão de trabalhar com a frequência e ordem das evocações acerca das representações sociais. Os termos indutores “cooperação” e “Ecosol” foram escolhidos como complementares, ou seja, caso o entrevistado apresentasse alguma dificuldade em fazer evocações referentes ao primeiro, haveria uma forma de – ou ao menos tentar – contornar essa dificuldade com o segundo termo. Contudo, durante a realização da pesquisa de campo, percebeu-se que há uma confusão entre os dois termos e em muitos casos, quase todos na verdade, as representações da cooperação estão diretamente vinculadas à atuação e ao trabalho da própria cooperativa. Outro ponto percebido durante as entrevistas é que em Araponga eles não utilizam com frequência o nome “Ecosol”, referindo-se a esta apenas como “a cooperativa”, fato que causou alguns enganos durante a associação livre de palavras, uma vez que os entrevistados procuravam responder ao termo indutor “Ecosol”, com o significado da sigla ou então justificando-se sobre não lembrar o que esta sigla quer dizer.

- **C- Questões:** perguntas sobre a história dos entrevistados em relação à Ecosol, sua participação em espaços coletivos, como associações, movimentos sociais e partidos políticos, por exemplo e sua visão da cooperativa em si. Foram feitas dezenove questões abertas que visavam complementar as informações obtidas nas partes B e D;
- **D- A Representação da Cooperação em figuras:** parte final em que os entrevistados foram indagados sobre a representação da cooperação através da descrição oral de um desenho. A ideia do desenho no final do roteiro viria a complementar a técnica de associação livre de palavras, uma vez que foram usados a fim de reafirmar o posicionamento do entrevistado em relação a representação da cooperação. Em muitos casos deixavam transparecer aquilo que não havia sido

alcançado com a associação livre de palavras. Como os entrevistados não eram informados da possibilidade de “colocar o desenho no papel” no princípio, soltavam um pouco mais a sua imaginação e eram capazes de detalhar uma figura que não necessariamente conseguiriam desenhar. Ao final de cada exposição, o entrevistado era indagado sobre a possibilidade de realizar o desenho e ficava a seu critério aceitar ou não.

Para iniciar o trabalho com as entrevistas, na primeira visita às cooperativas após a fase de pré-campo, foi apresentado aos coordenadores gerais um termo de consentimento livre e esclarecido⁸ – veja apêndice A – em que era detalhada a forma de realização da pesquisa (e das entrevistas), seus objetivos e garantia aos entrevistados a confidencialidade dos dados obtidos, além de fornecer meus contatos para eventuais dúvidas ou esclarecimentos. Estes termos foram assinados, em duas vias, pelos coordenadores gerais de cada uma das cooperativas e por mim sendo que ao documento arquivado nas cooperativas foi anexada uma cópia do projeto de pesquisa. Estes documentos ficaram disponíveis nas sedes para os cooperados que tivessem interesse em consultá-los. No início de cada entrevista, o entrevistado era informado sobre a existência destes documentos na sede das cooperativas e sobre o objetivo da pesquisa.

A pesquisa de campo foi realizada entre os meses de abril e maio de 2009 em Tombos e entre junho e julho, do mesmo ano, em Araponga. Neste período foram feitas três visitas a Tombos, com duração de uma semana cada, para a realização das entrevistas e pesquisa documental, mais duas visitas em fins de semana para assistir a cursos e reuniões do conselho de administração. Já em Araponga foram realizadas quatro visitas de dois dias, para as entrevistas e pesquisa documental e duas visitas para reuniões do conselho de administração em fins de semana.

Nestes períodos realizaram-se trinta e duas entrevistas – gravadas digitalmente e posteriormente transcritas – sendo dezenove entre associados e coordenadores da Ecosol ZM e Leste de MG; onze entre associados e coordenadores da Ecosol Araponga; uma com o contador da Base Minas e uma com o técnico agrícola que trabalha no Posto de Atendimento ao Cooperado (PAC) de Espera Feliz. Estas duas últimas entrevistas foram feitas com o objetivo de obter maiores informações sobre o Sistema Ecosol e o perfil dos associados de suas cooperativas e seguiram roteiros diferentes, como pode ser observado no apêndice C.

⁸ É importante ressaltar que, conforme estes termos, os entrevistados não seriam identificados, por isso na utilização dos trechos das entrevistas ao longo do texto, as falas são referenciadas de acordo com a cooperativa à qual o entrevistado está vinculado, o local da entrevista e o ano de sua realização.

Tanto a observação participante quanto o diário de campo foram instrumentos utilizados paralelamente à realização das entrevistas e da pesquisa documental e, também através da participação em uma oficina e um curso para novos funcionários e coordenadores em Tombos e uma reunião do conselho de administração em Araponga.

Tais instrumentos permitiram conhecer um pouco melhor a realidade das cooperativas e de seus coordenadores e ampliaram o foco da pesquisa para assuntos que não foram inicialmente previstos, como a institucionalização, por exemplo.

Embora existam técnicas específicas para tentar apreender a representação social de um grupo determinado e por mais que se procure utilizar instrumentos metodológicos que se complementem e possam dessa forma dar mais veracidade aos dados obtidos, é importante dizer que uma pesquisa em representação social pode sofrer grandes limitações em sua realização, pois como argumenta Goffman (1989) tratando de aspectos da vida cotidiana sob a ótica da representação teatral, o grupo – ou o indivíduo – pode já apresentar uma representação devidamente ensaiada, que neste caso específico, pode ser considerada como fruto da institucionalização pela qual passam (passaram), como será explicado nos capítulos quatro e cinco.

2.3 “ESCREVER É A SUBLIMAÇÃO DO PENSAMENTO POSTO NO PAPEL”:⁹ A ANÁLISE DOS DADOS

As situações nas quais se verificam os contatos entre pesquisador e sujeitos da pesquisa configuram-se como parte integrante do material de análise. Registrar o modo como são estabelecidos esses contatos, a forma como o entrevistador é recebido pelo entrevistado, o grau de disponibilidade para a concessão do depoimento, o local em que é concedido (casa, escritório, espaço público etc.), a postura adotada durante a coleta do depoimento, gestos, sinais corporais e/ou mudanças de tom de voz etc., tudo fornece elementos significativos para a leitura/interpretação posterior daquele depoimento, bem como para a compreensão do universo investigado. (DUARTE, 2002, p. 145).

O passo inicial da análise dos dados obtidos durante a pesquisa foi a transcrição completa de todas as entrevistas, seguida da digitação dos diários de campo. Embora esta etapa tenha sido iniciada juntamente com a realização das entrevistas, em virtude da

⁹ Douglas [200?].

necessidade de deslocamento constante nem sempre foi possível manter uma simultaneidade entre aplicação e transcrição. Neste período também foram elaborados dois quadros com informações sobre o perfil dos entrevistados, cujas informações culminaram, ao final das transcrições, nos Quadros 1 e 2 apresentados no decorrer deste item.

Assim que as entrevistas foram transcritas, os dados obtidos em cada questão do roteiro foram separados em dois arquivos, por município estudado, para que após impressos fosse possível apreender a amplitude do material coletado. Nesta separação dos dados, as entrevistas transcritas adquiriram efetivamente um caráter impessoal, pois os entrevistados passaram a ser identificados por números. Depois de impressos, os dados foram separados de acordo com os objetivos específicos – como pode ser observado num subitem do apêndice C, a cada objetivo correspondia um número de questões do roteiro de entrevistas – por cor e com tarjetas de identificação.

Com esta separação final dos dados e a conseqüente definição dos capítulos, o passo seguinte foi levantar os aspectos relevantes das respostas obtidas durante as entrevistas, por questão e por município. Estes foram lançados em planilhas, como “quadros síntese”, através de fragmentos das falas dos entrevistados, como uma espécie de tabulação final dos dados e nortearam a escrita dos capítulos, sobretudo o quarto e o quinto.

Já na estruturação de cada capítulo foi realizada uma descrição destes dados de forma conjunta, não mais separando por município, para em seguida passar para uma análise mais aprofundada, trabalhando dados primários e conceitos teóricos.

Como dito, os Quadros 1 e 2 a seguir oferecem uma breve caracterização do grupo de entrevistados da Ecosol ZM e Leste de MG e da Ecosol Araçuaia, respectivamente. As informações apresentadas são resultado da primeira parte do roteiro de entrevistas, sobre a identificação do entrevistado, nas colunas dos quadros – como sexo, idade, escolaridade, a cidade em que reside, o cargo ocupado quando dirigente e o vínculo com a agricultura. Nas linhas dos quadros aparecem os entrevistados identificados através do número de sua entrevista.

	Sexo*	Idade	Escolaridade	Cidade	Dirigente?***	Cargo	Vínculo com a agricultura***
Entrevistado 01	M	44	6ª série	Santana do Manhuaçu	S	Coordenador Financeiro PAC	Pequeno Produtor
Entrevistada 02	F	46	4ª série	Simonésia	S	Ex-Coordenadora Geral PAC	Pequena Produtora
Entrevistado 03	M	44	Ensino Fundamental	Tombos	S	Coordenador Conselheiro	Pequeno Produtor/Secretaria de agricultura
Entrevistado 04	M	26	Superior	Tombos	S	Coordenador Geral	Filho de Agricultor
Entrevistado 05	M	35	Superior incompleto	Tombos	S	Conselheiro Fiscal	Secretário STR
Entrevistada 06	F	45	Técnico em contabilidade	Tombos	S	Conselheira Fiscal	STR/Pequena Proprietária
Entrevistado 07	M	30	Técnico em Contabilidade e Superior Incompleto	Tombos	S	Coordenador Financeiro	Filho de agricultor/Pequeno produtor
Entrevistado 08	M	54	Ensino Médio	Tombos	N	Ex-Conselho de Administração	Pequeno Produtor
Entrevistado 09	M	34	Superior	Tombos	S	Conselheiro	Filho de agricultor/Professor/Marceneiro
Entrevistado 10	M	45	4ª série	Tombos	N	-----	Pequeno produtor
Entrevistada 11	F	52	4ª série	Tombos	N	-----	Trabalhadora Rural Aposentada
Entrevistado 12	M	31	Ensino Médio	Tombos	N	-----	Trabalhador Rural Diarista
Entrevistado 13	M	53	4ª série	Tombos	N	-----	Trabalhador Rural Diarista
Entrevistada 14	F	44	4ª série	Tombos	N	-----	Doméstica em fazenda
Entrevistado 15	M	54	Superior incompleto	Tombos	N	-----	Presidente de Associação de Agricultores
Entrevistado 16	M	35	Ensino Médio	Tombos	Não associado	-----	Tesoureiro de Associação de Moradores
Entrevistada 17	F	57	4ª série incompleta	Tombos	N	-----	Trabalhadora Rural Aposentada
Entrevistado 18	M	32	Ensino Fundamental	Espera Feliz	S	Coordenador Geral PAC	Filho de Agricultor
Entrevistado 19	M	27	Técnico Agrícola	Espera Feliz	N#	Técnico Agrícola PAC	Prestador de Serviços
Entrevistado 20	M	31	Superior	Espera Feliz	N#	Contador Base Minas	Funcionário BASE MINAS
Entrevistado 21	M	48	4ª série	Espera Feliz	S	Coordenador Financeiro PAC	Pequeno proprietário

Quadro 1 - Caracterização do grupo de entrevistados(as) (Ecosol ZM e Leste de MG)

Fonte: Dados da pesquisa (2009).

Legenda:

(*) M: masculino; F: feminino.

(**) S: sim; N: não.

(***) De acordo com a autodenominação, durante entrevistas.

(N#) Prestador de serviços/Funcionário contratado

	Sexo*	Idade	Escolaridade	Cidade	Dirigente?***	Cargo	Vínculo com a agricultura***
Entrevistado 01	M	36	Superior	Araponga	S	Coordenador Financeiro/ex-funcionário	Agricultor Familiar, com pouca atuação atualmente
Entrevistado 02	M	27	4ª série, retomando 5ª	Araponga	S	Coordenador Conselheiro/ Ex-Conselheiro Fiscal	Agricultor, parceiro
Entrevistado 03	M	25	Superior Incompleto	Araponga	S	Coordenador Secretário	Agricultor
Entrevistada 04	F	32	Ensino Médio	Araponga	N	-----	Agricultora
Entrevistado 05	M	47	4ª série	Araponga	N	Ex-Conselheiro Fiscal	Agricultor
Entrevistado 06	M	59	4ª série	Araponga	N	-----	Agricultor
Entrevistado 07	M	35	4ª série incompleta	Araponga	-----	Comitê Gestor de Crédito - 2º mandato	Agricultor
Entrevistado 08	M	33	4ª série	Araponga	N	Ex-Conselheiro Fiscal	Agricultora
Entrevistada 09	F	32	4ª série	Araponga	S	Conselheira Fiscal/ex-Coordenadora Secretária	Agricultora familiar
Entrevistada 10	F	31	8ª série	Araponga	S	Coordenadora Conselheira, ex-Conselheira Fiscal	Agricultora
Entrevistado 11	M	30	4ª série, retomando 5ª	Araponga	N	-----	Agricultor

Quadro 2 – Caracterização do grupo de entrevistados(as) (Ecosol Araponga)

Fonte: Dados da pesquisa (2009).

Como vemos, para o total de associados entrevistados nas duas cooperativas, o grupo é majoritariamente masculino – vinte e quatro homens e apenas oito mulheres – com idade variando entre 25 e 59 anos, porém com uma concentração importante entre 25 e 36 anos. Destes, oito possuem ou estão cursando o ensino superior; dois realizaram um curso técnico – agrícola e em contabilidade –; quatro chegaram até o ensino médio e dezoito fizeram parte ou todo o ensino fundamental, dos quais dois estão retomando seus estudos no projeto de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Quanto a sua ligação com as cooperativas, pode-se observar que foram entrevistados quinze coordenadores ao todo, isso porque somente o conselho de administração da Ecosol ZM e Leste de MG possui doze componentes e também porque os conselheiros fiscais foram considerados como dirigentes. Dos outros entrevistados foram treze cooperados sem vínculo direto com a diretoria; um não associado ainda, mas que mantém contato com uma das cooperativas por ser tesoureiro de uma associação de moradores que é associada e um associado que faz parte do comitê gestor de crédito, uma instância da cooperativa que delibera sobre a liberação de empréstimos (será mais detalhada no item 3.3).

É importante destacar que entre os entrevistados ligados à Ecosol ZM e Leste de MG, o vínculo com a agricultura geralmente é dado pelo parentesco – filhos de agricultores – ou pelo emprego ou trabalho que realizam – STR, diarista, trabalhador rural aposentado –, o que é muito diferente para o grupo de entrevistados da Ecosol Araçuaia que afirmaram claramente sem muitas descrições que são agricultores.

Um dado que não aparece nos quadros, mas que vem a complementar as informações acima diz respeito à ligação dos entrevistados com a constituição das cooperativas. Dessa forma, o grupo de entrevistados se compõe de dezoito sócios fundadores¹⁰, seis associados logo após a abertura da cooperativa – esses associados embora não tenham participado diretamente do processo de constituição das cooperativas estavam, de alguma forma, próximos desse processo e cientes do conteúdo das capacitações –, cinco associados que aderiram às cooperativas entre 2007 e 2008 e um que ainda pretende se associar, como foi explicado.

Embora o número de sócios fundadores seja grande, e por isso possa-se pensar que este fato provocaria um viés nas respostas obtidas durante as entrevistas, cabe salientar que alguns destes foram se afastando das cooperativas ao longo dos anos e, conseqüentemente perdendo contato com a sua operacionalização e o discurso institucional vigente.

¹⁰ Sócios fundadores compõem o grupo de cooperados cuja documentação foi enviada ao Banco Central juntamente com a proposta de abertura da cooperativa. Estes agricultores participaram de todo o processo de constituição das cooperativas, que será detalhado no item 3.3 do capítulo seguinte.

3 “É A BASE DA NOSSA ECONOMIA HOJE, DO NOSSO CONSUMO, MAIS DE 80% DA NOSSA ECONOMIA VÊM DA AGRICULTURA FAMILIAR”: CARACTERIZAÇÃO DOS LOCAIS DA PESQUISA

Este capítulo pretende apresentar os locais onde foi realizada a pesquisa, partindo da caracterização da Zona da Mata Mineira para, em seguida, traçar o perfil dos municípios de Tombos e Araponga, onde estão inseridas as cooperativas. Posteriormente a esta caracterização será feita uma abordagem teórica acerca do cooperativismo de crédito no Brasil e o seu enquadramento no Sistema Financeiro Nacional (SFN), para logo após tratar do surgimento do Sistema Ecosol e das cooperativas mineiras que participaram desta pesquisa. As informações que serão apresentadas neste último item, em boa parte, resultam da pesquisa documental realizada em cada uma das cooperativas; das entrevistas com os coordenadores durante o pré-campo e das entrevistas com o contador e o técnico agrícola da Base Minas.

3.1 “EU VEJO COMO CARACTERÍSTICA DAS COMUNIDADES, DOS PRODUTORES, NÉ, AGRICULTURA FAMILIAR E BUSCANDO HOJE ESSA DIVERSIFICAÇÃO DE CULTURAS”: ONDE FOI REALIZADA A PESQUISA

Para caracterizar os municípios onde foi realizada a pesquisa, torna-se necessário entender primeiramente o contexto de colonização e a atual estrutura fundiária da região em que eles estão localizados, ou seja, é preciso que se saiba um pouco sobre a história da Zona da Mata Mineira.

A Zona da Mata é uma região (mesorregião na classificação do IBGE) que se situa ao leste do Estado de Minas Gerais, tendo como fronteiras os estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo. Abrange 142 dos 853 municípios mineiros e sua população era estimada em 1.971.000 pessoas, o que representava 11,4% da população do Estado (SANTOS, FLORISBELO, 2004). O nome desta região foi escolhido em virtude da densa floresta de Mata Atlântica que lá existia na época de sua ocupação, nos séculos XVIII e XIX.¹

¹ Atualmente, essa camada de Mata Atlântica está reduzida a apenas 7,6% da cobertura original, sobretudo em virtude da introdução das lavouras de café em meados do século XIX (CAMPOS, 2006).

Até o início do século XIX, a área que hoje corresponde à Zona da Mata Mineira era praticamente inexplorada economicamente, por ser território de povos indígenas como os Coroados, os Puris e os Botocudos. No ciclo do ouro (fim do século XVIII e início do século XIX), representava uma barreira natural ao acesso das minas de ouro e também ao seu contrabando. Neste mesmo período, a mata foi cedendo lugar às grandes fazendas de café, o que levou ao extermínio das populações indígenas pelos colonizadores europeus, sobretudo portugueses, para que suas terras pudessem ser utilizadas na produção agrícola.

Assim, a população local é formada por descendentes de indígenas, que foram os primeiros habitantes; portugueses, que chegaram com a exploração do ouro e depois foram se instalando como proprietários das fazendas de café; e afro-descendentes, que foram trazidos para a região para trabalhar como escravos nas fazendas de café. O que faz da Zona da Mata mineira uma região com alto grau de mestiçagem e inter-relação cultural.

Com o declínio das grandes fazendas de café e o passar dos anos, suas extensas áreas territoriais foram sendo subdivididas e substituídas por municípios menores com o passar dos anos. Atualmente é formada por “*una densa red de pequeños municipios y comunidades rurales*” (SANTOS; FLORISBELO, 2004, p. 12), consequência desse intenso processo de fragmentação de seu território. Mesmo nos municípios em que são observadas grandes extensões de plantação de café, como na Figura 1, estas geralmente não possuem apenas um titular, mas vários pequenos proprietários que trabalham em regime de parceria.



Figura 1 - Paisagens Representativas da Zona da Mata Mineira

Fonte: Dados da pesquisa (2009).

Prevalecem, assim, as pequenas explorações com uma agricultura pouco intensiva quanto ao investimento de capital, sendo o café a cultura permanente que se destaca como principal fonte de renda para os agricultores da região, embora a predominância da monocultura do café tenha sido responsável pela forte degradação ambiental na região e prejudicado diretamente os pequenos produtores locais que não podiam arcar com os elevados custos deste modelo produtivo. Apesar disto, as pequenas propriedades ainda são bastante importantes na região no que tange às culturas de subsistência. Apresenta relevância para a economia local, a pecuária, sobretudo na produção de lácteos.

Na Figura 2 a seguir podemos observar a localização da Zona da Mata no estado de Minas Gerais, com destaque para as cidades em que estão localizadas as cooperativas que participaram da pesquisa.

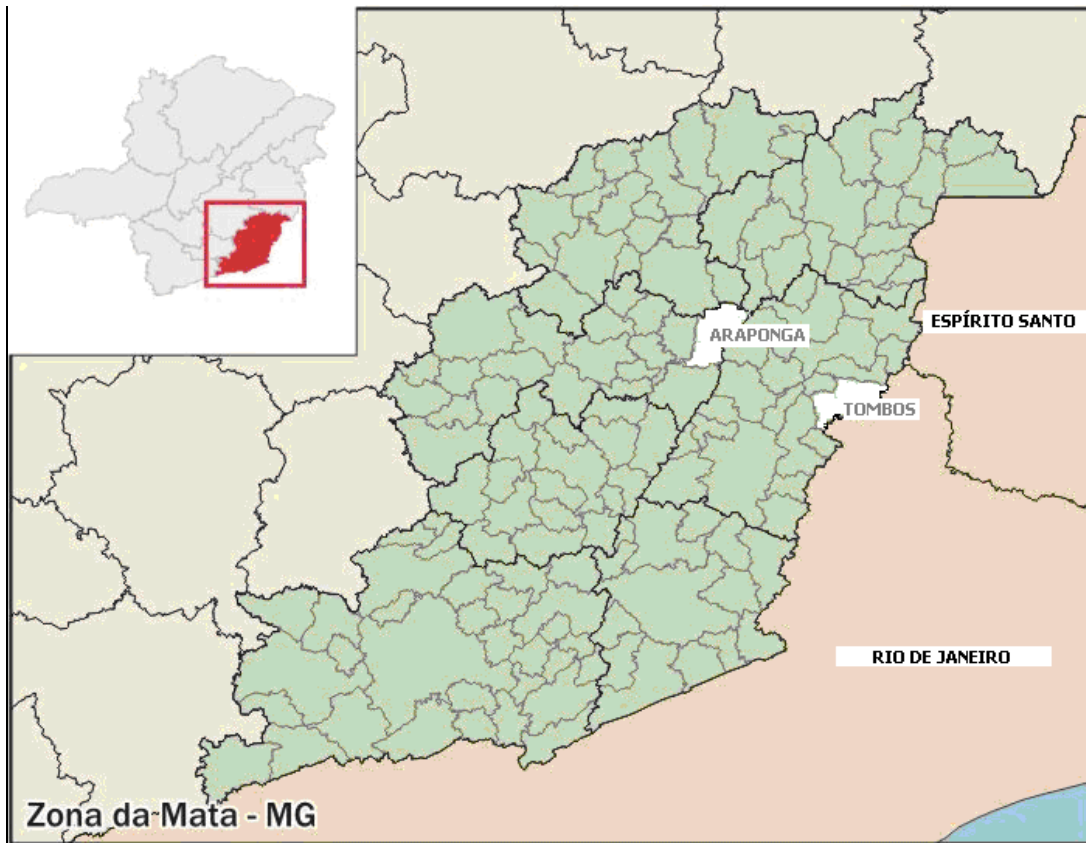


Figura 2 - Mapa da Zona da Mata Mineira

Fonte: Adaptada de Associação dos Produtores Florestais do Sudoeste de Minas Gerais (2007).

Quanto aos municípios em que estão as duas cooperativas, Tombos está situado na microrregião de Muriaé, a 389 km da capital Belo Horizonte (DEPARTAMENTO DE ESTRADAS DE RODAGEM DE MINAS GERAIS, 2010), na divisa entre os Estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Possui uma área de 283 km² (IBGE, 2010).

A formação do povoado que deu início à cidade ocorreu no começo do século XIX com a chegada do Cel. Maximiliano José Pereira de Souza e seus familiares à região. Como esta possuía excelentes terras para agricultura e pecuária, a partir da instalação do coronel foram desenvolvidas as atividades agrícolas, sobretudo o plantio do café, formando o pequeno núcleo populacional que lhe deu origem.

Em 1853, esse povoado foi elevado a distrito e em 1923, por meio da lei nº 843, de 07 de setembro, Tombos tornou-se município. O nome “Tombos” foi escolhido em alusão às três quedas d’água que formam a cachoeira no Rio Carangola, que o corta.

De acordo com dados do IBGE (2009), a população de Tombos é estimada em 8.881 habitantes, divididos entre a sede do município e dois distritos: Água Santa de Minas e

Catuné. Nas últimas décadas, a tendência em Tombos foi de aumento da população urbana em relação à população rural que, de acordo com Durán (2001), pode ter sido ocasionado por dois motivos distintos: as políticas extensionistas de saúde e controle da natalidade da década de 1970 podem ter causado influência sobre a taxa de natalidade da população ou o aumento da pobreza no meio rural pode ter levado os agricultores a procurarem melhores condições de vida no meio urbano.

Importante ressaltar que mesmo morando no núcleo urbano do município, os moradores de Tombos não perderam o vínculo com o meio rural, muitos mantêm um pequeno sítio e continuam produzindo, outros ainda têm vínculos através de parentes próximos, como pais e avós.

A base da economia em Tombos se divide entre a pecuária leiteira, na parte baixa do município e o café na parte alta (SANTOS; FLORISBELO, 2004). Eram 1.256 hectares de plantação de café que produziram 1.281 toneladas num valor de R\$4.484 mil, que representa a produção mais expressiva para o município (IBGE, 2008). Ainda constam como cultura de produção local a banana, o maracujá, o coco-da-baía, arroz, feijão, milho, tomate e a cana-de-açúcar.

O envolvimento em torno de questões políticas pelos agricultores em Tombos é bastante acentuado e isto se deve principalmente à articulação em torno do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) e partidos políticos, sobretudo do Partido dos Trabalhadores (PT).

O STR foi criado em 1985 e “[...] *desde entonces esta desarrollando acciones dirigidas para garantizar los derechos de trabajo y de seguridad social de los trabajadores rurales asalariados y jornaleros, de las haciendas de la región*” (SANTOS; FLORISBELO, 2004, p. 16). A partir da ligação com o STR, em 1998 um grupo de mulheres começou a se organizar e deu origem, em 2000, à Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais de Tombos (AMART). Também em 1998 foi criada a Associação de Pequenos Agricultores e Trabalhadores Rurais (APAT) que “[...] *asumió la misión específica de viabilizar procesos de organización de la producción, el beneficio y la comercialización*” (SANTOS; FLORISBELO, 2004, p. 17). Com o apoio da APAT e por meio de um projeto financiado pela Fundação Interamericana (IAF), em 2001, foi criado o Mercado do Agricultor com vistas a facilitar a comercialização da produção familiar.

O PT surgiu no meio rural do município com a proposta de trabalhar a favor dos agricultores e, em 2006, ganhou as eleições, porém não foi capaz de concretizar tudo aquilo

que havia prometido e planejado, o que desencadeou logo após, uma ruptura no partido em que algumas pessoas se desvincularam e formaram uma nova chapa pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB). Isso, de certa forma, desarticulou o relacionamento das organizações locais entre si e com a prefeitura. Fato que na maior parte das vezes se torna um empecilho para o atendimento das demandas dos agricultores, uma vez que estas organizações acabam tendo interesses concorrentes.



Figura 3 - Os municípios onde estão as cooperativas

Fonte: Dados da pesquisa (2009).

Já no que diz respeito à Araponga, este município surgiu como povoado por volta de 1781, época do ciclo do ouro no estado. Em 1857 foi elevado a distrito e, em 1962 pela Lei 2.764, tornou-se então município.

Localizado na microrregião de Viçosa, a 283 km de Belo Horizonte, o município possui uma área total de 304 km². Está situado em um dos pontos mais altos da Zona da Mata,

tendo como pontos geográficos e turísticos que se destacam os Picos do Boné e do Soares, localizados no Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB).²

A população araponguense é estimada, de acordo com o IBGE (2009), em 8.328 habitantes, distribuídos entre a própria sede e o distrito de Estevão Araújo. Segundo Tiradentes (2004), a população do município tem um caráter predominantemente rural, caracterizado pela eminente vocação agrícola e ausência de um processo de urbanização forte, como ocorreu em vários outros municípios vizinhos.

A agropecuária é apontada como a principal atividade econômica do município: arroz, feijão, milho, café, mandioca, cana-de-açúcar, banana e tangerina são as produções locais. Sendo o café a lavoura mais expressiva, assim como em muitos municípios da Zona da Mata Mineira.

Tanto da parte urbana do município quanto das estradas que levam à zona rural podem ser avistadas grandes áreas de plantio de café. Por meio dessa observação pode-se imaginar que existem somente grandes produtores em Araponga e que estes são a maioria. O que não corresponde aos fatos observados. Tanto nos dados coletados durante as entrevistas quanto em pesquisas documentais e conversas informais, fica claro que os agricultores familiares são realmente maioria em Araponga e que este fato não pode ser notado através da observação das plantações de café porque o sistema de parceria³ é o que predomina na zona rural deste município. Assim, aparentemente existem grandes propriedades, ou melhor, grandes produções e produtores, mas na verdade o que existe mesmo são grandes extensões de lavoura de café plantadas por muitos agricultores que detêm pequenos pedaços de terra.

As organizações dos trabalhadores rurais em Araponga tiveram seu início fortemente influenciado pelas Comunidades Eclesiais de Base,⁴ no final da década de 1970. A partir desta mobilização das comunidades, surgiu a Conquista de Terras em Conjunto⁵ e, paralelamente, o

² O Parque Estadual da Serra do Brigadeiro foi criado em 1996, com vistas a conter a degradação das áreas de bosque do município, cuja maior parte (41, 03%) fica em Araponga. A área total do parque abrange outros seis municípios da região.

³ “A parceria é uma denominação comumente atribuída à relação econômica que ocorre na agricultura ou pecuária, na qual o proprietário de terra e o trabalhador dividem a produção com base no montante investido pelo proprietário e nos serviços prestados pelo trabalhador, mediante um contrato pré-estabelecido” (SILVA; BAPTISTELLA; VERDI, 2008, p. 42).

⁴ As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) representavam “um grupo de pessoas que, livremente, se escolheram, se reúnem para aprofundar seus conhecimentos do Evangelho que é o próprio Cristo; refletem e discutem suas necessidades e as necessidades dos outros, procurando soluções adequadas.” (ALMEIDA apud CAMPOS, 2006, p. 37).

⁵ A Conquista de Terras em Conjunto “[...] consiste num meio original de redistribuição fundiária, por meio da compra de terras em conjunto, a partir da troca e empréstimo de produtos agrícolas no interior de um grupo centrado em valores comuns e laços de parentesco e vizinhança” (ALVES, 2006, p. 1). Para maiores detalhes consultar Campos (2006).

Sindicato dos Trabalhadores Rurais com a proposta de representar os então considerados pequenos agricultores.

O STR é uma das organizações mais antigas e representativas no município. Existe desde o final da década de 1980 e foi responsável pelo surgimento das outras organizações, ações políticas e representativas que foram surgindo ao longo dos anos, nas palavras de um entrevistado “é uma coisa de pai pra filho”, considerando o sindicato o pai das outras organizações dos agricultores que existem no município, como a Associação dos Agricultores Familiares de Araponga (AFA), a Escola Família Agrícola Puri (EFA Puri) e a Cooperativa de Crédito da Agricultura Familiar e Economia Solidária (Ecosol Araponga) em que foi realizada a pesquisa.

3.2 “COOPERATIVAS TEM VÁRIOS TIPO, ENTÃO CÊ TEM DE PRODUÇÃO, CÊ TEM DE CONSUMO, CÊ TEM A COOPERATIVA DE CRÉDITO”: O COOPERATIVISMO DE CRÉDITO

[...] como as cooperativas de crédito podem atuar junto aos mais pobres, já que eles têm poucos recursos financeiros para movimentar e elas precisam sobreviver no mercado capitalista? (BÚRIGO, 2006, p. 160).

Uma cooperativa de crédito é uma instituição financeira formada por uma sociedade de pessoas para prestar serviços “bancários” e propiciar crédito de forma simples e vantajosa para seus associados.

Para Souza (1996, p. 11), “[...] as cooperativas de crédito foram, de certa forma, respostas a necessidades específicas, expressas em momentos determinados [...]”, ou seja, apareceram como uma alternativa frente ao sistema bancário tradicional excludente em alguns países e, como tal procuravam atender a um público que não era visado pelos bancos comerciais.

Na concepção do sistema bancário tradicional não havia, por parte desta população, demanda pelos serviços financeiros oferecidos e nem a possibilidade de serem pensados serviços compatíveis com o perfil desta população, pois nesta concepção estes “mal conseguem preencher as necessidades básicas de sua sobrevivência” (ABRAMOVAY, 2004, p. 21).

Neste sentido, as cooperativas de crédito foram idealizadas com o objetivo de estabelecer instrumentos que possibilitassem o acesso ao crédito e a outros produtos financeiros pelos associados; pudessem despertar-lhes o sentido de poupança e também conceder-lhes empréstimos com juros abaixo do mercado e menor burocracia que os bancos comerciais.

No Brasil, a primeira cooperativa de crédito foi constituída em 1902, na cidade de Nova Petrópolis/RS, idealizada pelo padre suíço Theodor Amstadt, seguindo o modelo Raffeisen.⁶ A idéia desta cooperativa pioneira, que funciona até hoje, era propiciar acesso a recursos financeiros pelos pequenos produtores rurais, cuja renda não era suficiente para cumprir com as garantias exigidas por outras instituições financeiras. A partir desta iniciativa foram então surgindo outras cooperativas pelo país, contudo foi na região Sul que estas tiveram maior desenvolvimento. Fato que, para Búrigo (2006), foi facilitado pelo processo de ocupação territorial e características culturais dessa região devido aos povos imigrantes.

Enquanto instituições financeiras, as cooperativas de crédito dependem de prévia e expressa autorização do Banco Central do Brasil (BACEN) para funcionar, sendo guiadas tanto pela Lei 5.764/71⁷ quanto pela Lei 4.595/64 (a Lei do Sistema Financeiro Nacional) e as resoluções expedidas pelo BACEN. De acordo com essas resoluções, podem ser constituídos diferentes tipos de cooperativas de crédito, segundo as necessidades do grupo de associados e do local onde estiver localizada a cooperativa em questão. Assim como para as cooperativas de outros ramos, estas também são denominadas conforme o serviço que pretendem prestar a seus associados, podendo ser, por exemplo, de crédito mútuo, crédito rural, livre admissão.

De acordo com a Resolução 3442/2007, inciso III do artigo 12, o quadro social de uma cooperativa de crédito rural deve ser formado por “pessoas que desenvolvam, na área de atuação da cooperativa, de forma efetiva e predominante, atividades agrícolas, pecuárias ou extrativas, ou se dediquem a operações de captura e transformação do pescado”.

As cooperativas de crédito rural, em grande parte, buscam levar até os pequenos produtores acesso ao crédito e a serviços que estes não conseguiriam obter através dos bancos comerciais, devido às garantias financeiras exigidas por esses e que tais produtores não

⁶ De acordo com a literatura sobre o cooperativismo de crédito, a constituição destas cooperativas no Brasil, seguiu basicamente o modelo alemão “Raffeisen” de crédito rural e o italiano “Luzzatti” de crédito urbano. Outros dois modelos importantes na história do cooperativismo de crédito são o alemão “Schulze-Delitzsch”, também conhecido como banco popular e vinculado ao meio urbano e o canadense “Desjardins”, com atuação no meio rural. Para maiores informações ver Souza (1996).

⁷ A Lei 5.764, de 16 de dezembro de 1971, é a chamada lei do cooperativismo e, como tal define a Política Nacional de Cooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas, e dá outras providências. Existe um projeto em tramitação para a reformulação e adequação desta lei.

conseguiriam suprir. Diferentemente dos bancos comerciais, as cooperativas de crédito não podem investir seus recursos fora de sua área de atuação, assim além de garantir (ou ao menos, tentar) o desenvolvimento econômico e social de seus associados ainda são agentes de desenvolvimento local, uma vez que captam recursos de seu quadro social e os reverterem em empréstimos a este mesmo quadro que possivelmente realizará compras no comércio local e com membros da própria comunidade.

Como salienta Abramovay (2004, p. 27), “[...] os bancos são fortemente estimulados a conceder empréstimos sobre a base de garantias reais – e portanto a um público socialmente limitado.” Tais fatos estimularam, em determinado período, aqueles excluídos do público almejado pelos bancos comerciais a buscarem alternativas compatíveis com a sua realidade para suprir suas necessidades de serviços financeiros. Salientando-se que estes excluídos incluíam uma grande parte da população do país.

De acordo com Búrigo (2006), o surgimento de cooperativas de crédito solidário no Brasil se dá no final da década de 1990, motivada em grande parte pela verticalização ocorrida entre os grandes sistemas de cooperativas de crédito, cuja justificativa era não haver mais espaço, também nas cooperativas, para aqueles que não possuíssem recursos financeiros suficientes para servir de garantia aos empréstimos pleiteados.

Assim, as cooperativas de crédito solidário moldam sua atuação por meio da possibilidade de que seus associados tenham acesso aos serviços financeiros que necessitam através de uma organização que esteja realmente preocupada em seu bem estar e da comunidade onde está inserida. Pois, para os associados de uma cooperativa constituída nestes moldes, “O crédito exprime [...] um ativo, um meio do qual dispõe a família na obtenção do que necessita para reproduzir-se. São relações estáveis, previsíveis e que se inserem dentro de um horizonte social relativamente conhecido pelos atores” (ABRAMOVAY, 2004, p. 45).

Estes fatores levam as cooperativas de crédito solidário a procurar ampliar suas bases sociais, através do aumento de seus quadros associativos. entretanto, esta ampliação deve ocorrer dentro dos limites que permitam a existência de redes de proximidade, segundo as quais baseou-se sua idealização e, como salienta Abramovay (2004), sejam capazes de satisfazer as funções sociais a que se propõe.

3.3 “EU VEJO MUITO A PALAVRA ECOSOL NISSO, UM NOVO CAMINHO, NÉ, PRA QUESTÃO DO CRÉDITO”: O SISTEMA ECOSOL EM MINAS GERAIS

O surgimento do Sistema de Cooperativas de Crédito da Agricultura Familiar e Economia Solidária (Sistema Ecosol) no país está diretamente vinculado a articulação entre os Sindicatos de Trabalhadores Rurais e a Central Única dos Trabalhadores (CUT), que já atuava em segmentos vinculados à economia solidária através da Agência de Desenvolvimento Solidário (ADS). Os trabalhos da ADS eram voltados para questões como crédito, reforma agrária e produção, porém em um certo momento acabaram percebendo que os trabalhos relacionados com a questão do crédito abrangiam um público diferenciado que precisava ser tratado de uma outra forma. Embora excluídos do sistema bancário tradicional, este público nunca esteve totalmente desprovido de mecanismos através dos quais pudesse suprir suas necessidades financeiras. Abramovay (2004) chama a estes mecanismos de finanças informais, cujas características principais são a facilidade de acesso e a redução da impessoalidade vigente nas relações que envolvem contratos com os bancos comerciais, uma vez que supõem outro tipo de relação social. Por isso, quando este público dito excluído, vislumbra a possibilidade de ter acesso aos recursos financeiros que necessitava, de uma forma menos burocrática e mais acessível a um maior número de pessoas, por meio desse trabalho da ADS, a procura por crédito tornou-se muito maior do que estas organizações imaginavam.

A partir desta constatação, a ADS decide constituir, com base em experiências consolidadas – como o Sistema de Cooperativas de Crédito Rural com Interação Solidária (Cresol) com atuação na região Sul –, um sistema de cooperativas de crédito, tomando como eixo estratégico de mobilização o protagonismo dos STRs. Após a articulação com os sindicatos, a ADS inicia os trabalhos e diagnósticos⁸ em alguns estados do país, criando assim uma central nacional em 2002 – Ecosol Central com sede em São Paulo/SP – em que foram reunidas cooperativas de crédito já existentes para compor o capital social necessário à constituição desta Central.⁹

⁸ Parte dos resultados obtidos nesta fase de diagnósticos pode ser encontrada em Abramovay (2004).

⁹ Durante a realização da pesquisa de campo essa central foi desativada e passou por um processo de reestruturação. Tal processo se deu em virtude da eleição de uma chapa composta somente por representantes das cooperativas rurais para a diretoria da Central, o que causou alguma agitação entre os representantes das cooperativas urbanas que preferiram se retirar do sistema. As cooperativas que deram início a essa central em São Paulo eram cooperativas de bancários, as únicas cooperativas de crédito urbanas que compunham o sistema

Posterior a estruturação deste sistema e com o apoio técnico e financeiro da ADS foram realizados cursos sobre cooperativismo de crédito em algumas regiões do país e um levantamento de municípios onde já existiam trabalhos coletivos (como fundos rotativos, trabalho de base forte nas associações e sindicatos) para a possível constituição das cooperativas de crédito que viriam a compor, junto com as primeiras cooperativas, o novo sistema.

Em Minas Gerais, os municípios selecionados foram Araponga e Espera Feliz, em razão dos trabalhos coletivos que vinham sendo realizados pela população rural. Porém, havia uma forte articulação em um município vizinho a Espera Feliz – Tombos – cujas organizações se movimentaram para que também se instalasse uma cooperativa neste município. Como já havia uma cooperativa de crédito em Espera Feliz, vinculada ao Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil (SICOOB), a opção para a constituição, após a negativa do Banco Central, foi a cidade de Tombos.

Assim, enquanto o processo de constituição destas duas cooperativas estava em trâmite no BACEN, eram realizadas reuniões e oficinas de capacitação para os futuros associados e dirigentes conjuntamente, alternando os locais de realização entre Tombos, Araponga e Espera Feliz – ainda havia a expectativa de a primeira proposta ser aceita pelo Banco Central – para que o maior número de agricultores interessados em se associar pudesse participar. Essa mobilização em torno dos agricultores que viriam a formar os quadros sociais destas cooperativas e o processo no BACEN durante 2003 e 2004, culminaram na abertura da Cooperativa de Crédito da Agricultura Familiar e Economia Solidária de Araponga (Ecosol Araponga) em novembro de 2004 e da Cooperativa de Crédito da Agricultura Familiar e Economia Solidária de Tombos, Pedra Dourada, Queirozes, distrito de Eugénópolis/MG (Ecosol Tombos) – que após ampliação de sua área de abrangência, em 2007, passa a ser denominada Cooperativa de Crédito da Agricultura Familiar e Economia Solidária da Zona da Mata e Leste de Minas Gerais (Ecosol ZM e Leste de MG) – em fevereiro de 2005.¹⁰

Na Figura 4 podemos observar como está estruturado o sistema no país, fruto deste trabalho inicial:

e, para efeitos legais ainda compõem a estrutura organizacional do Sistema Ecosol. Ao final de 2009, a Central foi reativada em Pernambuco.

¹⁰ Diferente do que acontece atualmente, quando estas cooperativas foram constituídas estava em vigor uma resolução do Banco Central em que o processo de constituição era realizado antes do processo de autorização para funcionamento, ou seja, toda a mobilização no sentido de capacitar os futuros associados, bem como o recolhimento das cotas-parte e da documentação destes eram realizados antes de saber se o processo de autorização de funcionamento seria aprovado. A partir da Resolução 3321/05, a ordem foi invertida.

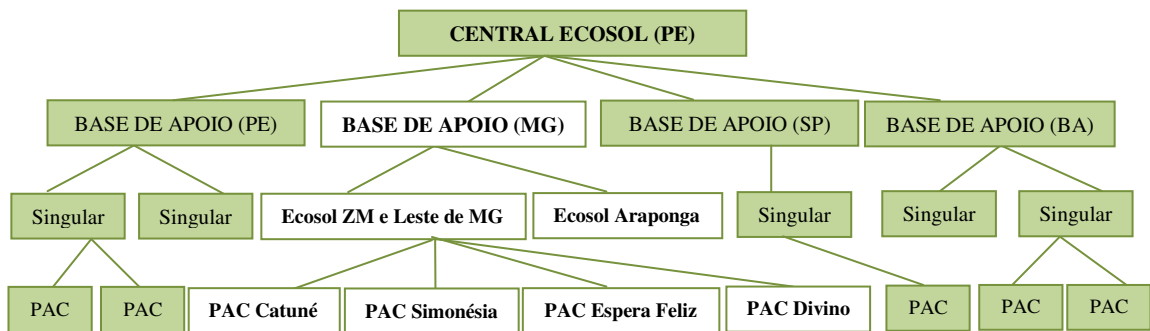


Figura 4 - Estrutura organizacional do Sistema Ecosol

Fonte: Dados da pesquisa (2009).

De acordo com esta figura, o Sistema Ecosol atualmente possui uma Central – Central Ecosol – que funciona no estado de Pernambuco (PE) e congrega três¹¹ bases de apoio e serviços regionais – uma em Pernambuco; outra em Minas Gerais (MG), a Base Minas e, outra na Bahia (BA). Essas bases são unidades de serviço para auxílio das cooperativas singulares em funcionamento nestes estados. Em destaque na figura, a área de atuação da pesquisa: Ecosol Araponga e Ecosol ZM e Leste de MG.

A Ecosol ZM e Leste de MG possui três¹² Postos de Atendimento ao Cooperado (PACs), nos municípios de Espera Feliz e Simonésia e no distrito tombense Catuné, que juntos possuíam 845 cooperados, em março de 2009. Sua área de atuação abrange dezessete municípios. Quanto à Ecosol Araponga, sua área de atuação é restrita ao município e esta possuía 340 cooperados, em junho de 2009, porém está em andamento um estudo de viabilidade para ampliação desta área de abrangência para alguns municípios vizinhos.

A estrutura organizacional das cooperativas é formada por um conselho de administração ou diretoria que responde pelos procedimentos legais da cooperativa. Este conselho é eleito em assembléia geral para representar o grupo maior de associados que, no caso da Ecosol Araponga, é formado por cinco membros, que devem ser também associados à cooperativa: o Coordenador Geral, o Secretário Geral, o Coordenador Financeiro e dois coordenadores conselheiros; e, no caso da Ecosol ZM e Leste de MG, que possui PACs, seu conselho de administração é formado por onze membros: o Coordenador Geral, o

¹¹ Em virtude do impasse sobre a permanência das cooperativas paulistas no sistema e pelo fato da Central se situar em São Paulo até pouco tempo, a base de apoio deste estado citada na Figura 4 ainda não está em funcionamento, não sendo portanto considerada nas descrições dos coordenadores entrevistados.

¹² Durante a pesquisa de campo estava em processo de abertura o PAC do município de Divino. Este foi inaugurado no final de 2009, por isso consta na estrutura organizacional, mas não está contabilizado no número de associados citados acima e na formação do Conselho de Administração detalhada mais a frente.

Coordenador Financeiro, o Secretário Geral, quatro conselheiros, os dois coordenadores gerais e os dois coordenadores financeiros dos PACs. Cada uma das cooperativas possui também um conselho fiscal composto por três membros efetivos e três suplentes, que na Ecosol ZM e Leste de MG, é formado por dois associados de cada parte (sede e PACs); um Comitê Gestor de Crédito, responsável pela análise e gestão da carteira de crédito e consequente liberação de empréstimos, composto na Ecosol ZM e Leste de MG pelo Coordenador Financeiro, dois Coordenadores Conselheiros e três associados eleitos em assembleia e na Ecosol Araponga pelo Coordenador Financeiro, um dos coordenadores conselheiros, dois representantes do STR Araponga e três associados eleitos em assembleia.

Os PACs de Espera Feliz, Divino e Simonésia contam com uma estrutura organizacional própria, como pode ser percebido, com seus coordenadores gerais e financeiros, comitês gestores de crédito e conselhos fiscais próprios, uma vez que se localizam em municípios diferentes da sede. Somente o PAC Catuné que fica num distrito de Tombos está diretamente vinculado a sede, utilizando a mesma estrutura organizacional desta.

Uma particularidade na estrutura organizacional da Ecosol Araponga é a presença de um representante do STR no comitê gestor de crédito, que ocorre justamente pela ligação entre este e a cooperativa. Quando a cooperativa foi constituída, só eram admitidos associados vinculados ao STR, porém desde a assembleia de 2009 esta exigência estatutária foi revogada, uma vez que restringia a associação de agricultores não sindicalizados e já havia a pretensão de ampliar a área de abrangência.

Em Araponga, a cooperativa passou a funcionar num imóvel próprio, desde 2008, em terreno cedido pelo STR, o que diminuiu os custos de aluguel, pois no início funcionava numa pequena sala dentro do Sindicato. Em Tombos, a cooperativa ainda funciona em um imóvel cedido pela Prefeitura.

Os serviços oferecidos pelas cooperativas são basicamente aplicação em poupança, os financiamentos – ou empréstimos – e investimento em cota-parte. As aplicações em poupança variam entre as opções de 30, 60, 90 e 180 dias que rendem de 0,8% até 1,2% de juros. Os empréstimos, também chamados de linhas de crédito são classificados em: crédito pessoal, liberado para pessoas físicas, sem destinação dos fins e, crédito rural, para investimento e/ou custeio agrícola ou pecuário. Neste caso deve ser elaborado um projeto ou plano para ser assessorado tecnicamente. Cada uma das cooperativas – ou PACs – tem liberdade de propor novos serviços ao seu quadro social, desde que estes atendam às necessidades específicas deste e não entrem em conflito com o estatuto social. Por exemplo, o PAC de Espera Feliz

trabalha um tipo de poupança, chamada Poupança da Família, que foi especificamente idealizada para atender a demanda dos cooperados em poupar recursos para despesas com a família, como a educação dos filhos.

As cooperativas realizaram durante algum tempo a montagem de projetos do PRONAF para os seus cooperados, sem o repasse do recurso, pois trabalhavam por meio de um contrato de trabalho conjunto com o Banco do Brasil, que visava facilitar o acesso dos agricultores a este recurso, por não haver agências do Banco do Brasil nestes municípios.

Especificamente em Araponga, a cooperativa trabalha também os recursos do fundo rotativo, que é um recurso utilizado por um grupo de agricultores que criaram em 1989 a “Conquista de Terras em Conjunto”¹³, um “meio original de redistribuição fundiária, por meio da compra de terras em conjunto, a partir da troca e empréstimo de produtos agrícolas no interior de um grupo centrado em valores comuns e laços de parentesco e vizinhança”. (ALVES, 2006, p. 1).

Já em Tombos, há um convênio com o Banco Popular do Brasil para o recebimento de boletos bancários, serviço que permite o acesso de pessoas não filiadas à cooperativa e seus PACs.

As cooperativas Ecosol possuem uma forma diferenciada de análise dos pedidos de associação e de empréstimos. Além do preenchimento de uma ficha específica e entrega de cópias dos documentos – exigências estatutárias –, as informações prestadas pelos pleiteantes de um empréstimo ou associação à cooperativa são analisadas pelos coordenadores e conselheiros, durante a reunião mensal do conselho de administração, de acordo com o conhecimento que estes têm sobre esta pessoa. Por exemplo, ao analisar uma ficha de empréstimo/associação, os coordenadores discutem entre si quem é o associado (quem o conhece?); a qual comunidade pertence (é filho de quem?); qual é o seu trabalho (vai conseguir quitar as parcelas do empréstimo?) ou como é a sua propriedade (vai realmente investir o dinheiro no que propôs na ficha de empréstimo?) e, principalmente, qual o grau de confiança que esta pessoa inspira para fazer parte da cooperativa ou pleitear um empréstimo (como é o seu comportamento no dia-a-dia com seus compromissos? É bom pagador? Cumpre sua palavra?).

Nas Figuras 5 e 6 seguintes são apresentadas algumas fotos da Ecosol Araponga e da Ecosol ZM e Leste de MG respectivamente:

¹³ Para maiores detalhes consultar Campos (2006).



Figura 5 - Ecosol Araponga

Fonte: Dados da pesquisa (2009).



Figura 6 - Ecosol Zona da Mata e Leste de Minas Gerais

Fonte: Dados da pesquisa (2009).

4 “SE A GENTE PENSAR EM SEMPRE SOMÁ, SEMPRE VEM MAIS UM, VEM MAIS OUTRO, NÉ?”: A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA COOPERAÇÃO ENTRE OS ENTREVISTADOS DA ECOSOL

O objetivo deste capítulo é demonstrar como a representação social da cooperação é apresentada pelos cooperados da Ecosol na Zona da Mata de Minas Gerais. Para tanto, pretende-se trabalhar de forma articulada as representações do grupo de entrevistados e os conceitos teóricos que as envolvem, tais como o da cooperação, das representações sociais e, paralelamente o caráter institucional destas, como uma variável que surgiu durante o tratamento dos dados obtidos. Dessa forma, num primeiro momento serão abordados os resultados referentes aos termos evocados pelos entrevistados durante a aplicação da associação livre de palavras, procurando responder às seguintes questões: quais termos surgiram? Com que frequência? E, o que está mais presente no discurso deste grupo? É também aqui onde serão apresentados os conceitos teóricos que darão sustentação à análise que se seguirá. Num segundo momento, será trabalhada a subjetividade inerente à descrição das figuras escolhidas pelos entrevistados para representar a cooperação.¹ Serão utilizadas também, as respostas obtidas através de quatro questões do roteiro de entrevistas que visavam dar um suporte direto à compreensão da base primeira das representações apresentadas pelos entrevistados.

¹ A ideia de solicitar ao entrevistado a descrição de um desenho (em que os entrevistados decidiam se o colocariam no papel ou não) foi utilizada com o objetivo de tornar mais evidente a representação social da cooperação, através da obtenção de elementos subjetivos. Ao final de cada entrevista era solicitado ao entrevistado que imaginasse uma figura que acreditasse representar a cooperação e descrevê-la à entrevistadora, explicando o porquê desta escolha.

4.1 “É SOLIDARIEDADE, CAMINHÁ JUNTO, NÉ? É A SOMA DO ESFORÇO DAS PESSOAS, NÉ?”: A REPRESENTAÇÃO DA COOPERAÇÃO ATRAVÉS DOS TERMOS INDUTORES

[A representação social] é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. (JODELET, 2002, p. 22).

A representação social evocada por determinado grupo dá margem a uma interpretação da realidade que se pretende alcançar, uma interpretação diretamente derivada da relação deste grupo com o contexto em que está inserido, somada às experiências anteriores de cada um dos indivíduos. No que tange à pesquisa em representações sociais, um dos instrumentos utilizados para alcançá-las é a associação livre de palavras. Especificamente para os fins desta pesquisa, durante a aplicação desta técnica foram usados dois termos indutores: “cooperação” e “Ecosol”, para atingir a representação social da cooperação entre os cooperados entrevistados da Ecosol em Minas Gerais. Estes termos foram escolhidos para serem trabalhados de forma complementar, uma vez que acreditava-se haver uma ligação direta entre eles, entretanto, conforme foram sendo realizadas as entrevistas, percebeu-se que estes termos, mais do que se complementam, confundem-se na percepção dos entrevistados.

Mas, onde se situam as representações sociais na discussão acadêmica? Qual a base teórica capaz de dar suporte tanto à pesquisa quanto à análise dos dados obtidos sobre representações?

No que tange ao aspecto teórico-conceitual, o conceito de representações sociais foi cunhado por Serge Moscovici,² no campo da Psicologia Social, com influências diretas do conceito de representações coletivas de Durkheim, acrescido da influência do construtivismo de Piaget e dos estudos sobre o inconsciente em Freud. Para Jovchelovitch (1996), não só a sociologia de Durkheim – com a ideia de existência do fato social, que vai dar às representações sociais estatuto de concreticidade –, mas também a noção de construtivismo de Piaget – onde sujeitos sociais constroem significados, conhecimentos – e os estudos sobre

² Porém, Minayo (1992) discute o conceito de representações sociais, no âmbito das ciências sociais, considerando a discussão acerca deste para autores como Weber, Marx e Durkheim, partindo do pressuposto que este último foi o primeiro autor a utilizar o termo “representações sociais” como correlato de suas representações coletivas.

inconsciente de Freud – balizados na ideia de que saberes sociais são formados também por afetos, inclusive inconscientes – vão ser pilares importantes na construção deste conceito.

Na teoria freudiana, o inconsciente, por sua incapacidade de pensar ou julgar, vai dar as coisas do mundo uma nova forma e, é justamente por essa incapacidade que ele encontra uma maneira alternativa de se expressar, através da representação, ou seja, a capacidade de recriar aquilo que está ao redor do sujeito e que ao mesmo tempo o influencia em sua relação com o mundo (JOVCHELOVITCH, 1995). Segundo os argumentos apresentados pela autora, é através da ação de sujeitos sociais, criando e recriando o mundo que os cerca que se abre um espaço – a esfera pública – onde este grupo de sujeitos sociais passa a “desenvolver e sustentar *saberes* sobre si”, ou seja, a dar vida às representações sociais.

De acordo com Pereira (2002), retomando as representações coletivas, Durkheim se propunha a analisar como o pensamento coletivo era capaz de influenciar a consciência de um indivíduo, considerando que este estava inserido numa sociedade determinada. Para tanto, ponderava que a subjetividade coletiva causava sobre os indivíduos uma coerção, resultando disso que estes não pensariam por si mesmos, mas influenciados pela sociedade. Assim, para entender como o indivíduo é capaz de representar o mundo que o cerca, parte de estudos sobre as formas de classificação utilizadas por este, porém sempre considerando que estas classificações são fruto de sua inserção na sociedade.

A característica principal do pensamento de Durkheim era explicar os sistemas de classificação adotados por determinados povos, através do estudo de sociedades primitivas, pois estas seriam mais apropriadas aos interesses de suas pesquisas, sendo consideradas sociedades menos complexas e como tal, de melhor e mais fácil observação (FARR, 1995).

O autor argumenta, em seu texto “As formas elementares da vida religiosa” que o fato de estudar as sociedades ditas primitivas não significava, contudo, que se fosse explicar necessariamente a origem de determinada sociedade, mas sim as causas que estão por trás daquilo que a sociedade é atualmente:

Portanto, todas as vezes que se empreende explicar uma coisa humana, tomada em um momento determinado do tempo - quer se trate de uma crença religiosa, de uma regra moral, quer de um preceito jurídico, de uma técnica estética, de um regime econômico -, é preciso começar por retroceder até sua forma mais primitiva e mais simples, procurar dar conta dos caracteres pelos quais ela se define neste período de sua existência, depois mostrar como ela se desenvolveu e se complicou pouco a pouco, como ela se tornou o que é no momento considerado (DURKHEIM, 1978, p. 207).

Esta é também uma marca nos estudos sobre as representações sociais, não mais retornando a sociedades primitivas como fazia Durkheim, dada à complexidade de nossa sociedade que torna esta empreitada inviável e também, como afirma Arruda (2002), porque uma representação social é uma tradução da realidade, uma versão da realidade que está em constante transformação, assim como o objeto que tenta elaborar.

É relevante mencionar que o estudo das representações no âmbito das ciências sociais – sejam elas adjetivadas como sociais ou coletivas –, começa como uma onda de reivindicação sobre um campo de estudo negado pelas ciências naturais e seus métodos fundados no positivismo, uma vez que para estas últimas tais estudos não eram considerados “ciência”, mas conhecimento vulgar, do senso comum e, por isso, sem nenhum valor científico.

Moscovici, ao trabalhar o conceito de representações sociais no âmbito de sua Teoria das Representações Sociais, almejava ampliar o horizonte de aplicação deste conceito, de forma que este fosse capaz de explicar as dimensões da realidade cujas teorias anteriores a sua – ancoradas numa visão parcial da realidade e de caráter positivista e funcionalista –, não conseguiam explicar. Dessa forma, o conceito de representações sociais “deveria dar conta, era [de] uma realidade que compreendesse as dimensões físicas, sociais e culturais. E o conceito deveria abranger a dimensão cultural e cognitiva; a dimensão dos meios de comunicação e das mentes das pessoas; a dimensão objetiva e subjetiva” (GUARESCHI, 1995, p. 193).

Mas, de acordo com a discussão teórica, o que diferencia as representações sociais das representações coletivas?

Sperber citado por Guareschi (1995) questiona-se sobre a razão de, em determinadas populações, algumas representações serem mais contagiosas que outras e, a partir da resposta a esta questão, traça uma distinção entre as representações sociais e as representações coletivas. Para ele, algumas representações são transmitidas de forma lenta durante gerações, são as tradições e, por isso, estão mais ligadas à cultura – o que vai caracterizar as representações coletivas. Por outro lado, existem representações que são mais típicas da cultura moderna e, dessa forma, espalham-se com rapidez entre a população, entretanto seu período de vida é muito curto, neste caso, estamos lidando com as representações sociais (GUARESCHI, 1995).

Por isso, ao se propor estudar as representações sociais de um determinado grupo, há que se considerar, como salienta Pereira (2007), o contexto em que tais representações estão

inseridas e também o quanto podem ser transformadas por este. No campo da aplicação deste conceito à vida cotidiana de um grupo específico é preciso que se considere, sobretudo, o processo de construção que há por detrás das representações que emanam deste grupo.

De acordo com Jovchelovitch (2000),

As representações sociais são forjadas por atores sociais para lidar com a diversidade e a mobilidade de um mundo que, ainda que pertença a todos nós, coletivamente nos transcende. Elas são um espaço potencial de fabricação comum, onde cada um vai além das dimensões de sua própria individualidade para entrar noutra dimensão, fundamentalmente relacionada com a primeira: a dimensão da esfera pública. (JOVCHELOVITCH, 2000, p. 81).

Neste sentido, as representações apresentadas pelos cooperados entrevistados acerca da cooperação, a partir dos resultados obtidos na coleta de dados, deriva basicamente de seu relacionamento com a cooperativa e de um discurso institucionalizado que emerge dessa relação. Com base nos relatos das entrevistas, observou-se que uma pequena parcela dos cooperados ingressou na cooperativa já apresentando um pensamento formado sobre o ato de cooperar e da própria operacionalização da cooperativa e a outra parcela dos cooperados – a maior – não possuía uma ideia formada sobre a cooperação e nem em relação ao trabalho desempenhado pela cooperativa. De acordo com o seu envolvimento com a Ecosol, seja por meio de capacitações ou pelo contato direto com suas operações, estes dois grupos passaram a reproduzir um discurso sobre a cooperação derivado, em parte, da percepção que possuem sobre esta organização.

Mas, afinal, o que torna a cooperação uma ação concreta no interior de determinados grupos, neste caso o grupo de associados de uma cooperativa?

Tendo em vista que a natureza cooperativa se dá primordialmente pela organização de pessoas, a constituição de uma cooperativa acaba por envolver não só o contexto econômico de cada comunidade, mas, sobretudo, as motivações de cada pessoa a aderir ao empreendimento. Alguns autores sustentam que quanto maior a necessidade sentida pelos seus membros, maior a propensão à cooperação. Como Olson (1999) ao propor uma análise a partir da teoria econômica, a partir da qual não existe sentido integrar-se a determinado grupo quando os interesses do indivíduo podem ser supridos de uma forma satisfatória através de sua ação individual. Esta análise, embora ajude a entender em parte o comportamento de determinados indivíduos, está muito focada em uma visão pragmática da interação nos

grupos. Existem sempre interesses individuais em jogo no interior dos grupos, mas nem sempre – e, sobretudo, para o grupo pesquisado – estes se sobrepõem ao interesse comum que os une.

Para Elster (1994, p. 161), a cooperação pode se apresentar segundo dois sentidos: um onde cabe falar em “atos individuais de cooperação” e outro onde se fala de “um conjunto de atos de cooperação”. No que tange ao primeiro sentido, encontram-se reunidas aquelas ações realizadas por um indivíduo isolado, mas que vêm a beneficiar o grupo, como por exemplo, remover o lixo de um local público. Quanto ao segundo sentido, estão reunidas as ações que dependem de um grupo de indivíduos reunidos sob o mesmo propósito, num ato interativo. Aqui o trabalho realizado pelo grupo de cooperados em torno do cumprimento do objetivo social da cooperativa que formam, pode servir como um bom exemplo.

Do mesmo modo, Valadares (2002) atribui dois sentidos a cooperação. Entretanto, no seu caso, considera a cooperação como um conceito de ação e um conceito de instituição. Para o conceito de ação, a cooperação é entendida como sinônimo de trabalho conjunto e “é a ação consciente de unidades econômicas (pessoas físicas ou pessoas jurídicas) para uma finalidade comum, sendo as atividades individuais dos participantes coordenadas através de negociação e acordo”. No que se refere ao conceito institucional, está ancorada em instituições e organizações denominadas cooperativistas – como cooperativas, associações, consórcios, condomínios, redes empresariais – e é mais que um agrupamento humano, neste caso, a “organização associativa é, também, dependente do conjunto de meios materiais e financeiros em torno dos quais se dará a reorganização das relações de produção.” Embora o autor separe dois sentidos para o conceito, é possível perceber que, tratando-se de organizações cooperativas, há uma mescla destes sentidos, pois é preciso que haja um trabalho conjunto, fruto de atividades coordenadas através de regras acordadas entre os participantes que darão origem a uma organização, por meio da qual serão atendidas algumas necessidades do grupo, ocasionando uma provável reorganização das relações de produção.

Qual é, então, o sentido do comportamento cooperativo? Para que serve trabalhar em prol de um objetivo comum ao grupo? Estas são questões que permeiam o debate em torno da cooperação e, frequentemente causam inúmeras discussões cujo consenso nem sempre é a solução final (alcançada).

A cooperação é visivelmente vantajosa em muitos casos, porém para que ocorra de forma satisfatória é necessário que, como salienta Gambetta (1996), exista entre os agentes

envolvidos a consciência da confiança mútua, uma vez que desta depende a continuação do trabalho cooperativo.

Para além de se basear na confiança mútua, há também que se considerar os custos e os riscos envolvidos no ato de cooperar, pois este supõe que um indivíduo necessariamente dependerá de outro. Em atividades grupais, onde o trabalho conjunto é o meio para se atingir determinado fim comum, as pessoas que formam o grupo estão apoiadas na realização do ato de terceiros. E, partindo do pressuposto de que atividades grupais envolvem pessoas com personalidades e interesses divergentes não é possível que os envolvidos controlem ou monitorem o trabalho uns dos outros. Pois, como salienta Brunkhorst (1996), não se pode excluir a possibilidade dos agentes envolvidos mudarem suas intenções ao longo da ação, neste caso, durante o ato de cooperar.

Desta forma, como destaca Gambetta (1996, p. 119) a cooperação “torna-se particularmente passível do risco relacionado à potencial deserção de outros”, o que a torna um ato extremamente complexo e muitas vezes desacreditado até mesmo por aqueles que estão intimamente ligados a sua execução, porém é necessário que, além de serem destacadas suas vantagens, sejam muito bem conhecidos também os riscos, desafios e as dificuldades que serão enfrentados para que o trabalho coletivo seja satisfatoriamente realizado. Como salienta Lima (2006):

Não existem, entretanto, grupos absolutamente centrípetos e harmoniosos, já que o social, para alcançar uma configuração qualquer, precisa tanto da harmonia quanto da desarmonia, da associação e da competição. Daí se depreende que a unidade pode ser designada como consenso, mas também como síntese de energias onde estão incluídas discordâncias e oposições. (LIMA, 2006, p. 8).

Portanto, a cooperação embora tenha um sentido geralmente positivo – de solidariedade, união, ajuda, adiantando algumas expressões citadas nas entrevistas – é na prática cotidiana dos grupos que se propõe a cooperar que emergem os conflitos, discordâncias e oposições, como evidenciado no trecho acima, e em que se manifestam também as especificidades das experiências individuais que vão dar o tom da representação social que este grupo apresentará sobre determinado assunto. Porém, como afirma Jovchelovitch (1995), as representações sociais não podem e não devem ser diretamente relacionadas à atividade representacional puramente dita, elas estão relacionadas às práticas sociais e à comunicação entre os indivíduos, como o diálogo, rituais, padrões de trabalho,

produção, enfim um conjunto de atividades que vai além do indivíduo e de seu mero agrupamento, ou seja, atividades que emergem do social enquanto totalidade.

A partir disso, qual são, então, as representações sociais da cooperação presentes entre o grupo de entrevistados da Ecosol em Minas Gerais? É possível sintetizar em algumas linhas o que foi exposto durante as entrevistas?

No que tange a esta pesquisa, a representação social da cooperação está significativamente ligada ao histórico de envolvimento deste grupo com a constituição destas cooperativas, como foi dito. Assim as falas proferidas pelos entrevistados durante a aplicação da técnica de associação livre de palavras apresentam expressões de conotação positiva, na maioria das vezes. Neste sentido, os principais termos evocados para o conjunto de entrevistados são “união”, “solidariedade”, “trabalho conjunto/ajuda” e “organização de pessoas”. Estes termos estão muito presentes no discurso institucional do Sistema Ecosol, que se apresenta através de fragmentos referentes aos objetivos sociais de cada uma das cooperativas, diretamente derivados dos princípios estabelecidos para todo o sistema.³ Tais fatos poderão ser comprovados também através da análise das falas referentes ao termo “Ecosol” e dos próprios desenhos, como será apresentado posteriormente. Aparecem com menor evidência, expressões como “algo novo”, “facilidade de acesso ao crédito”, “desenvolvimento”, que estão igualmente vinculadas ao discurso apresentado pela organização.⁴

Como ressalta Lima (2006, p. 1-2), o conceito de cooperação não possui um sentido único, apreende-se no discurso de diferentes agentes sociais – que a autora em questão separa entre governamentais e não-governamentais – “convergências de significados conforme articulação do termo a noções de sentido julgado correlato ou intrínseco”, originando expressões como solidariedade, desenvolvimento, integração e interdependência, diretamente relacionadas à cooperação, tal como pode ser notado entre as expressões citadas pelos entrevistados.

Para o grupo de entrevistados da Ecosol ZM e Leste de MG, fica evidente que a representação a cooperação está diretamente vinculada ao conhecimento e relação que mantêm com a cooperativa. Quando vistos os discursos apresentados por estes entrevistados percebemos a cooperação se mostra relacionada ao trabalho realizado pela cooperativa, de

³ Estes princípios podem ser encontrados em Ecosol (2009).

⁴ De acordo com Appendini e Nuijten (2002), grande parte dos estudos que procuram distinguir entre organizações e instituições, enfatizam, por um lado, os aspectos normativos das instituições e, por outro, a parte estrutural das organizações. Não fugindo à regra, neste estudo, as expressões instituição e organização serão utilizadas neste sentido.

modo que não se observa nas falas a diferenciação semântica entre os termos – cooperação e Ecosol –, como mostra o trecho seguinte:

É solidariedade, né? **Trabalho solidário**, né? Aonde o pequeno vai ajudando o outro, né? O que é totalmente **diferente da questão dos bancos convencionais, quando fala em cooperativa de crédito principalmente**, nós pensamos num **modelo diferente aonde o trabalhador** que é mais simples **tenha o mesmo acesso** que um outro que tem o poder aquisitivo mais elevado. (DEPOIMENTO ORAL).⁵

Embora a associação entre cooperação e as práticas realizadas pela cooperativa fosse, de certa forma, um resultado esperado, como pode ser notado nos grifos acima, dado o fato dos entrevistados serem *cooperados* e a cooperativa ser seu principal elo com o cooperativismo, suas práticas e significados, é freqüente nas respostas ao termo cooperação, estes se referirem à cooperativa e ao trabalho realizado por esta. Enfatizando a diferença entre a atuação da cooperativa e os bancos comerciais tal qual a apreendem, como no trecho em que o associado citado acima afirma que a cooperativa representa um “modelo diferente aonde o trabalhador que é mais simples tenha o mesmo acesso que um outro que tem o poder aquisitivo mais elevado”.

Já entre os entrevistados vinculados a Ecosol Araponga, as falas ganham outra direção, uma vez que o discurso gira em torno de poucos termos, como “união”, “ajuda” e “solidariedade”. Mesmo que seja evidente a ligação do discurso com o histórico de envolvimento de cada um dos entrevistados da cooperativa por terem participado, via STR, do processo de mobilização para a constituição da mesma, este vínculo não é explicitamente exposto na maioria das falas, neste primeiro momento das entrevistas.

Como explicar estes discursos? Douglas (1998, p. 105), tomando como base as concepções de Durkheim sobre representações coletivas, questiona-se: “Como é possível pensarmos sobre nós mesmos na sociedade a não ser usando as classificações estabelecidas em nossas instituições?”

Os dados resultantes da associação livre de palavras demonstram que, partindo da questão proposta por Mary Douglas, dentre os associados da Ecosol, não há uma forma de pensar a realidade que os cerca, sobretudo no que tange ao objeto desta investigação, a cooperação, fora do ambiente institucional que os integra. Justamente porque foi através deste

⁵ Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

vínculo organizacional que eles passaram a pensar a cooperação de uma forma mais concreta. Através deste vínculo é que a cooperação angaria seu significado na organização cognitiva dos cooperados, passando a ser critério não somente de associação, mas de identificação.

As falas a seguir – respostas de alguns entrevistados à associação livre de palavras referente ao termo “cooperação” – permitem melhor perceber o exposto acima:

Ajuda. Pois é, **cooperação pra mim é ajuda ou mão dadas**, é união, ela é... a cooperação pra mim significa isso, né, uma ajuda mútua, né, **um tipo de uma ponte de mão dupla**, onde vai e vem. (DEPOIMENTO ORAL).⁶

Ah... cooperação é as pessoas se cooperando entre si, né? Assim, eu vejo como **união das pessoas assim**. Se cê fala em cooperá e tal as pessoas do grupo cooperando, né, todos se ajudando. Eu vejo como isso. (DEPOIMENTO ORAL).⁷

Os trechos destacados nas falas apresentadas permitem apreender exatamente a dimensão do social presente nas representações deste grupo, uma vez que remetem à realidade dos próprios cooperados, ou seja, ao seu vínculo com a agricultura e a atuação da cooperativa em prol desta. Mesmo que apareçam de uma forma um pouco diferenciada em cada um dos discursos, as representações sociais da cooperação que emergem entre os entrevistados derivam do próprio trabalho da cooperativa e das especificidades que cada um consegue perceber deste, dada a sua ligação com a cooperativa, seja como cooperado ou como membro da diretoria. É possível perceber também que a cooperação está sempre relacionada ao fator social, à união de pessoas e às responsabilidades que esta relação implica, como quando o entrevistado cita “*uma ponte de mão dupla*”.

Como já mencionado, muitas das expressões que surgiram sobre o termo cooperação foram repetidas para o termo Ecosol e acabam por reforçar a ideia de institucionalização pela qual passaram – e ainda passam – os discursos dos cooperados entrevistados. Baseando-se nos dados obtidos durante a pesquisa de campo – observações, diários de campo e entrevistas – e nos argumentos de Appendini e Nuijten (2002), sobre a importância de, ao se estudar/pesquisar instituições prestar-se atenção às práticas organizacionais,⁸ percebemos que

⁶ Depoimento de um Associado Araponga, Araponga, 2009. Grifo nosso.

⁷ Depoimento de uma Associada Araponga, Araponga, 2009. Grifo nosso.

⁸ De acordo com estas autoras, “[...] as práticas organizacionais são as diferentes ações e estratégias dos indivíduos para sustentar e desenvolver sua subsistência cotidiana e outros projetos de vida. As práticas organizacionais podem evoluir para conformar padrões estabelecidos (processos de institucionalização) e, desta maneira, dar lugar a novas instituições” (APPENDINI; NUIJTEN, 2002, p. 76). Embora não se refiram diretamente às práticas organizacionais formais, como as que regem uma cooperativa, é possível transpor esta

grande parte do discurso apresentado pelos entrevistados advém de um primeiro processo de institucionalização pelo qual passaram durante a capacitação inicial, para a constituição das cooperativas. O conjunto de práticas organizacionais repassado nestes cursos visava à operacionalização de um sistema de crédito solidário, voltado ao suprimento dos interesses de agricultores familiares. Como podemos observar nas falas abaixo:

Ai, meu deus do céu! Quando vem cooperação? Ah... Desenvolvimento. Pode falar mais alguma coisa? Ah... desenvolvimento, liberdade, é cooperá um com o outro, eu sabê, **cooperação é muito essa coisa d'eu doá pro outro também**, né, porque **essa coisa do aval solidário é um pouco disso**. Cooperação pra mim é isso, é muito mais além que só o desenvolvimento, liberdade, **essa facilidade do acesso ao crédito...** acho que é isso. (DEPOIMENTO ORAL).⁹

“(risos) **É um sistema coletivo, de pessoas**, né? Começa resumindo um pouco **na área da agricultura que é a nossa principal realidade**, aí entra a compra coletiva de insumos, venda coletiva dos produto que existe. **Cooperação entre pessoas mesmo, né?**” (DEPOIMENTO ORAL).¹⁰

Os trechos em negrito apresentam um discurso resultante deste trabalho inicial de conscientização dos cooperados em relação à cooperativa, sua operacionalização e finalidade.

Estas falas estão relacionadas à ideia primeira de constituição das cooperativas, em que os agentes responsáveis pelas capacitações e cursos oferecidos aos futuros associados se preocupavam em proporcionar ao grupo envolvido uma nova visão sobre o cooperativismo, a partir do trabalho de uma organização solidária. Dessa forma, este primeiro processo de institucionalização, pressupõe um conjunto de práticas organizacionais voltados especificamente para a atuação de uma “instituição financeira diferenciada”, capaz de tornar mais fácil o acesso ao crédito pelos agricultores da região e que está estruturada especificamente para prestar serviços a este segmento. Assim como, na fala acima, quando um dos entrevistados se refere ao aval solidário, em que um grupo de associados se reúne e cada um avaliza o empréstimo do outro.

Entretanto, com o aumento dos quadros sociais das cooperativas, inicia-se um movimento em direção a outros tipos de prática, diferentes dos estabelecidos no início dos trabalhos da cooperativa e que, conseqüentemente, estão levando à mudança das instituições

definição para a realidade da pesquisa, uma vez que ao organizarem-se em uma cooperativa de crédito, os agricultores envolvidos a tomaram como uma ação direcionada à garantir o suprimento das necessidades de suas famílias e propriedades.

⁹ Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

¹⁰ Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

estabelecidas. Começa assim a surgir um novo processo de institucionalização, cujas práticas organizacionais visam tornar a operacionalização das cooperativas mais padronizada. Embora o processo anterior de consolidação de regras e normas vinculadas à ideia inicial de constituição da cooperativa ainda não tenha sido concluído, atingindo os quadros sociais destas por inteiro, este novo processo vai se instaurando aos poucos, adicionando novos elementos às capacitações e discursos, como a preocupação com a divulgação e o aumento do número de poupanças, as responsabilidades inerentes ao aumento da movimentação financeira decorrente do maior número de associados e o cumprimento rigoroso de procedimentos legais para a formalização de contratos de empréstimos, por exemplo. Alguns destes elementos podem ser percebidos na fala seguinte:

[...] e cada vez mais, gente, o pessoal tá acreditando mais e tá vendo que tipo de coisa é essa aí e vai tá depositando mais e aí é que **aumenta mais a responsabilidade... então tem que tomá bastante cuidado**, o caixa principalmente que convive o dia-a-dia ali, sabe assim **mostrá**, quanto **mais responsabilidade e o jeito do atendimento**, se você chega lá, **o camarada vê que todo mundo tem acesso e entra e sai, o cara não de-po-si-ta!** Olha eu te falo, tem gente que já foi na cooperativa, eu sei disso, se ele vê, ele fica com medo de depositá, as vez cê tinha dez mil pra depositá, deposita só no banco. **„eu depositá dinheiro ali? Eu vejo todo mundo entrando e saindo ali! Vai sabê que que o meu dinheiro... sei lá! Agora se você chega e o negócio é organizado...** [...]. Então a gente tem que mostrá serviço pros outros tamém, essa responsabilidade, porque senão não cria a transparência de que o negócio é seguro, né? (DEPOIMENTO ORAL).¹¹

A partir da introdução destas novas práticas organizacionais ao cotidiano dos cooperados por meio de reuniões, capacitações ou cursos, a apreensão da representação da cooperação passa a incorporar também estes novos elementos, porém ainda de uma forma retraída e sombreada pelos fatores referentes ao primeiro processo de institucionalização.

Deste modo, as principais expressões apresentadas durante a segunda parte da técnica de associação livre de palavras, acerca do termo Ecosol, são “ajuda/facilidade de acesso ao crédito” e “algo novo/diferenciado”. Embora as expressões citadas nesta segunda parte, muitas vezes, estivessem fortemente relacionadas ao termo anterior – cooperação –, as respostas foram mais variadas, exatamente por, em alguns casos, os entrevistados se preocuparem em exprimir um discurso coerente com o novo conjunto de práticas organizacionais que vem sendo discutido. Surgiram também expressões como: “sistema

¹¹ Depoimento de um Técnico da Base Minas, na Reunião do Conselho de Administração, Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

novo”, “construção própria dos agricultores”, “um banco”, “um sonho realizado” e “economia solidária”. É preciso salientar aqui que, no que tange aos entrevistados da Ecosol Araponga, foi percebida uma preocupação em explicar o significado da sigla Ecosol, o que ela quer dizer (Sistema Nacional de Cooperativas de Economia e Crédito Solidário), isso porque de acordo com relatos de uma entrevistada o nome Ecosol é muito pouco utilizado entre os cooperados no município:

(silêncio) hum... tô lembrando pouco as coisa lá. Ai, meu deus! (risos) Ah, eupenso assim que **é uma ajuda muito boa, sabe, pros agricultores**, né, eu acho nessa forma de pensá. Não sei se porque **nós usa muito falá cooperativa**, cooperativa, **quase nem fala Ecosol**, é mais na cooperativa. (DEPOIMENTO ORAL).¹²

Entretanto, percebe-se que o discurso apresentado está fortemente relacionado ao que foi repassado aos cooperados, seja através dos cursos de capacitação do início da cooperativa ou através de conversas, reuniões, assembleias que ocorrem habitualmente. É um meio de, como salienta Douglas (1998, p. 70), “[...] ligar o pensamento individual a um piloto automático. [Em que] [...] ocorre uma poupança de energia, decorrente da codificação e da inércia institucionais”. Assim como para Appendini e Nuijten (2002), tratando do conceito de instituições como estrutura normativa e reguladora e da automática existência de diferenças de poder e interesses decorrentes disso entre os envolvidos:

As instituições estão vinculadas a configurações de poder e dominação mais amplas e podem reproduzir as obrigações ideológicas e políticas às quais estão atadas. [...] deve reconhecer-se que as realidades institucionais e organizacionais são construídas, mantidas e modificadas por processos de criação e promulgação culturais. Portanto, criam-se valores e se expressam ideologias, rituais e cerimônias que levam a um sentido de participação e pertença. (APPENDINI; NUIJTEN, 2002, p. 75, tradução nossa).

Portanto, os discursos são proferidos de maneira a refletir exatamente a relação institucional na qual os cooperados encontram-se envolvidos e sobre a qual edificam sua representação, mas que permanece diretamente ligada ao contexto social que os circunda, como podemos perceber na fala abaixo:

¹² Depoimento de uma Associada Araponga, Araponga, 2009. Grifo nosso.

Quanto ao sistema Ecosol, é um sistema diferenciado, **um sistema bancário diferenciado, né? Gerido por agricultores...** por pessoas que não queriam o sistema convencional de bancos que já existe no município e na região e queriam um sistema diferente, de economia solidária, né? (DEPOIMENTO ORAL).¹³

Não obstante a dificuldade dos entrevistados em distinguir a representação da cooperação e representação da cooperativa – através do termo Ecosol –, o que se percebe através da associação livre de palavras é que no contexto destes atores sociais, uma série de variáveis passam a se relacionar e tomam outro significado para estas pessoas. O próprio termo agricultor, na fala a seguir, passa a se relacionar com o crédito solidário, e, por conseguinte com a cooperação, assim, esta não é algo que se distancia da sua realidade, mas perpassa principalmente sua identidade de agricultor:

O que vem primeiro é **a questão de buscar algo novo que ajude o agricultor, como a gente vive numa área rural, na sua necessidade de ter o crédito** e de também ter uma oportunidade de fazer aquela questão que a gente discutiu ali da questão da poupança, **de ter aonde aplicar o seu dinheiro de forma segura.** A questão da solidariedade mesmo. Daí é o objetivo que a gente criou foi a questão de **buscar um crédito solidário de agricultor para agricultor, e sair daquela dificuldade que os agricultores têm de negociar com um banco,** com o gerente de um banco que tá lá de gravata, é... muitas se atrapalham até na hora de entrar num banco ou na hora que entra numa porta giratória. Então **a idéia de cooperação é isso, é de cooperar mesmo com os agricultores,** de uma forma que eles se sintam mais à vontade em buscar e ter a sua necessidade atendida. (DEPOIMENTO ORAL).¹⁴

Ao mesmo tempo, percebem a cooperativa como uma construção dos próprios agricultores, uma organização que surgiu e que continua operando de forma satisfatória justamente pelo esforço de cada um dos associados no interior do grupo, como demonstram as falas abaixo:

Um nome diferente e que por ser, por a gente ter começado isso, vem **uma coisa que a gente construiu que a gente é que começou** a gente é... não foi, não veio pronto de alguém pra nós, nós é que tamo fazendo isso, entendeu? O nome Ecosol a gente começou a usar ele assim, como se, a gente que escolheu, a gente que, entendeu? A gente é que tá fazendo isso. (DEPOIMENTO ORAL).¹⁵

¹³ Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

¹⁴ Depoimento de uma Associada Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

¹⁵ Depoimento de uma Associada Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

Aí é **um sistema novo** que tem o objetivo de tá aplicando essa ideia de **cooperação das pessoas unidas** fazê um bem comum, né? (DEPOIMENTO ORAL).¹⁶

De acordo com os dados obtidos durante a pesquisa, através das entrevistas, é possível afirmar que a representação social da cooperação evocada por meio da associação livre de palavras foi muito influenciada pelo processo de mobilização para a constituição das cooperativas, o qual atingiu de forma intensa o contexto dos agricultores envolvidos. Mais da metade dos entrevistados esteve presente durante todo o processo ou parte dele e, ainda, entre aqueles que disseram não ter participado, por motivos diversos, alguns o acompanharam a certa distância.

Soma-se a esta justificativa o fato de que muitos dos entrevistados não sabiam exatamente o que era uma cooperativa, como funcionava e as responsabilidades que teriam de assumir ao ingressar neste tipo de organização. Aqueles que tinham alguma ideia era justamente pelo vínculo – direto ou não – com uma cooperativa de produção da região que acabou dando muito prejuízo aos seus cooperados. Ou seja, o discurso apresentado durante a pesquisa é resultante do envolvimento destes agricultores na formalização da cooperativa e/ou pelas experiências anteriores com esse tipo de empreendimento. As falas a seguir exemplificam os fatores descritos:

Eu não tinha noção de como era cooperativa, não sabia mesmo. Não eu conhecia por... o pessoal falava, né? **Meu pai era filiado numa cooperativa de produção**, na época **a cooperativa até quebrou**, a cooperativa de Espera Feliz, meu pai era filiado lá, tinha um café lá na época, tirou o café um mês antes, depois é que a bomba estourou. Então **eu tinha uma impressão ruim de cooperativa**. (DEPOIMENTO ORAL).¹⁷

Ah, **eu pensava que era igual as outra mesmo**, né? Antes de conhecer, eu achava, é mais uma cooperativa, mais uma cooperativa na região, né. Eu pensava assim, que aí **não tinha noção** né. (DEPOIMENTO ORAL).¹⁸

Olha, **eu não tinha muita noção de como que era, não**. Até assim a Ecosol **a gente achô que fosse mais fácil, né**, porque não tinha muita noção como funcionava mesmo não, mas depois que começô, a gente passô bastante apuro (risos). (DEPOIMENTO ORAL).¹⁹

¹⁶ Depoimento de um Associado Araponga, Araponga, 2009. Grifo nosso.

¹⁷ Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

¹⁸ Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Espera Feliz, 2009. Grifo nosso.

¹⁹ Depoimento de uma Associada Ecosol Araponga, Araponga, 2009. Grifo nosso.

Estes fatos fizeram com que todo o trabalho de capacitação para a constituição das cooperativas tivesse um grande impacto no entendimento sobre cooperativismo de crédito e o Sistema Ecosol entre os sócios fundadores e, também resultou na formação de uma representação social da cooperação em que se veem claramente os traços da organização que a sustenta. Para todos os associados entrevistados houve uma mudança quanto àquilo que entendiam por cooperativa, sobretudo para aqueles que não conheciam ou ainda tinham algum receio em virtude de experiências passadas. E essa mudança veio justamente pelo relacionamento direto que passaram a ter com as cooperativas, através do qual puderam entender melhor a operacionalização destas e a sua responsabilidade enquanto cooperado.

Como argumentam Lopes e Bueno (2007):

[...] indivíduos e grupos estruturam uma visão funcional do mundo, atribuem-lhes sentidos para condutas, compreendem a realidade com ferramentas próprias ou referências, adaptam-se, enfim, definem sua própria posição em relação a essa realidade. [...] podemos considerar as representações como guias para a ação, formas de orientação da ação e das relações sociais que estabelecemos. (LOPES; BUENO, 2007, p. 94).

Neste sentido, a representação social da cooperação que emerge neste grupo de entrevistados atualmente, é uma consequência direta da assimilação de novos elementos à realidade destes agricultores que vieram a remodelar suas relações sociais posteriormente à constituição das cooperativas. E é expressa na concepção de cooperativa que os entrevistados apresentam após sua filiação, como percebemos nas falas a seguir:

Eu vejo assim **uma coisa mais real assim**. É um desafio mesmo que a gente tem, de **tá trabalhando esse recurso que a gente tem, por recurso próprio e fazê com que o sócio entenda também** que as vez, nem sempre quando o sócio vem aqui pra buscar empréstimo, não tem aquela quantidade que o sócio tem porque é recurso próprio mesmo, então, vareia de acordo com o momento, né. (DEPOIMENTO ORAL).²⁰

Tenho, **hoje eu tenho uma idéia bem diferente** né, porque é igual eu falei né, é por exemplo, eu gosto mais de dar exemplo (risos), é **uma pessoa tem um dinheiro lá**, aí ele tá com **aquele dinheiro guardado**, aí outro tá precisando daquele dinheiro, então talvez se a pessoa fô lá ele não vai emprestar aquele dinheiro, mas **ele coloca o dinheiro na cooperativa aí vem outra cá e pega**, então **as pessoas vão se ajudando uma as outras de uma forma que talvez nem elas mesmo conseguem perceber**, então isso vai trazendo uma fonte de economia e de riquezas pro

²⁰ Depoimento de um Associado Ecosol Araponga, Araponga, 2009. Grifo nosso.

município, então é mais ou menos assim que eu vejo a cooperativa. (DEPOIMENTO ORAL).²¹

[...] E aqui **a cooperativa da Ecosol eu já me sinto mais firme e responsável porque são umas pessoas mais sérias**, são pessoas de baixa renda, são pessoas mais... assim que... **trabalhadoras rurais**. Não só por ser trabalhador rural, mas são pessoas que trabalham mais, que são pessoas mesmo **que tão ali na frente de cargos que assume a responsabilidade de administrar o próprio dinheiro**, então a gente confia mais. (DEPOIMENTO ORAL).²²

Aqui já podemos observar os novos elementos assimilados – e em alguns casos estabelecidos – ao discurso dos entrevistados, como a confiança que cada um dos membros da diretoria inspira aos outros cooperados, por serem pessoas da própria comunidade, agricultores como eles próprios, tornado o trabalho da cooperativa, como diz um dos entrevistados, “uma coisa mais real”; a conscientização dos cooperados de que a cooperativa trabalha somente com os recursos que eles mesmos investem ali e o ciclo que este recurso faz entre os cooperados.

Estes elementos condizem com o argumento de Mary Douglas sobre a solidariedade entre indivíduos, uma vez que para esta autora haverá sempre, no interior do grupo, uma expectativa de que todos estejam dispostos a sofrer em benefício do grupo maior, pois “Toda pessoa é afetada pela qualidade da confiança que a cerca” (DOUGLAS, 1998, p. 15). Remetendo-nos diretamente à operacionalização empreendida pelas cooperativas vinculadas ao Sistema Ecosol em Minas Gerais, em que a confiança apresenta-se como um elemento primordial para que as relações que daí derivam e, também o trabalho operacional das cooperativas, sejam frutíferos.

²¹ Depoimento de um Associado Ecosol Araponga, Araponga, 2009. Grifo nosso.

²² Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

4.2 “É UMA LARANJA O TODO ASSIM, MAS QUANDO CÊ ABRE ELA PRA DESCASCAR ELA TEM VÁRIOS GOMINHOS ALI”: O DESENHO COMO SUPORTE METODOLÓGICO

“Do mito da caverna à Bíblia, aprendemos que nós mesmos somos imagens, seres que se parecem com o Belo, o Bem e o Sagrado”. (JOLY, 2003, p. 16).

Como dito, o desenho tinha o propósito de dar mais liberdade para o entrevistado expor sua representação da cooperação, reforçando seu lado subjetivo, uma vez que na associação livre de palavras havia um certo receio de alguns entrevistados em falar a palavra errada. Através das descrições dos desenhos é possível identificar também o processo de institucionalização pelo qual passou – e de certa forma, ainda vem passando – este grupo, visto que as figuras refletem o trabalho realizado pela Ecosol com uma parte de seus associados e associadas e também o repasse que tais associados fazem destas informações àquela parte do quadro social que ainda não pode ser alcançada por este trabalho, devido às suas atuais dimensões. Embora os desenhos concebidos pelos entrevistados tenham alguma variação quanto à forma, as explicações subjacentes sobre como se relacionam à cooperação são bastante semelhantes, enfocando a relação entre cooperados e cooperativa.²³

Dentre os trinta e dois entrevistados, apenas dois não conseguiram descrever nenhum desenho que representasse para eles a cooperação. Dessas descrições, apenas quinze foram efetivamente esboçadas no papel, o que não afetou o alcance do objetivo dessa parte das entrevistas, uma vez que o interesse maior era realmente a descrição do desenho e o significado que este viria a ter para o entrevistado, enquanto símbolo da cooperação.

Os desenhos mais citados foram pessoas unidas ou de mãos dadas (dez vezes) e o trabalho conjunto (seis vezes) – sempre relacionado às áreas em que a cooperativa atua, seja via empréstimos para a produção ou ajudando a viabilizar grupos de trabalho entre os agricultores. O símbolo da Ecosol foi citado apenas por alguns entrevistados (quatro), entretanto, quando verificada a simbologia deste desenho (um sol em semicírculo com bonequinhos de mãos dadas ao seu redor) e o que ele representa para aqueles que estão

²³ Dada a repetição de algumas justificativas para a escolha de determinados desenhos, estes serão apresentados, neste subitem, separados por grupos de semelhança. Evitando assim a recorrência de temas durante a análise. Os desenhos não citados aqui – bem como as descrições – podem ser observados no Apêndice D.

vinculados a esta instituição, percebe-se que todos os outros desenhos, de certa forma, derivam daí. Também foram citados desenhos que apresentavam uma descrição mais individualizada – como uma laranja, um sol, uma criança, um rio, uma mão e as mãos, um prédio, uma “coisa em expansão/árvore” e uma descrição de três momentos da relação entre a cooperativa e a Ecosol – e que, embora tenham sido utilizadas metáforas para a sua explicação, também remetem à compreensão da cooperação através do contato dos entrevistados com as cooperativas, contudo, de uma forma mais próxima à realidade dos agricultores entrevistados.

Durante as explicações sobre a escolha de determinada figura os entrevistados sempre recorriam ao trabalho realizado pela cooperativa e pelo grupo de cooperados (unidos em torno de um objetivo comum) e o que esta significa na vida de cada um deles (direta ou indiretamente). Apesar de expressarem todo o lado positivo da cooperação e suas vantagens, apresentam também as preocupações com as divergências e oposições que surgem em ações cooperativas que pressupõem um trabalho grupal.

Como salienta Derdyk (1989):

No ato de desenhar está implícita uma conversa entre o pensar e o fazer, entre o que está dentro e o que está fora. Recebemos inúmeros estímulos a todo instante. Relacionamos alguns, selecionamos outros, valorizamos, negamos... e desse movimento interno vão surgindo as configurações e constelações de significados que irão se transformar em futuros entes gráficos. (DERDYK, 1989, p. 121).

Foi exatamente através desta “configuração de significados” que os desenhos – feitos no papel e/ou descritos – dos entrevistados sintetizaram a representação social da cooperação que a associação livre de palavras já vinha sinalizando. Os desenhos tornaram a representação mais evidente, justamente pelo seu caráter descompromissado, pois não havia a obrigação de ser feito, apenas imaginado, fazendo com que os entrevistados se sentissem mais livres do que durante a associação livre de palavras. Embora alguns se assustassem com a proposta inicial, geralmente esta era a parte da entrevista em que conseguiam expor com mais facilidade esta conversa entre o que está dentro e o que está fora, ou seja, entre o que cada indivíduo pensa sobre a cooperação e o que recebe externamente como estímulo sobre esta, seja através do contato com a própria cooperativa ou com os membros da diretoria.

[...] a representação social na verdade opera uma transformação do sujeito e do objeto na medida em que ambos são modificados no processo de elaborar o objeto. O sujeito amplia sua categorização e o objeto se acomoda ao repertório do sujeito, repertório o qual, por sua vez, também se modifica ao receber mais de um habitante. (ARRUDA, 2002, p. 137).

Assim, cada um dos entrevistados que conseguiu assimilar a cooperação a uma figura e descrevê-la, fez esse processo buscando analogias entre um termo inicialmente abstrato e algo através do qual pudessem dar um “estatuto de concreticidade” (JOVCHELOVITCH, 1996) a esta figura. O que nos leva a inferir que foram descritas figuras que partiam de um ponto comum: a cooperação entendida por meio do trabalho de cada uma das cooperativas e do Sistema Ecosol enquanto organização representativa destas.

Para Derdyk (1989), num trabalho em que analisa o desenho infantil, o desenho é portador de uma natureza específica, por meio da qual expressa de uma forma igualmente particular uma imagem, uma ideia ou um signo. Porém, ainda de acordo com esta autora, uma vez que temos uma visão parcial de um objeto – e daí depreende-se que também de um conceito –, nosso conhecimento acerca deste será parcial. “Assim a imagem que temos de um objeto não é o próprio objeto, mas uma faceta do que nós sabemos sobre esse objeto externo” (LAPLANTINE; TRINDADE, 1997, p. 10).

Portanto, os desenhos – ou as descrições – que representam a cooperação através de pessoas unidas ou do trabalho conjunto, esboçam a visão parcial que os entrevistados possuem deste conceito, apreendida exatamente a partir da relação entre cooperados e cooperativas, mais próxima ao trabalho realizado pelas cooperativas do Sistema Ecosol nestes dois municípios. Como se pode observar nas falas que seguem:

Eu acho que assim, eu acho que **algumas pessoas unidas, de mãos dadas**, alguma coisa assim. **Porque é uma forma de união, de cooperar** uma com a outra **pra podê crescer**. Eu penso assim. (DEPOIMENTO ORAL).²⁴

Não sei, eu acho que **uma roda de todos de mãos dadas**. Porque eu acho que **representa essa união das pessoas, né? Porque sem perceber as pessoas vão se unindo umas as outras**, umas vão dependendo das outras, muitas vezes elas não conseguem perceber isso. (DEPOIMENTO ORAL).²⁵

²⁴ Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

²⁵ Depoimento de um Associado Ecosol Araponga, Araponga, 2009. Grifo nosso.

Nestas falas a cooperação é entendida com uma forma de trabalho realizada por um grupo de pessoas reunidas sob um propósito comum, tal qual é organizada uma cooperativa. E para o grupo de entrevistados em questão representa a forma mais direta de apreensão e descrição do termo, como quando dizem que “cooperar uma com a outra pra poder crescer” ou “todos de mãos dadas [representa uma união em que] sem perceber as pessoas vão se unindo umas as outras”. Entretanto, estes desenhos também trazem implícitos elementos que remetem ao símbolo da Ecosol – as mãos dadas – e ao que estas cooperativas significam para o grupo, no seu dia-a-dia enquanto agricultores.

Da mesma forma, os desenhos relacionados ao trabalho conjunto, geralmente vinculado à plantação de café predominante na região, fazem menção à área de atuação da cooperativa em que os agricultores cooperados sentiram uma influência maior:

(pausa) Uma figura como? Deixa eu vê se entendo... Eu acho que tinha que ser com **alguma produção, colhendo café ou adubando... Porque eu acho que é uma área que a cooperativa ajudou muito e tá ajudando.** (DEPOIMENTO ORAL).²⁶

Colocaria um... tipo o **nosso conjunto, né, de panha de café, sabe? Aquele grupo de pessoas que trabalha junto.** (criança chorando) mas eu colocaria assim um grupo de pessoas, né, na forma que a gente é mesmo, sempre trabalhando junto, sempre participando junto, né, um cooperando com o outro. Apesar que eu não sô boa nem nada no desenho, né, (risos), de jeito nenhum. **Aí de preferência, numa roça, numa lavoura que é a nossa cara mesmo** (risos). (DEPOIMENTO ORAL).²⁷

Estes desenhos também remetem ao local onde os agricultores estão inseridos – a zona rural – e às configurações que, seja por meio da ação das cooperativas, via financiamento para a produção, seja pelo contato com uma organização cooperativa e seus pressupostos, tentam aproximar o conteúdo da representação àquilo que está mais próximo ao grupo de agricultores.

De modo semelhante algumas das figuras descritas pelos entrevistados deixam mais evidente a tentativa de explicar a cooperação de uma maneira que seja mais próxima do contexto em que estão inseridos, expressando de uma forma diferente a realidade que os cerca, como a laranja, o rio e a mão. De acordo com Jovchelovitch (1995), o conteúdo das representações sociais são os símbolos. Esta autora pontua que os símbolos são capazes de significar outra coisa, o que lhes proporciona criar o objeto representado, ou seja, constroem

²⁶ Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

²⁷ Depoimento de uma Associada Ecosol Araponga, Araponga, 2009. Grifo nosso.

uma nova realidade para aquela que já estava presente. “Eles provocam uma fusão entre o sujeito e o objeto porque eles são a expressão da relação entre sujeito e objeto. [...] é da essência da atividade simbólica – da atividade do espaço potencial – o reconhecimento de uma realidade compartilhada – a realidade de Outros” (JOVCHELOVITCH, 1995, p. 74-75). Assim, é possível perceber nas descrições que seguem como a representação social da cooperação está diretamente equacionada a uma simbologia que remete à realidade, ao contexto social em que o entrevistado se encontra, pois como explica Pereira (2002, p. 72), uma representação não é o espelho da realidade que pretende expressar, mas sempre uma “referência a um „outro” que se encontra ausente. As coisas ditas, pensadas e expressas têm um outro sentido que vai além daquilo que foi manifesto.”

Por isso, estes desenhos – o rio, a laranja, as mãos – foram aqueles que, num primeiro momento, aparentaram não ter nenhuma ligação com o termo cooperação, mas foi exatamente nas justificativas que os acompanham que esta ligação pôde ser percebida, pois a cooperação foi internalizada como uma prática, a partir da qual são entendidas também suas dificuldades inerentes:

Uma laranja. Porque uma laranja ela...é uma laranja o todo assim, mas quando cê abre ela pra descascar ela tem vários gominhos ali. **Aquele gomo então significa que é todas as comunidades juntas, ali ele tem uma sementinha também que pode machucar o dente também.** E sempre dentro das associação, dos nossos... das nossas áreas sempre tem alguma coisa dentro tem algumas pedrinha, algumas coisa ali que pode protestar que pode machucar o dente alguma coisa assim que existe, que não é 100% maravilha. **Ela pode tá muito doce também, de repente do lado do sol, ela pode tá um pouco azeda também. Então é... é uma laranja, se junta todos os gominhos, junta ali os favo, tem os favinho, os milhões de favos faz um gominho e o gomo todo, juntando todos os gomo faz uma laranja.** (DEPOIMENTO ORAL).²⁸

É, eu faria o desenho de **um rio, de um água assim...** Porque é onde gera a vida, sabe. **A água ela principia onde [...], ela gera a vida, então acho que a cooperação pra mim é algo que vai gerando vida** e num para e a água num para, ela vai, ela gera vida aqui, ela gera mais ali, mais ali, ela vai indo. **Por mais que cê queira cercá uma água, uma hora aquilo enche, ela pula por cima e vai, vai embora,** então ela vai gerando a vida. (DEPOIMENTO ORAL).²⁹

(risos) Nó, em forma de uma figura? Eu acho que é **uma mão, né?** Acho que é **a mão que tá dando aos produtores, aos trabalhadores** que... essa mão **aberta, estendida a essas pessoas, de boa vontade de boa fé.** Acho que é por aí. (DEPOIMENTO ORAL).³⁰

²⁸ Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

²⁹ Depoimento de um Associado Ecosol Araçuaia, Araçuaia, 2009. Grifo nosso.

³⁰ Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

De acordo com Derdyk (1989, p. 46), “ao desenhar nos apropriamos do objeto desenhado, revelando-o”, assim como os entrevistados citados nas falas anteriores se apropriaram de imagens/objetos de seu cotidiano para representar a cooperação, procurando trazê-la perto de seu contexto, ou seja, a laranja, o sol, o rio e a mão são figuras e objetos presentes no dia-a-dia dos agricultores que, neste caso, revelam a cooperação através de um ângulo diferente do convencional,³¹ mas que remete também à estrutura social em que os agricultores cooperados estão inseridos.

A laranja, fruto da representação de um entrevistado que embora não resida na parte rural do município, ainda mantém vínculos com esta através de um sítio, demonstra toda a subjetividade – e também criatividade – deste entrevistado. Traz a cooperação para um ambiente mais comum ao contexto da agricultura e, por meio desta aproximação (“os milhões de favos faz um gominho e o gomo todo, juntando todos os gomo faz uma laranja”), explica os possíveis entraves que podem ocorrer durante a interação entre os indivíduos dentro do grupo, como quando diz que “ali tem uma sementinha que também pode machucar” ou “ela pode tá um pouco azeda também”.

O rio parte da interpretação de um associado cuja história se confunde com o surgimento das organizações dos agricultores do município, em que a relação com a Igreja Católica é determinante. Assim, esta figura explicita uma representação mais otimista, por meio da qual o entrevistado procura demonstrar que a cooperação, tal qual a água que corre num rio, é fonte de vida e, ao congregar esforços ao longo de seu percurso se torna cada vez mais forte, capaz de driblar os obstáculos que se puserem à sua frente, como uma forma de enfrentar as dificuldades: “Por mais que cê queira cercá uma água, uma hora aquilo enche, ela pula por cima e vai, vai embora”.

Já a descrição da cooperação como uma mão, liga-se diretamente ao trabalho realizado pela cooperativa no município e a importância da união entre aqueles que a formam – na analogia do entrevistado refere-se aos dedos, que embora não apareça no trecho citado por não ter sido gravada, consta em diário de campo – para que todos possam ser beneficiados, por isso uma “mão aberta, estendida a essas pessoas, de boa vontade de boa fé”, ou seja, àqueles que estiverem dispostos a trabalhar em prol do grupo maior.

³¹ Ressaltando que o termo convencional foi utilizado aqui no sentido de uma representação da cooperação expressa por meio do discurso institucional que parte do grupo de entrevistados apresenta, ou seja, por meio de desenhos como o símbolo da Ecosol ou pessoas unidas, de mãos dadas.

Esta forma de apresentar a representação demonstra que a cooperação começa a fazer parte do universo de significados³² dos agricultores a partir de elementos que já estão em sua realidade, expressando também as experiências que possuem como agricultores e que, mesmo que sejam símbolos entendidos por qualquer pessoa, nestes casos específicos perpassam a subjetividade daqueles que os empregaram.

Na Figura 7 são apresentados alguns destes desenhos:

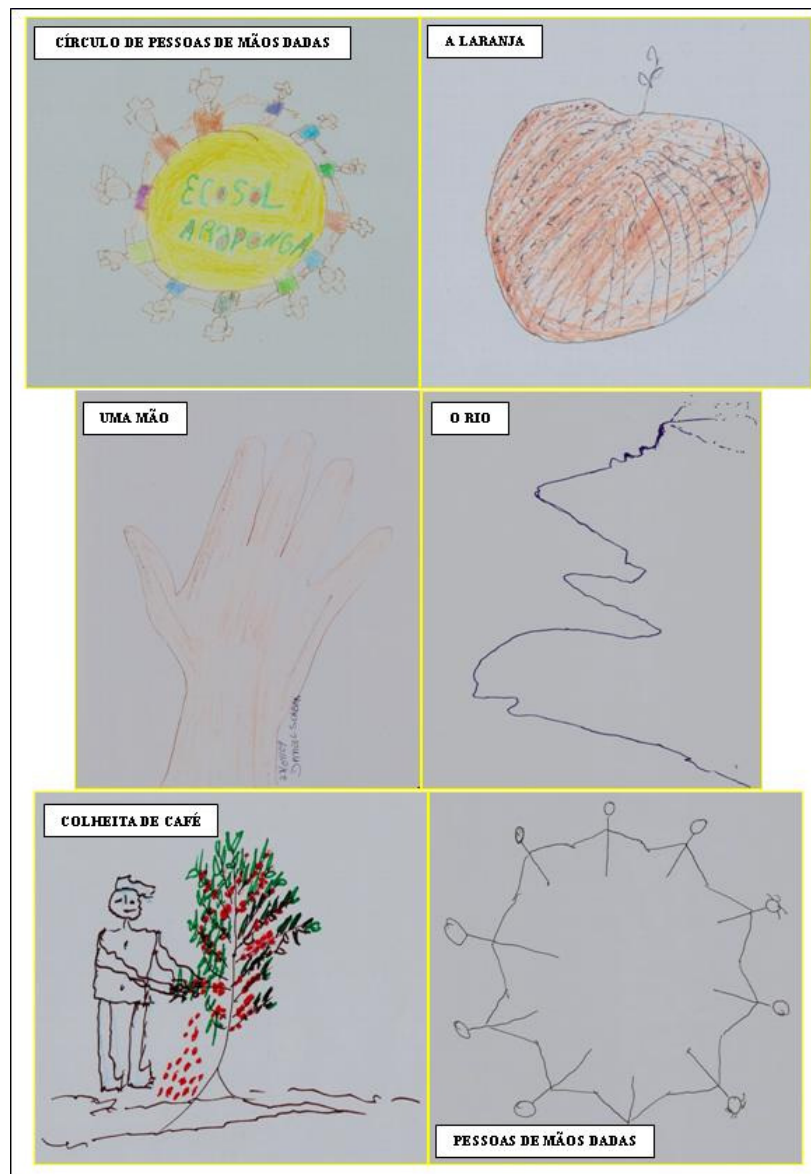


Figura 7 - Alguns desenhos feitos pelos entrevistados

Fonte: Dados da pesquisa (2009).

³² Numa aproximação à discussão de Berger e Luckmann (1985), o universo de significados ao qual nos referimos ao longo deste e do próximo capítulo corresponde à zona da vida cotidiana diretamente acessível ao indivíduo, ou seja, à realidade mais próxima a este, com a qual pode interagir, influenciando e sendo influenciado e, a partir da qual forma-se uma gama de correspondências entre as diferentes experiências que vão dar sentido a sua vida cotidiana.

Para Laplantine e Trindade (1997, p. 27), no campo do imaginário as imagens construídas libertam-se daquelas às quais se ligam no real, pois é possível “inventar, fingir, improvisar, estabelecer correlações entre os objetos de maneira improvável e sintetizar ou fundir essas imagens.” Esta constatação permite entender os elementos agregados aos desenhos descritos por alguns dos entrevistados: o círculo de pessoas de mãos dadas (Figura 7), ganha em seu interior a inscrição “Ecosol Araponga” e uma das cores que remete a este símbolo, o amarelo; um dos símbolos da Ecosol (Figura 8) é preenchido com casinhas, montanhas, plantações e traços com cores variadas (diferentes do amarelo, verde e vermelho presentes no símbolo original).

Embora os três exemplos de desenhos do símbolo do Sistema Ecosol apresentados na Figura 8 mais a frente guardem muita semelhança com o símbolo original, o desenho é “sempre uma interpretação, elaborando correspondências, relacionando, simbolizando, significando, atribuindo novas configurações ao original” (DERDYK, 1989, p. 112) Nos desenhos descritos percebemos exatamente esta atribuição de novos significados, novas configurações, seja por meio das cores utilizadas seja pela inserção de novos elementos gráficos ao símbolo e até mesmo através da descrição que cada entrevistado fez. Diferente daqueles que utilizaram metáforas na descrição do desenho, estes analiticamente exprimem de uma forma mais direta e menos específica o discurso institucionalizado, como observamos nas falas que seguem:

Uma figura? Um desenho assim? **Aquilo que a Ecosol mesmo colocou bem claro**, eu acho que ficou bem real, eu acho que **todo mundo de mão dada assim, uma força, uma união, uma conquista, uma luta, um esforço**. Essa unidade das pessoas tá junto e **se organizarem junto pra um fim que todos se beneficiem igual**, que as pessoas não tome prejuízo, que possa conquistar seus direitos e deveres em favor da democracia. (DEPOIMENTO ORAL).³³

Eu gostei do **desenho da Ecosol, aquele solzinho lá**, entendeu? É como uma... eu vejo **o sol ali como uma luz de esperança**, né? E você em volta daquela luz, de mãos dadas ali, igual tá representada ali. **Representando em que a união das pessoas em termo de um objetivo comum faz muita diferença**. Então o desenho que eu desenharia é aquele desenho do sistema Ecosol, que eu acho muito legal. (DEPOIMENTO ORAL).³⁴

³³ Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

³⁴ Depoimento de um Associado Ecosol Araponga, Araponga, 2009. Grifo nosso.

Nos trechos em destaque, descrição de dois dos desenhos apresentados na Figura 8, o símbolo do Sistema Ecosol tem um significado que vai além da imagem por meio da qual é apresentado. Demonstra a tentativa de trazer para uma forma mais concreta um conceito – a cooperação – que num primeiro momento não pode ser objetivamente alcançado pelos entrevistados. Contudo, não é o símbolo responsável por essa “materialização” da representação social da cooperação, mas o que as cooperativas, enquanto organização dos agricultores, representam – “uma união, uma conquista, uma luta, um esforço” e “a união das pessoas em termo de um objetivo comum faz muita diferença” – e que, para estes entrevistados, acaba por se confundir com a cooperação, pois “[a representação social] é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2002, p. 22). E que também diz respeito a uma espécie de “código de ética” destes agricultores, em que cada um é responsável por suas operações com as cooperativas, não pensando somente em si, mas, sobretudo em garantir que o grupo seja beneficiado, “que as pessoas não tome prejuízo”, como salienta o entrevistado citado.

Nestes casos, pode-se dizer que os desenhos dizem respeito ao processo de institucionalização pelo qual os entrevistados passaram durante as capacitações iniciais e os primeiros anos de funcionamento das cooperativas. A partir do envolvimento destes com as organizações cooperativas representantes do Sistema Ecosol na Zona da Mata Mineira percebe-se que as instituições referentes à operacionalização destas cooperativas, assim como Douglas (1998) argumenta, já estão naturalizadas entre uma parte do grupo, fazendo parte da “ordem do universo” e servindo para basear a argumentação dos agentes sociais envolvidos. Entretanto, ainda nestes exemplos aparece a identificação pelo contexto rural dos sócios, evidenciando que o discurso advindo da instituição assume significados próprios que se assemelham a realidade dos entrevistados.

Assim, a cooperação faz parte daquilo que dá significado à vida destes agricultores e que não é necessariamente e apenas positiva, mas depende da ação conjunta de um grupo em que interesses individuais que podem ser divergentes terão de conviver para o alcance do objetivo comum.

A Figura 8 apresenta desenhos do símbolo da Ecosol como representação da cooperação:



Figura 8 - Símbolo da Ecosol como representação da cooperação

Fonte: Dados da pesquisa (2009).

Como podemos observar, o primeiro e o terceiro desenhos refletem que a cooperação para os entrevistados em questão ainda está arraigada ao plano institucional, ligada ao discurso do Sistema Ecosol e que, aparentemente não há uma internalização da cooperação em seu cotidiano, através de formas familiares ao ambiente rural. Já o segundo desenho traz a cooperação para o cotidiano do agricultor, através de elementos como a plantação, a casa, as montanhas, refletindo assim que a cooperação já está imersa no universo de significados desse produtor rural. Nos dois casos há, com dito, a influência do processo de institucionalização pelo qual passou e ainda passa este grupo de cooperados, entretanto, no caso do segundo desenho, o entrevistado representa a cooperação através da mescla dos elementos apreendidos do contato com a cooperativa e dos elementos que permeiam o seu dia-a-dia enquanto agricultor.

5 “QUERENDO OU NÃO A COOPERATIVA ALÉM DE FACILITÁ, NÉ, O ACESSO DO AGRICULTOR FAMILIAR, ELE TEM TODA LIBERDADE, NÉ.”: A REPRESENTAÇÃO DA COOPERAÇÃO NO COTIDIANO DAS COOPERATIVAS

Após a exposição acerca da representação social da cooperação pelos entrevistados no capítulo anterior, cabe a este capítulo apresentar o contexto em que estas representações foram engendradas e a sua influência na operacionalização das cooperativas visitadas. Para tanto irá se apoiar na segunda sessão do roteiro de entrevistas, baseado em questões feitas aos entrevistados sobre assuntos que poderiam indicar a partir de que – ou de quem – surgiram as representações até aqui discutidas.

Neste sentido, o contexto de produção da representação será abordado através da análise das questões referentes ao envolvimento dos entrevistados com a história das cooperativas; à participação destes em outras organizações e associações; à participação destes entrevistados no dia-a-dia das cooperativas, sobretudo em reuniões, assembleias e capacitações e, no que tange à influência da representação social da cooperação apresentada na operacionalização destas cooperativas, irá se apoiar nas respostas obtidas sobre o conhecimento e utilização dos serviços das cooperativas pelos associados.

Esta abordagem acerca do contexto que envolve a representação apresentada anteriormente visa entender como esta influencia a operacionalização das cooperativas de acordo com o entendimento que os associados têm de seu papel e dos serviços que as cooperativas podem lhes oferecer. Embora sabendo que tais fatos podem levar a uma maior movimentação financeira, este não foi o foco da análise.

5.1 “A ECOSOL, TAMBÉM TÁ INSERIDO NAQUILO QUE A GENTE DEFENDE. SÃO OS DIREITO DOS TRABALHADORES, SÃO ORGANIZAÇÃO QUE SE ORGANIZOU”: O CONTEXTO QUE ENVOLVE A REPRESENTAÇÃO DO GRUPO

Frente a esse mundo de objetos, pessoas, acontecimentos ou idéias, não somos (apenas) automatismos, nem estamos isolados num vazio social: partilhamos esse mundo com os outros, que nos servem de apoio, às vezes de forma convergente, outras pelo conflito, para compreendê-lo, administrá-lo ou enfrentá-lo. (JODELET, 2002, p. 17).

O roteiro de questões utilizado durante as entrevistas foi estruturado de maneira que a cada pergunta feita ao entrevistado, sua história de envolvimento com as cooperativas do Sistema Ecosol fosse sendo gradativamente contada. Além de procurar fazer com que o entrevistado ficasse mais à vontade para falar, esta estrutura também foi determinante para que o contexto em que a representação foi sendo construída pudesse emergir mais claramente, uma vez que “Esses contextos não falam por si, mas devem ser cuidadosamente identificados nas práticas e orientações dos participantes” (SILVERMAN, 2009, p. 347). Assim, este autor, tratando da análise de dados qualitativos, utiliza o termo “fenômeno com hífen” para tratar do “fenômeno-no-contexto”, ou seja, a maneira que determinado fenômeno apresenta significados diferentes em contextos diferentes. No caso desta pesquisa, o fenômeno em questão é a representação social da cooperação, que se apresenta de uma forma praticamente similar entre os entrevistados, pois o contexto no qual foi estudado é o mesmo para todos os entrevistados: a ligação com uma cooperativa de crédito solidária presente no meio rural. E é a este tipo de contexto que o autor se refere na passagem acima, evidenciando que deve ser sempre considerado durante a análise dos dados.

Como salienta Pereira (2002), é impossível decifrar uma representação à parte da “articulação texto/contexto”, é preciso sempre ter em mente a totalidade para que o texto seja compreendido. “Isso quer dizer que o social envolve uma dinâmica que é diferente de um agrupado de indivíduos” (JOVCHELOVITCH, 1995, p. 79).

Dessa forma, no contexto estudado, o principal motivo citado pelos entrevistados para justificar porque se associaram à Ecosol é a facilidade de acesso ao crédito que esta organização seria capaz de proporcionar em relação aos bancos comerciais com os quais costumavam se relacionar. Esta facilidade de acesso se dá, na opinião destes entrevistados, mediante a postura menos burocrática da cooperativa quanto aos procedimentos necessários

para liberação dos financiamentos, por exemplo. Numa analogia ao acesso às políticas públicas proporcionado pelas cooperativas de crédito, de acordo com Abramovay (2004), isto se justifica porque estas seriam responsáveis também por “fortalecer o tecido econômico local”, inserindo-se em áreas – e dando preferência a um público – de atuação em que os bancos comerciais apresentam maiores dificuldades e empecilhos para adentrar.

Outras justificativas pelo interesse em se associar à cooperativa aparecem como esta ser uma importante fonte de melhoria da renda para as famílias de agricultores associados ou algo importante para o trabalhador rural, uma vez que estes se sentem valorizados neste tipo de cooperativa, pelo atendimento facilitado, o acesso rápido ao crédito e, sobretudo o sentimento de pertença a esse grupo. Fatores que estão diretamente relacionados à facilidade de acesso aos recursos – pequenos recursos, como eles mesmos dizem – necessários para viabilizar a produção em suas propriedades:

É, pensando numa organização da agricultura familiar, levando em conta a melhoria das renda das famílias do nosso município, que as vezes tinha momento que **poderia tê um crédito pra podê viabilizá a agricultura**, no sentido de tá comprando insumo pra podê trabalhá. (DEPOIMENTO ORAL).¹

Existem também outros motivos citados para justificar a associação, dentre eles a importância dada ao projeto da cooperativa, como uma organização social dos trabalhadores rurais, em que a participação de cada um é importante para o benefício do grupo como um todo; um lugar, de acordo com as respostas obtidas, onde a ajuda mútua é fundamental para que o projeto possa ser eficientemente realizado.

Associei na Ecosol porque pra mim foi **a proposta mais interessante que apareceu de organização social**, então eu filiei pra podê crescê esse movimento e que todos podia sê tamém beneficiado, né? **Quando a gente entra numa sociedade a gente não pensa só na gente, né?** A gente pensa que a comunidade toda possa ser beneficiada. (DEPOIMENTO ORAL).²

Essa forma de entender o trabalho das cooperativas se justifica ao percebermos que o conhecimento dos entrevistados sobre as cooperativas nos dois municípios advém do próprio

¹ Depoimento de um Associado Ecosol Araponga, Araponga, 2009. Grifo nosso.

² Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Espera Feliz, 2009. Grifo nosso.

envolvimento com as organizações locais, sobretudo com o Sindicatos dos Trabalhadores Rurais. Contudo, são também citadas outras organizações que ajudaram na mobilização dos agricultores e na realização dos cursos de capacitação iniciais, como divulgadoras das cooperativas. Entre estas aparecem, por exemplo, a Associação dos Pequenos Agricultores de Tombos (APAT), em Tombos e o Centro de Tecnologias Alternativas (CTA), em Araponga.

Dentre os entrevistados que são sócios fundadores das cooperativas há uma menção à Agência de Desenvolvimento Solidário (ADS), através de um de seus funcionários, na época, que foi responsável pela condução das oficinas e cursos de capacitação. As falas a seguir comprovam estes fatos:

No início, né, **a gente ficô sabendo que era um curso da ADS**, né, a ADS custo pra tirá isso da nossa cabeça, que não era a ADS, né, era cooperativa, né? Aí foi daí que a gente começô a participar dos curso, né, começô entendê mais ou menos o que que é a cooperativa, né? (DEPOIMENTO ORAL).³

A Ecosol surgiu dentro do sindicato mesmo, dos trabalhadores rurais. Quando ficamo sabendo que tinha o sistema Ecosol, **alguém buscou, né? Foi lá nas reuniões, trouxe pra Tombos, nós fizemos vários cursos em vários módulos, né? Pra depois começar a abrir as portas.** Então nós ficamos sabendo, nós sócios, pelo sindicato, o sindicato correu atrás. (DEPOIMENTO ORAL).⁴

Entre os entrevistados que não tinham um envolvimento direto com as organizações locais ou com o sindicato, o conhecimento acerca do Sistema Ecosol – e das suas cooperativas nos municípios em questão – veio através de parentes ou pessoas conhecidas que estavam envolvidas neste processo e que, a partir do momento em que a cooperativa pode ampliar seu quadro social, passaram a divulgar entre seus conhecidos os serviços que poderiam ter acesso por meio desta.

O que se percebe, quanto ao envolvimento dos entrevistados com outras organizações – tanto anterior quanto paralelamente à Ecosol –, é que boa parte destes já estava envolvida com outras organizações locais. Em Araponga, praticamente a totalidade dos entrevistados são filiados ao sindicato, uma vez que esta era uma exigência estatutária para se associar à Ecosol. Em alguns casos, os entrevistados também estão filiados a mais uma ou duas organizações, geralmente à Associação dos Agricultores Familiares de Araponga (AFA) e/ou à Escola Família Agrícola Puris (EFA Puris). Foram mencionados também o Conselho do

³ Depoimento de uma Associada Ecosol Araponga, Araponga, 2009. Grifo nosso.

⁴ Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

Território da Serra do Brigadeiro, o Partido dos Trabalhadores (PT), a Comissão de Mulheres – uma associação que funciona informalmente, em que um grupo de mulheres se reúne para fazer produtos artesanais, como sabonetes – e a Pastoral da Criança. Percebe-se que as organizações citadas pelos entrevistados araponguenses são em número pequeno justamente porque eles estão envolvidos apenas nas organizações presentes no próprio município.

Já no que diz respeito a Tombos, a maioria dos entrevistados está envolvida em mais organizações simultaneamente – de acordo com os dados obtidos, estes participam de ao menos duas organizações além da Ecosol e estão envolvidos com estas há muitos anos – e o número de organizações citadas é também grande, mas é importante perceber que estas não estão necessariamente presentes dentro do município.

Dentre as mais citadas estão: o Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), a Associação de Pequenos Agricultores e Trabalhadores Rurais de Tombos (APAT) e Associações de Moradores, mas também aparecem outras organizações como o Partido dos Trabalhadores (PT), o Partido Socialista Brasileiro (PSB), a Igreja Católica, o Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural, a Prefeitura, o Conselho Tutelar, a Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais de Tombos (AMART), uma associação de terapeutas, a Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar de Minas Gerais (FETRAF MINAS), o Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil (SICOOB), entre outras. “Eu **de sindicato, da associação ali dos trabalhador** [...]. Da APAT eu participo, **da política também.** [...] Partido político eu comecei agora, né, porque fundô agora. Mas o sindicato é outra coisa aí, é memo tempo da Ecosol ali, é o memo tempo. Deude 97, né? [...] Deude que fundô tô junto” (DEPOIMENTO ORAL).⁵

É interessante destacar que a forma como os entrevistados de Araponga contam que são sócios fundadores ou que participam/participaram de algum cargo da diretoria mostra todo o orgulho que sentem dessa condição. Era notável durante as entrevistas o sorriso esboçado por alguns entrevistados ao contarem que participaram das capacitações iniciais, de um cargo da diretoria da cooperativa e o quanto aprenderam com tudo isso. Isso era mais visível nos entrevistados da Ecosol Araponga, porém também entre os entrevistados da Ecosol ZM e Leste de MG este orgulho foi ressaltado, quando percebido, através do aprendizado adquirido ao longo de seu envolvimento com a cooperativa. Como podemos notar nas falas que seguem:

⁵ Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

Então, eles sentiram que, **eles tão aprendendo a administrar um banco!** E isso a maioria dos agricultores achava que isso nunca podia existir, que um agricultor poderia tomar conta de um banco! Não podia ser administrador de um banco. Então isso, **com o trabalho que tá sendo feito**, provou-se que, e **ainda mais que foi eu que, uma mulher assumir a administração de um banco, sendo agricultora, com dificuldades de ensino porque eu não tive, por morar longe**, por um monte de coisa que na época de estudar eu não pude... Então viu que **administrar isso, não é nem um bicho de sete cabeça.** (DEPOIMENTO ORAL).⁶

[...] quando começo, quando foi fundá a cooperativa, eu participei de todo o processo de formação, tá? De sócio e **fui um dos sócio fundador e depois ainda fiquei sendo membro do conselho fiscal efetivo em dois mandato.** (DEPOIMENTO ORAL).⁷

Assim, é possível perceber entre os entrevistados que o envolvimento com outras organizações – anterior ou não a associação à Ecosol – é muito importante, sobretudo por ajudá-los a entender melhor a operacionalização, os processos e o trabalho em grupo que a relação com a cooperativa implica. Também pelo incentivo à questão de gênero alçada pelo envolvimento das mulheres associadas no cotidiano da cooperativa, mas principalmente por terem a oportunidade de estar a frente de cargos de diretoria – “uma mulher assumir a administração de um banco, sendo agricultora, com dificuldades de ensino porque eu não tive, por morar longe” –, fato que causa uma valorização deste tipo de empreendimento pelos agricultores por fazerem parte de um grupo capaz de quebrar determinados “tabus” próprios do meio rural, tal qual a desvalorização da capacidade feminina.

Esta importância ganha relevo e é justificada pelo fato de lhes proporcionar maiores conhecimentos a respeito de um empreendimento coletivo e sobre a dimensão do que representa estar vinculado a uma organização de trabalhadores rurais, especialmente pela responsabilidade que isto pressupõe, como nos mostram as falas a seguir:

Isso é como se fosse um veículo que me transpunha com mais eficiência a me mover em outras organizações. Porque **no sindicato a gente busca bastante conhecimento, bastante informação e que ajuda a gente a trabalhar melhor em outros setores que a gente for enquadrá, exemplo, cooperativa, AFA e outros mais, entendeu?** Nos dá subsídio, sabe, no caso o sindicato. (DEPOIMENTO ORAL).⁸

⁶ Depoimento de uma Associada Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

⁷ Depoimento de um Associado Ecosol Araponga, Araponga, 2009. Grifo nosso.

⁸ Depoimento de um Associado Ecosol Araponga, Araponga, 2009. Grifo nosso.

Com certeza. Porque, como diz o outro, uma coisa leva a outra, né? No dia que **a gente tá na comissão, no sindicato, a gente vê que é importante participá da cooperativa**, então nisso aí, **uma coisa puxa a outra**. (DEPOIMENTO ORAL).⁹

Há também entre uma parte do grupo de entrevistados uma preocupação em participar efetivamente de cada organização a qual está vinculado e, assim, um cuidado em não participar de um número maior delas ao mesmo tempo. Para estes, a pergunta sobre a influência de estar vinculado a outras organizações além da Ecosol foi compreendida de forma ambígua, no sentido de que a participação em mais alguma organização poderia atrapalhar o seu desempenho como membro de outra:

Não, **pelo volume do serviço é um pouco complicado dizer que ele facilita**, mas eu sinto satisfeito de participar, mesmo o mínimo de tempo que a gente tem. Que a gente faz o que o possível e o impossível pra poder se enquadrar, nos tempo que ela oferece. Porque **eu tento assim a melhor forma de me organizar**, atingir a melhor forma, meio as forma dentro dos objetivos. E tudo aquilo que se diz que é de importância, a gente não se abre mão. Então não influi. (DEPOIMENTO ORAL).¹⁰

Dentre os entrevistados existe um grupo que não está associado a nenhuma outra organização além da Ecosol e, por isso, acaba não tendo uma participação direta também nesta organização. Alguns justificam que a ausência de participação, seja em reuniões ou mesmo no dia-a-dia da cooperativa, causa um empecilho para o entendimento sobre como funciona a organização:

Ajuda, ajuda, **eu falto tê mais participação**, eu quase num participo, mas ajuda bastante. É, né, a falta de participação memo na reunião **porque se a gente participasse mais com certeza entenderia mais**, né? E a gente não participa tanto assim. igual eu já fui sócio do sindicato, fiz parte da diretoria do sindicato, aí eu saí porque participava pouco, saí. Mas se a gente passá a participá mais, a gente entende as coisa melhor. (DEPOIMENTO ORAL).¹¹

Percebe-se, através da fala anterior, uma auto-desvalorização pelo entrevistado em não participar dos espaços decisórios das organizações dos agricultores do município justamente

⁹ Depoimento de uma Associada Ecosol Araponga, Araponga, 2009. Grifo nosso.

¹⁰ Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

¹¹ Depoimento de um Associado Ecosol Araponga, Araponga, 2009. Grifo nosso.

por entender que sua atitude, perante essas organizações, e seu entendimento sobre o funcionamento destas estão diretamente relacionados à participação nestes espaços. Assim, estar vinculado a uma associação, aos STRs, partidos políticos ou afins é um fator importante para a construção da representação social apresentada pelos entrevistados, pois como afirma Jodelet (2002, p. 34) “[...] partilhar uma ideia ou uma linguagem é também afirmar um vínculo social e uma identidade. [...] A partilha serve à afirmação simbólica de uma unidade e de uma pertença [...]”, ou seja, a representação social da cooperação apresentada pelo grupo de entrevistados é um produto do que a autora chama de partilha e reafirma o contexto em que as representações são formadas como resultado da interpretação destes sujeitos.

Neste sentido, a frequência de visita¹² às cooperativas também é um fator importante na formação da representação social. Entretanto, mesmo entre os entrevistados mais ativos, em sua participação, não é possível determinar uma frequência de visita, pois isto geralmente depende do tempo disponível que cada entrevistado tem para se deslocar de sua comunidade ao centro urbano dos municípios e, assim, chegar até a cooperativa. Porém, boa parte deles costuma ir até às cooperativas ao menos uma vez na semana:

Eu não venho muito, não. Porque eu passo as vezes, né, como eu paro pouco, inclusive daqui um pouco eu tenho que tá lá no campo trabalhando, mas como eu tenho praga de cigano, eu ando muito (risos). Então, **mas todo dia que eu posso, que eu venho, sempre eu dô uma passadinha**, não tem assim muito limite, **as vez demora uns trinta dia, tem semana que eu passo toda semana**, não tem uma frequência muito, só mais pra... mas é um “oi, oi”, rapidinho, não tem muito, **o tempo é muito reduzido**. (DEPOIMENTO ORAL).¹³

Há que se considerar que dentre os entrevistados, existem aqueles que trabalham no centro urbano – no sindicato, na Prefeitura ou mesmo nas associações – o que os possibilita ter uma frequência mais assídua à cooperativa. Estão incluídos entre estes entrevistados alguns dos coordenadores que têm a obrigação de prestar um dia de serviço semanalmente, na sede da cooperativa:

Um dia na semana, né, eu tô sempre aqui. Procurando saber, procurando me envolver, vê o que que tem pra fazer, o que que eu posso ajudar, o que que eles precisam de mim, entendeu? Sempre, como **agora conselheiro administrativo, a**

¹² Visita entendida aqui tanto como “apenas passar” pela sede da cooperativa quanto aquelas em que o propósito é a prestação de serviço.

¹³ Depoimento de um Associado Ecosol Araponga, Araponga, 2009. Grifo nosso.

gente tenta sempre procurá ajudá porque a gente faz parte da Ecosol, né, a gente vai tá crescendo ao mesmo tempo, fazê um grupo de pessoas também se... melhorando suas condições de vida, entendeu? (DEPOIMENTO ORAL).¹⁴

Como podemos observar na fala anterior, o entrevistado cita parte dos elementos presentes no discurso institucional – “a gente tenta sempre procurá ajudá porque a gente faz parte da Ecosol”, “a gente vai tá crescendo ao mesmo tempo” – reforçando a necessidade de estar mais engajado nos assuntos da cooperativa, ajudando, tornando a organização mais forte justamente por essa união entre os agricultores associados, uma vez que faz parte do Conselho de Administração. Aqui, mais uma vez, a representação social da cooperação como união, ajuda, está de acordo com o pensamento institucional que o sistema Ecosol tenta repassar em suas capacitações e reuniões.

De acordo com os dados obtidos durante a pesquisa, seis entrevistados apenas participaram do processo de constituição das cooperativas, das capacitações iniciais e desde então nunca mais participaram de capacitação ou reunião alguma; outros cinco participam das reuniões e capacitações sempre que têm disponibilidade para tal, mesmo fazendo parte da diretoria; e há sete que, por não serem sócios fundadores, não participaram de nenhuma capacitação desde que se associaram. Num dos extremos encontram-se oito entrevistados que sempre participam de reuniões e capacitações e quatro que, por terem se associado recentemente, participaram de poucas reuniões e capacitações.

As capacitações oferecidas pelo Sistema Ecosol atualmente não alcançam todo o quadro social de suas cooperativas, pois isto exige um investimento que o volume de capital social destas cooperativas não é capaz de proporcionar. Dessa forma, são poucos os cooperados que têm a possibilidade de participar das capacitações oferecidas, pois o número de participantes tem que ser reduzido em virtude dos custos e a preferência é dada àqueles que estão mais presentes no dia-a-dia das cooperativas – como conselheiros fiscais, funcionários e coordenadores.

Assim, para este grupo que tem a oportunidade de participar das reuniões e capacitações oferecidas, a importância da realização destas e da participação de um número maior de cooperados é um fato recorrente em suas falas, bem como a questão da extensão destas capacitações para todo o quadro social das cooperativas, proporcionando o conhecimento necessário para que qualquer pessoa associada à cooperativa possa ser capaz de assumir um cargo na diretoria. A participação confere aos sócios a oportunidade de “ascender

¹⁴ Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

socialmente”, ou seja, aqueles que participam estão aptos a assumir cargos nas cooperativas, pois além do conhecimento que adquirem, mostram-se também responsáveis perante o grupo para assumir a frente do empreendimento que é de todos. Como é possível observar a seguir:

as vezes deixamos a desejar, **nós temos que investir mais na formação**, eu acredito na formação do trabalhador, **não simplesmente duas liderança carregá tudo, uma cooperativa nas costas, mas depois?** Depois eles mudam de cargo ou não pode repetir mais, quem vai assumir? Então eu acho que nós temos que trabalhar mais a formação do nosso produtor. (DEPOIMENTO ORAL).¹⁵

A preocupação em investir mais na formação do quadro social se torna relevante uma vez que as capacitações geralmente são voltadas para os coordenadores, funcionários e conselheiros fiscais, como dito, por isso alguns dos entrevistados que nunca participaram estão no grupo dos que não ocuparam, até o momento, um cargo de diretoria. Este fato é agravado pela falta de recursos financeiros, por parte do Sistema Ecosol e de cada uma das cooperativas visitadas, para financiar estas atividades de capacitação, como salienta o entrevistado a seguir, e também por não fazer parte da cultura dos agricultores: **“O curso, capacitação talvez não é cultura, [...] liderança exige as vez mais [...], não é todos que eu participei não. Sempre... curso de capacitação era mais quando tava perto da direção, né?”** (DEPOIMENTO ORAL).¹⁶

Já no que diz respeito à participação nas assembleias que as cooperativas realizam anualmente, os entrevistados se mostram bastante assíduos¹⁷, estando presentes praticamente em todas desde que se filiaram: nove dos entrevistados disseram estar presentes em todas as assembleias desde que se associaram (incluindo sócios fundadores e associados mais recentes); oito estavam presentes em todas desde a constituição das cooperativas; dois perderam apenas algumas – geralmente duas ou três, por razões particulares – desde que se associaram; cinco disseram não estar presentes em uma assembleia após a filiação; um dos entrevistados participou de apenas uma assembleia e cinco nunca estiveram nas assembleias das cooperativas.

¹⁵ Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

¹⁶ Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

¹⁷ Apesar disto, é importante ressaltar que esta assiduidade é relevante apenas se considerado o número de entrevistas realizadas e a participação dos entrevistados. Quanto à participação dos cooperados como um todo nas assembleias realizadas pelas cooperativas, de acordo com os dados da pesquisa documental, pode-se dizer que é menor do que o esperado, por exemplo, nas assembleias de março de 2008 estiveram presentes 122 cooperados em Araponga e 148 cooperados em Tombos, quando o número de associados em condições de votar, ou seja, em dia com suas obrigações com a cooperativa, era de 230 e 648 cooperados, respectivamente.

Em Tombos, a partir da assembleia de março de 2009, foi adotada uma nova estratégia visando aumentar a participação dos associados. Em virtude do aumento do quadro social por causa dos PACs, foram realizadas pré-assembleias nos municípios onde estão instalados estes postos, para que os problemas referentes aquele grupo específico de associados pudessem ser mais bem discutidos e sintetizados para a discussão entre o grupo maior na assembleia geral e também para que um maior número de cooperados pudesse participar das decisões das assembleias sem precisar se deslocar para outro município:

Todas eu já participei. Foi em 2007, quando foi a criação que a gente passou a fazer parte, depois teve em 2008, e aí no final de 2008 teve uma de planejamento, e depois **em 2009 agora**, a gente optou por, fazendo reuniões com o conselho aqui, Tombos e Espera Feliz, **por fazer pré-assembléias nos PACs pra depois vir pra aqui**. Aí a gente fez uma pré-assembléia em Simonésia, aí a gente programou fez isso lá e depois veio aqui pra Tombos fazer a assembléia de prestação de contas, aqui em Tombos já em 2009. (DEPOIMENTO ORAL).¹⁸

Contudo, há um número considerável de entrevistados que disseram nunca ter estado presente em nenhuma assembleia, por não se interessar em participar deste tipo de reunião, como mostra a seguinte fala: “Não. [Por quê?] Ah... eu não tô muito aí pra essas coisas. Às vez eu sei e não vô, às vez eu não sei. **Eu mesmo que não procuro ir**” (DEPOIMENTO ORAL).¹⁹

A participação no processo de constituição das cooperativas – nas reuniões, capacitações e afins – e a tentativa de manutenção deste vínculo entre cooperados e cooperativas – seja pelo incentivo para que estes estejam mais presentes no dia-a-dia das cooperativas, via assembleia e visitas, seja pela preocupação em levar as instâncias participativas mais próximas aos cooperados, via pré-assembleias – são pontos fundamentais para a configuração da representação social apresentada pelo grupo.

Como salienta Arruda (2002):

[...] toda representação se origina em um sujeito (individual ou coletivo) e se refere a um objeto. [...] Toda representação se refere a um objeto e tem um conteúdo. E o alguém que a formula é um sujeito social, imerso em condições específicas de seu espaço e tempo. (ARRUDA, 2002, p. 141-142).

¹⁸ Depoimento de uma Associada Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

¹⁹ Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

E, no caso destes entrevistados, as “condições específicas” em que estão imersos referem-se exatamente ao ambiente institucional criado em torno destas cooperativas. Mesmo entre aqueles entrevistados que não participaram destas capacitações – ou aqueles que participaram no início e depois deixaram de participar – ainda há, em seus discursos, fragmentos destas capacitações pelo contato que mantêm com os atuais coordenadores e associados mais engajados. É precisamente através das reuniões e das capacitações que o conjunto de práticas organizacionais, que irá determinar o processo de institucionalização em andamento nas cooperativas, será repassado aos cooperados, para que, por meio da adoção destas práticas pelo maior número destes, as cooperativas possam ter um melhor desempenho.

Através do ciclo “capacitações/reuniões–práticas organizacionais–desempenho²⁰” a representação social da cooperação vai sendo construída, mesclando os elementos do discurso institucional ao conhecimento e experiências de cada um dos entrevistados. Neste ciclo, as práticas organizacionais visam passar a imagem da cooperação como um fator essencialmente positivo, porém, ao perpassar a realidade vivida pelos agricultores, ganha os contornos de uma experiência coletiva em que desistências, conflitos e discordâncias também estão presentes (LIMA, 2006). A preocupação em garantir que o maior número de cooperados tenha acesso às capacitações – latente durante o atual processo de expansão dos quadros sociais – implica justamente na manutenção deste ciclo, uma vez que é também através dele que as cooperativas garantem o cumprimento de seus objetivos sociais.

5.2 “ENTÃO AS PESSOAS VÃO SE AJUDANDO UMA AS OUTRAS DE UMA FORMA QUE TALVEZ NEM ELAS MESMO CONSEGUEM PERCEBER”: A INFLUÊNCIA DA REPRESENTAÇÃO NA OPERACIONALIZAÇÃO DA COOPERATIVA

Como dito no início do capítulo, o propósito em verificar a influência da representação social da cooperação na operacionalização das cooperativas estudadas era perceber como cada entrevistado, a partir de seu conhecimento sobre a cooperativa a qual está vinculado e dos serviços que esta pode lhe oferecer, transforma em prática cotidiana esta representação.

²⁰ Quando nos referirmos ao ciclo capacitações/reuniões – práticas organizacionais – desempenho procuramos com isso demonstrar que ao longo dos processos de institucionalização pelos quais passou (e passa) o Sistema Ecosol em Minas Gerais, o esquema adotado para adequar a operacionalização das cooperativas inicia nas reuniões e capacitações que visam repassar – ou discutir – novas práticas organizacionais por meio da adoção das quais será determinado o desempenho destas cooperativas.

Embora este processo possa resultar no aumento – ou tendência ao aumento – das movimentações financeiras das cooperativas, este aspecto não foi abordado em nenhum momento durante a pesquisa.

Assim, no que se refere aos dados obtidos na parte final do item de questões do roteiro de entrevistas, um número significativo de entrevistados conhece todos os serviços oferecidos pelas cooperativas. Neste caso, o trabalho realizado durante o processo de constituição das cooperativas e a participação no Conselho de Administração, bem como das capacitações oferecidas são questões categóricas para este conhecimento.

Existe, entretanto, uma diferença entre os entrevistados vinculados à Ecosol Araponga e os entrevistados vinculados à Ecosol ZM e Leste de Minas Gerais quanto à maneira como demonstram conhecer os serviços que podem dispor: em Araponga havia uma preocupação em citar os nomes específicos das linhas de crédito, dos serviços prestados pela Ecosol, por isso alguns não conseguiam responder ou diziam não saber explicar os serviços.

Neste caso, havia entre os entrevistados uma insegurança em falar sobre os serviços oferecidos pela cooperativa no município de uma forma descompromissada, sem citar os nomes corretos das linhas de empréstimo, como pode ser observado a seguir: “Ah, **detalhadamente não...** Por enquanto tá no início ainda, a gente tá esse ano ainda, tem uns convênio a ser feito e tal. **No mais é o trabalho de empréstimo, é depósito, conta poupança e tal**” (DEPOIMENTO ORAL).²¹

Já em Tombos esta preocupação não era tão evidente. Os entrevistados conseguiam descrever os serviços que conheciam, explicando como funcionava cada empréstimo, cada linha de financiamento, sem se preocupar com o “nome oficial” de cada um.

Os serviços nossos aqui hoje, poupança e crédito, sendo que as linha de crédito tem variações. Tem, nós temos variação da linha de crédito pra área da agricultura. O empréstimo pessoal nosso aqui, temos o empréstimo pessoal também, é até 300 reais, o empréstimo pessoal. E **tem as linhas de crédito pra agricultura, aí varia muito se é pra colheita café, se é pra plantação duma horta**, nós temos o projeto da CONAB aqui que a gente criou, umas mulheres que fazem biscoito, **nós temos a linha de crédito pras mulheres fazerem biscoito, compra de matéria-prima para os biscoito, temos linha para o leite, pra compra de vacas, pra compra de insumos... tem várias linha.** E poupança, da poupança a aplicação de 60, 90, 180 dias que rende mais que nos bancos convencionais. (DEPOIMENTO ORAL).²²

²¹ Depoimento de um Associado Ecosol Araponga, Araponga, 2009. Grifo nosso.

²² Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

Geralmente estes entrevistados, tanto em Tombos quanto em Araponga, conseguem descrever os serviços aos quais tiveram – ou pretender ter – acesso. Dentre os serviços mais acessados pelos entrevistados estão os empréstimos. A maioria deles já os utilizou inúmeras vezes, tantas quantas foram necessárias para que pudessem realizar os investimentos em suas propriedades. Cabe ressaltar que entre os entrevistados que disseram utilizar o empréstimo com muita frequência – a ponto de não saberem ao certo a quantidade de vezes que usaram este serviço – a solicitação geralmente é alternada entre cônjuges, ou seja, esposo e esposa são associados às cooperativas e alternam os pedidos de empréstimo para investimentos maiores em suas propriedades.²³ “Minha mulher é sócia também ela trabalha junto na questão da agricultura familiar, no sítio. Ah, não tenho a conta, **mas no mínimo umas 8-10 vezes, aí entre eu e a minha mulher**, acho que umas 8-10 vezes, no mínimo aí” (DEPOIMENTO ORAL).²⁴

Estes empréstimos visam cobrir parte dos custos que os agricultores têm, por exemplo, com a compra de insumos necessários à produção durante a colheita de café, seja para pagar algum “companheiro”, que veio ajudar na colheita ou para esperar que o produto atinja um preço de mercado satisfatório para que possam vendê-lo; ou mesmo para outros tipos de investimento na propriedade, como a criação de porcos ou galinhas, apicultura, plantação de hortaliças e benfeitorias. Embora as cooperativas tenham linhas de crédito variadas para a agricultura, o empréstimo mais utilizado pelos cooperados entrevistados é o empréstimo pessoal, uma linha de crédito que permite o financiamento de até trezentos reais pelos cooperados, praticamente sem burocracia – exige-se apenas o preenchimento de uma ficha de solicitação que será analisada pelos coordenadores geral e financeiro –, com um retorno rápido e que não tem uma destinação específica de uso.

Dessa forma, tanto os cooperados quanto as cooperativas são beneficiados, pois o dinheiro utilizado nesta linha de crédito satisfaz as necessidades imediatas do solicitante e retorna à cooperativa num prazo relativamente curto, três meses, como observamos na fala que segue:

²³ Há, em cada uma das cooperativas, uma lista de espera para a aprovação dos empréstimos, pois como ressaltado pelos coordenadores entrevistados, as cooperativas não dispõem de recursos suficientes para atender a demanda por empréstimos de todos os cooperados solicitantes, uma vez que também existe o problema da concentração de pedidos em determinadas épocas, como próximo à colheita de café.

²⁴ Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

Eu tenho usado é o empréstimo pessoal, né, **o crédito pessoal, que as vez, esse nem precisa de tá tendo avalista, ele é um empréstimo de período curto, né, de três mês.** Aí a gente via lá, rapidinho pega logo os quinhentos reais [trezentos reais], **até que a gente recebe um dinheiro assim de venda de café ou então de serviço de quem trabalha, né,** ou então um Pronaf tamém que as vê a gente tá perto de recebê ele **ou horas tamém que a gente vai pagá um Pronaf e ainda não vendeu o café, pega aqui tamém uns mil e pouco reais, que já é um empréstimo que precisa de avalista,** parece que dois avalista. Esse aí a gente pega ele pra podê completá as vez um recurso pra podê quitá o Pronafinho, que as vez tá lá em torno de dois mil e pouco, três mil, a gente pega aqui um mil real, a gente arruma esses dois mil da venda de argum produto, né e chega lá e quita no banco, após recebe o valor da produção que a gente já vendeu, a gente trás e torna a quitá de novo aqui. **Faz tipo um ciclo.** (DEPOIMENTO ORAL).²⁵

É possível perceber também a rotatividade do recurso que as cooperativas colocam à disposição dos associados através dos empréstimos, neste caso não só o empréstimo pessoal, que serve tanto para os investimentos na propriedade, mas também para cobrir os custos de outros financiamentos utilizados pelos agricultores, como o PRONAF.

Outro aspecto relativo aos empréstimos pessoais, ressaltado por alguns entrevistados, é que ele serve também para a realização dos “sonhos” dos agricultores: uma viagem de férias, a compra de um eletrodoméstico ou de artigos de vestuário, justamente por não ter uma destinação específica para a agricultura, como salienta o entrevistado na fala que segue:

[...] tem mais de um ano, que aí eu peguei o recurso aqui pra plantio de café. Agora os outro foi mais empréstimo pessoal memo, que aí **o empréstimo pessoal é, né, a pessoa pega ele e faz o que quisé. Esse memo que eu tô pagando, eu peguei ele pra mim ir na praia.** Porque o empréstimo pessoal é pra isso, pra pessoa, né, utilizá. (DEPOIMENTO ORAL).²⁶

Dado o fato de que os empréstimos são os serviços mais utilizados pelos entrevistados e que as cooperativas não possuem recursos suficientes para atender todas as solicitações feitas e os valores necessários a cada uma delas, uma questão manifesta-se: já que as cooperativas trabalham praticamente com os recursos dos próprios associados – exceto em relação ao fundo rotativo de Araponga, que é um recurso que já era anteriormente trabalhado pelos agricultores via sindicato – não deveria haver uma certa sincronicidade e proporção entre o que estes investem nas cooperativas e o que desejam dela receber?

²⁵ Depoimento de um Associado Ecosol Araponga, Araponga, 2009. Grifo nosso.

²⁶ Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Espera Feliz, 2009. Grifo nosso.

No caso das duas cooperativas visitadas, os entrevistados têm uma preocupação muito grande em saber, primeiramente, quanto podem pegar em empréstimos, a partir do investimento em cota-parte realizado no ato da associação. Também durante as primeiras divulgações das cooperativas nas comunidades rurais, a ênfase era dada aos empréstimos. Por isso e, dada a ausência de conhecimentos sobre a operacionalização das cooperativas, não existe uma preocupação de grande parte dos entrevistados em aumentar o valor de suas cotasparte durante o ano²⁷ ou investir uma possível sobra de recurso durante o mês, numa poupança na própria cooperativa. Estes fatos acarretam uma demanda maior de recursos por parte dos cooperados do que investimentos que proporcionem às cooperativas meios de atender a esta demanda.

Do ponto de vista da representação social da cooperação construída pelo grupo, as consequências dos fatores relacionados ao serviço de empréstimos são imediatas, uma vez que a partir do momento em que os associados apresentarem maior propensão a “pegar” dinheiro na cooperativa do que a “colocar”, estes podem se frustrar e rapidamente levar a cooperativa a uma situação semelhante às experiências mal-sucedidas com as quais anteriormente tiveram contato.

Apenas parte dos associados demonstram interesse em investir seus recursos na cooperativa, mas a maioria somente em caráter eventual. A poupança para estes é tida como um serviço secundário, ao qual só irão recorrer em casos específicos. Somente um pequeno grupo utiliza estritamente a poupança e não demonstra interesse em usar os empréstimos oferecidos pelas cooperativas, como vemos a seguir:

Não gosto não. Porque um dia nós pegamo empréstimo no Banco do Brasil. Pronafinho, cê sabe né? Pois é, aí não gostamo. De jeito nenhum! Aquilo fica só, **cata tudo dinheiro da gente, ué! É eu acredito que seja** [diferente na Ecosol], **mas mesmo assim eu não penso muito em panhá dinheiro emprestado, não. Se tive pra pô lá eu ponho, mas panhá...** só se for o caso da gente precisá, é claro que vai panhá, mas assim pra poca coisa eu não panho, não. Prefiro deixá de comprá alguma coisa, prefiro deixá de fazê. (DEPOIMENTO ORAL).²⁸

²⁷ Esta preocupação aparece somente caso os associados desejem aumentar o valor dos empréstimos que pretendem solicitar, pois o valor da cota determina o valor do empréstimo. O limite estatutário para empréstimos permite que os associados solicitem valores que, no máximo, representem dez vezes o valor investido em cota parte, assim uma cota-parte de R\$100,00 permite ao cooperado solicitar um empréstimo de até R\$1000,00. Aumentando a cota-parte, o valor do empréstimo aumenta proporcionalmente (Ecosol ZM e Leste de MG, 2007, Estatuto social).

²⁸ Depoimento de uma Associada Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

Aqui aparece novamente a insegurança em lidar com um empreendimento coletivo, justamente por meio de uma experiência anterior mal sucedida, mas que ainda está presente no imaginário de parte dos entrevistados.

À parte este receio, o contato dos entrevistados com as cooperativas do Sistema Ecosol nos dois municípios estudados os fez perceber muitos pontos positivos em relação à atuação destas cooperativas e a sua importância para os agricultores cooperados. Dentre os motivos mais citados estão a facilidade de acesso ao crédito, enquanto alternativa aos bancos comerciais, pela menor burocracia e a adequação do valor financiado às reais necessidades dos agricultores; o trabalho diferenciado realizado pelas cooperativas, uma vez que esta tem sua operacionalização conduzida pelos próprios agricultores associados, o que os leva a acreditar mais em seu potencial e, dessa forma, influenciar os projetos e associações que pressupõem a organização dos agricultores em torno de um objetivo comum. No discurso de duas entrevistadas,

É a questão de a gente perceber que a gente pode fazer isso, isso é um ponto positivo. É... que às vezes a gente não dá conta da capacidade que a gente tem, então isso eu vejo assim como um ponto que, **todos os agricultores deveriam valorizar mais a sua capacidade, mesmo tendo dificuldades**, eu tenho dificuldades, todo mundo eu sei que tem, eu ainda mais por não ter podido estudar, mas é **só de saber que se a gente se esforçar a gente consegue fazer, é... é um ponto muito positivo.** (DEPOIMENTO ORAL).²⁹

É o que eu falei memo... assim **a importância, né, pros agricultores pra tá ajudando, a questão dos empréstimos** que ajuda muito os agricultores, a questão igual de PRONAF memo, né, antes eles trabalhava bastante, agora parô, mas que aí uma época ajudô bastante tamém. Mas, assim é ate difícil pro cê falá assim, né, o que que é positivo. Mas assim, que eu acho... mais é a organização tamem, né, dos agricultores **de uma forma de outra cê acaba influenciando na organização também dos agricultores.** (DEPOIMENTO ORAL).³⁰

Aparecem também pontos positivos relacionados à percepção sobre a parte operacional das cooperativas, em que a atenção recai sobre a forma como o empreendimento é gerido e o acesso à documentação contábil que os associados possuem, ao contrário do que acontecia quando eram clientes de algum banco comercial da região. É claro que esta percepção está diretamente relacionada ao fato destes entrevistados, em algum momento, serem parte do conselho de administração ou fiscal das cooperativas em questão, embora

²⁹ Depoimento de uma Associada Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

³⁰ Depoimento de uma Associada Ecosol Araponga, Araponga, 2009. Grifo nosso.

mantenham, mesmo distante dos conselhos, esta percepção em relação à prestação de contas que ocorre durante as assembleias gerais anuais, como observamos no trecho que segue:

A questão do positivo que **a gente vê aí o trabalho que é feito**. O que **a gente compra a gente paga e o envia o relatório no final, o balancete no final**, do que foi pago, do que foi gasto, entendeu? Então eu acho isso muito positivo, **a gente tê isso em mãos, essa documentação em mão de, dessas prestação de conta**, cê entendeu? Acho isso muito interessante. (DEPOIMENTO ORAL).³¹

Citam também, como benéfica, a fiscalização direta do Banco Central, ao qual as cooperativas estão submetidas. Parte dos entrevistados veem esta fiscalização como uma oportunidade para as cooperativas demonstrarem aos cooperados – aos outros agricultores e organizações dos municípios, igualmente – que são organizações confiáveis, em que os agricultores podem depositar seus recursos sem medo de que esta venha a se dissolver.

Neste sentido, também são ressaltados pontos como a contribuição para o crescimento do município, em termos econômicos, uma vez que sempre que o cooperado realiza sua movimentação financeira na cooperativa, contribui para manter o recurso circulando dentro do próprio município. Deste modo, estas cooperativas enquanto projetos alternativos para atender às necessidades de serviços financeiros dos agricultores familiares dos municípios em que estão inseridas, através do atendimento diferenciado que oferecem àqueles que se associam, proporcionam, na opinião dos entrevistados, um crescimento para o pequeno agricultor, uma implementação de sua renda:

Eu acho que [a cooperativa] é uma oportunidade, viu, pros nossos agricultores a tá implementando mesmo a renda deles, buscando uma auto-sustentabilidade na produção rural, porque nosso município é noventa por cento agricultores familiares. Então aquelas pessoas que moram aqui na rua ainda tem algum vínculo direto com o meio rural. Eu enxergo como **uma possibilidade a mais que as pessoas tem, uma outra oportunidade que sem a Ecosol eles não teria, né? Um acesso diferenciado à poupança e crédito**. (DEPOIMENTO ORAL).³²

Bom, acho que a **principal coisa positiva que eu acho da cooperativa é do dinheiro circulando no município**, acho que isso é um ponto muito interessante, sabe? Isso faz com que aquece, num falo a economia, mas o lugar, então porque a coisa gira, a cooperativa ela gira, com um banco é diferente, cê as vez pode... vô dá um exemplo, **eu hoje deposito um dinheiro, aplico um dinheiro no banco aqui, por exemplo, eu sô a favor da natureza, do meio ambiente, mas as vez o**

³¹ Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

³² Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

dinheiro vai servi pra desmatá lá na Amazônia, porque aquele dinheiro, como o banco é a nível federal aí, ele pode pegá meu próprio dinheiro memo que eu to aplicando aqui, ele pode tá sendo emprestado pra fazê um desmatamento, sei lá, ou uma caça ilegal, que eu posso tá cooperando. Na cooperativa ela tem essa menor dimensão, mais resumida que não abre tanto pra que as vez até que o recurso que a pessoa aplica servi pra fazê aquilo contra o que ele gostaria que fosse feito. (DEPOIMENTO ORAL).³³

Especificamente em Araponga foi citado como positivo o fato da cooperativa estar instalada num imóvel próprio, o que diminuiu os custos de aluguel, pois no início esta funcionava numa pequena sala dentro do STR. E também o fato de que este imóvel possui as instalações adequadas para o funcionamento da cooperativa, como espaço próprio para atendimento dos associados e espaço reservado para o arquivamento de documentos. Já em Tombos, devido à ligação mais próxima que possuem com a Base Minas – localizada em Espera Feliz – e com a Central Ecosol – através de um dos coordenadores que faz parte desta – foi citado como positivo a reestruturação pela qual a Central vinha passando durante o período da pesquisa, apontando o maior número de representantes dos agricultores familiares em sua direção.

Por outro lado, são ressaltados os pontos negativos das cooperativas do Sistema Ecosol em Minas Gerais, sobretudo a falta de recursos financeiros para oferecer as capacitações necessárias aos novos associados, também para proporcionar um acompanhamento técnico aos projetos que os associados pretendem realizar em suas propriedades, por meio dos empréstimos que fazem nas cooperativas. A falta de divulgação das cooperativas para todos os agricultores das comunidades rurais dos municípios também é tida como um ponto negativo, pois desta forma a Ecosol pode deixar de atingir uma parte significativa de seu público potencial por falta de informação. A questão da divulgação também atinge o núcleo urbano, uma vez que a maioria das pessoas não sabe que existe um empreendimento deste tipo no município em que reside ou quando tem algum conhecimento acerca da cooperativa, não entende o seu funcionamento ou propósito.

A falta de capacitações para os novos associados remete diretamente, de acordo com os dados obtidos, ao não entendimento do objetivo social da cooperativa e, conseqüentemente a uma atitude inconsciente, por uma parte do grupo de associados, de não comprometimento com a cooperativa, seja por meio da quitação das parcelas de empréstimo na data certa, seja pelo aumento do número de poupanças e volume de capital. É importante destacar que o perfil

³³ Depoimento de um Associado Ecosol Araponga, Araponga, 2009. Grifo nosso.

dos associados das cooperativas Ecosol em Minas Gerais – agricultor familiar com pequenas extensões de terra – nem sempre permite um acúmulo de capital em poupança, entretanto quando nos referimos à atitude inconsciente de parte dos associados estamos lidando com o resultado da falta de entendimento sobre o que é uma cooperativa e sobre sua responsabilidade enquanto um dos “donos do negócio”.

À parte os pontos positivos e negativos apontados pelos entrevistados, a constituição das cooperativas Ecosol tanto em Tombos quanto em Araçuaia levaram a mudanças significativas na vida das famílias dos agricultores associados e também na própria dinâmica dos municípios. Dentre as mudanças citadas durante as entrevistas destacam-se a expectativa do agricultor ter uma melhor visão de futuro devido à possibilidade de esperar o melhor preço para vender o café – principal fonte de renda da maioria dos agricultores associados – e, conseqüente, aumento da renda das famílias associadas.

Foram significativas também as mudanças no âmbito da participação dos agricultores em suas organizações e o conhecimento adquirido sobre o assunto, proporcionando uma mudança de mentalidade, com mais liberdade para resolver seus problemas de ordem financeira; fugindo assim da necessidade de apelar a um agiota, uma vez que podem recorrer aos empréstimos nas cooperativas e esperar um preço melhor para vender a produção. Alçando a constituição das cooperativas Ecosol ao patamar de impulsionadoras do desenvolvimento rural nestes municípios, não como a principal organização responsável, mas como parte do movimento em prol das transformações na esfera da participação social nas organizações de agricultores e, conseqüentemente, no cotidiano das famílias associadas.

Neste sentido, os “sistemas representacionais locais” vão desvendar “as histórias e a memória social da comunidade, bem como os arranjos sociais e institucionais que definem o contexto em que as pessoas se encontram e ativamente constroem” (Jovchelovitch, 2008: 268) e a representação social da cooperação apresentada pelos entrevistados vai influenciar de duas formas a operacionalização das cooperativas: por um lado auxilia a instituição das práticas organizacionais e, por outro representa um entrave a estas mesmas práticas organizacionais. Explicando: ao influenciar a operacionalização das cooperativas no mesmo sentido das práticas organizacionais que o Sistema Ecosol pretende instituir, a representação construída pelo grupo é apresentada como “ideal”, aquela que é capaz de manter a unidade do grupo em torno de uma ação coletiva, sobretudo porque os entrevistados, neste caso, entendem que a cooperativa é “algo próximo” a eles, rompendo com um modelo distante de instituição financeira e que também se constitui como uma “organização autônoma” (tem sede, espaço

próprio, é do lugar). No outro sentido, a representação construída fragiliza o argumento responsável por tentar instituir as práticas organizacionais, uma vez que existe influência tanto das experiências anteriores frustradas quanto da dificuldade da cooperativa se reproduzir por meio da formação da poupança. Assim, do ponto de vista do processo de institucionalização emergente algumas medidas – como limitar o valor dos empréstimos – são necessárias para que a “saúde financeira” destas cooperativas não seja comprometida. Contudo, tais medidas nem sempre são bem entendidas pelos cooperados, que na maioria das vezes pensam no benefício imediato que lhes foi prometido no ato da associação, ou seja, acesso rápido e fácil a serviços financeiros que necessitam.

Dessa forma, é importante que os associados se sintam donos do empreendimento, para que então consigam garantir que seu funcionamento realmente alcance as suas necessidades. E é a partir desta conscientização que a representação social construída poderá ter uma influência sobre a operacionalização das cooperativas capaz de favorecer a ação coletiva apesar das diferenças entre os agentes envolvidos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Dizer que um segmento da atividade humana foi institucionalizado já é dizer que este segmento da atividade humana foi submetido ao controle social” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 80).

As cooperativas de crédito pesquisadas surgem a partir da atuação de uma outra organização, a ADS/CUT, que já tinha sua atuação firmada nos municípios em questão através dos STRs. A participação dos agricultores associados nas cooperativas tanto em Tombos quanto em Araponga, se dá no que Berger e Luckmann (1985) caracterizam como “institucionalização”, ou seja, através de tipificações recíprocas entre indivíduos em que as ações de uns são importantes para todos os envolvidos em uma situação comum. Estas tipificações vão sendo construídas ao longo da interação entre determinados indivíduos em um grupo e levam a uma considerável economia de energia por estes, ao passo que tornam as ações destes indivíduos (ou o conjunto destas ações) habituais, onde um é capaz de “prever” as ações do outro e vice-versa (BERGER; LUCKMANN, 1985). Dessa forma, no que tange ao contexto desta pesquisa, a institucionalização pela qual os associados passaram e ainda vêm passando no Sistema Ecosol, é diretamente influenciada pelo vínculo com os STRs e às “tipificações” anteriormente empreendidas pelos agricultores que já eram sindicalizados.

Neste sentido, o fato de estarem vinculadas aos sindicatos, dá às cooperativas do Sistema Ecosol um voto de confiança pelos agricultores da região, uma vez que o sindicato é uma organização que tem respaldo entre os agricultores da região e estes já têm consolidado em seus grupos a importância e a responsabilidade de seu trabalho.

A ideia de constituir um sistema de cooperativas de crédito vinculado a uma organização que já tinha prestígio entre os agricultores da região foi capaz de promover, primeiramente, a adesão dos sócios fundadores. A partir disto e através das capacitações iniciais que participaram é que foram sendo consolidadas ações no sentido de fazer com que outros agricultores viessem a se associar, concretizando assim a atuação das cooperativas no meio rural dos municípios pesquisados.

Através dos relatos das entrevistas, podemos inferir que uma pequena parcela dos cooperados ingressou nas cooperativas com um pensamento formado sobre o ato de cooperar e a própria operacionalização da cooperativa e a outra parcela dos cooperados – a maior –

ainda não possuía uma ideia formada sobre a cooperação nem sobre o trabalho desempenhado pela cooperativa. Disto deriva que não há uma forma de pensar a realidade que os cerca, sobretudo no que tange ao objeto desta investigação, a cooperação, fora do ambiente institucional que os integra, pois foi através deste vínculo organizacional que os entrevistados passaram a pensar a cooperação de uma forma mais concreta.

Sendo a representação social uma tentativa de tornar familiar um fato, conceito ou “uma novidade” (JODELET, 2002) anteriormente alheias ao contexto em que se apresentam, as falas e os desenhos dos entrevistados procuram vincular a cooperação ao universo de significados de cada um. Assim, podemos destacar duas maneiras dessa tentativa de aproximar o conceito “cooperação” ao cotidiano destes agricultores, a partir principalmente dos desenhos obtidos: os desenhos do rio, das mãos, da laranja – citando alguns dos “inovadores” – remetem diretamente ao cotidiano dos agricultores. Trazem o conceito abstrato da cooperação mais para perto da realidade que os cerca, com a qual estão acostumados e conseguem lidar. Para isso são utilizadas figuras que os agricultores conseguem mensurar e que estão presentes em seu dia-a-dia desde muito antes do contato com as cooperativas. Por outro lado, os desenhos do símbolo da Ecosol, pessoas de mãos dadas ou em círculos, fazem com que a representação da cooperação ganhe os contornos da experiência mais direta que os agricultores têm com esta, ou seja, vinculam a cooperação ao Sistema Ecosol e suas cooperativas, através das quais puderam realizar com mais facilidade suas operações financeiras e conseqüentemente abrir as portas para uma mudança maior em suas vidas, famílias, propriedades. Entretanto, não é o símbolo responsável por essa “materialização” da representação social da cooperação, mas o que as cooperativas, enquanto organização dos agricultores, representam – “uma união, uma conquista, uma luta, um esforço” e “a união das pessoas em termo de um objetivo comum faz muita diferença” – e que, para estes entrevistados, acaba por se confundir com a cooperação.

Estes resultados evidenciaram uma representação social da cooperação em que o seu significado está diretamente vinculado às experiências pessoais anteriores dos entrevistados enquanto agricultores, aos conhecimentos que obtiveram sobre a operacionalização das organizações que surgiram antes das cooperativas e às capacitações oferecidas pelo Sistema Ecosol e a ADS/CUT no que diz respeito a uma cooperativa de crédito solidário.

É uma representação essencialmente positiva dado que os associados entrevistados, na maioria das vezes, a relacionam às expressões “união”, “solidariedade”, “trabalho conjunto/ajuda”, termos muito presentes também no discurso institucional do Sistema Ecosol

e vinculados aos serviços prestados por estas cooperativas aos agricultores e às “coisas boas que a Ecosol trouxe para seus associados”, nas palavras de um entrevistado.

Entretanto, mesmo que a representação do grupo de entrevistados acerca da cooperação seja em grande parte positiva, ainda existe um receio dos agricultores familiares da região sobre o que diz respeito às cooperativas em geral, devido às experiências mal sucedidas que vivenciaram ou tiveram contato com agentes envolvidos, trazendo à representação uma conotação de alerta, nas palavras de uma entrevistada, “um pé atrás” com qualquer tipo de cooperativa, fato que não é facilmente superado. Esta postura, esta forma de apreender a cooperação e transformá-la em representação pode constituir-se num entrave ao trabalho das cooperativas em aumentar a sua atuação e conseqüentemente seu quadro social, dois fatores que para o sistema Ecosol em Minas Gerais atualmente se apresentam como urgentes, dada a demanda de recursos para financiamento apresentada por seus cooperados, pois uma parte dos agricultores que poderiam vir a associar-se futuramente não se arrisca com medo de uma nova experiência desastrosa.

Apesar das experiências mal sucedidas na região, o trabalho da Ecosol, por meio de um discurso muito bem elaborado consegue, aos poucos, ir adentrando o cotidiano dos agricultores e minimizar os efeitos desse “pé atrás” com as cooperativas, embora seja exatamente por este discurso muito bem elaborado que a ideia de cooperação repassada aos associados, em reuniões, capacitações ou mesmo em conversas informais, não seja questionada. Como as cooperativas surgiram a partir de uma organização já consolidada e confiável do ponto de vista dos agricultores – o STR –, seu trabalho deveria ter o mesmo caráter do trabalho deste. Num primeiro momento, estes fatores contribuíram, como dito, à consolidação destas cooperativas, ou seja, durante o primeiro processo de institucionalização o fato de estarem diretamente vinculadas aos STRs, deu às cooperativas o respaldo necessário para que o ciclo “capacitações/reuniões-práticas organizacionais- desempenho” fosse muito bem consolidado entre o grupo de associados, auxiliando também a construção da representação social da cooperação de conotação positiva apresentada pelo grupo. Contudo, ao perpassar a realidade vivida pelos agricultores, todas as implicações de um trabalho real de cooperação vêm à tona, demonstrando que, para além da disposição para cooperar presente em cada um dos indivíduos do grupo é necessário também administrar os conflitos de interesses, as discordâncias de opiniões e as possíveis desistências que podem ocorrer durante o processo. Deste modo, uma representação social da cooperação essencialmente positiva não necessariamente virá a influenciar o desempenho das cooperativas em questão de forma

satisfatória, do ponto de vista organizacional, ou seja, não será a responsável por garantir que as cooperativas sejam capazes de cumprir seus objetivos sociais e manter-se em funcionamento, uma vez que, como salienta Jovchelovitch (2008, p. 34), “[...] mesmo quando elas [as representações] conseguem atingir um alto grau de consenso [...] haverá ali algum dissenso, algumas pessoas ou grupos prontos a propor representações alternativas”. Faz-se necessária uma discussão mais aprofundada sobre a representação social da cooperação no âmbito da prática cotidiana dos grupos envolvidos. Este trabalho, então, sinaliza para um terceiro momento futuro em que as práticas organizacionais empreendidas sejam fruto daquelas cultivadas durante os dois processos de institucionalização descritos no sentido de entrelaçá-los, uma vez que é tão importante para o sistema Ecosol aproximar-se das práticas padronizadas de um banco comercial – dada a nova dimensão de seus quadros sociais –, mas é imprescindível que mantenham sempre fortes os laços de proximidade que mantêm o grupo de agricultores associados unido em torno destas organizações.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. A densa vida financeira das famílias pobres. In: ABRAMOVAY, Ricardo. (Org.). **Laços financeiros na luta contra a pobreza**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2004. p. 21-67.

ALVES, Marisa Alice. A “conquista da terra”: (re)produção social e (re)construção histórica entre agricultores familiares do município de Araponga (MG). **Maná**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 269-283, out. 2006.

APPENDINI, Kirsten; NUIJTEN, Monique. El papel de las instituciones em contextos locales. **Revista de la CEPAL**, Santiago de Chile, n. 76, p. 71-88, abr. 2002.

ARRUDA, Ângela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 117, p. 127-147, nov. 2002.

ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES FLORESTAIS DO SUDOESTE DE MINAS GERAIS. **Plantio realizado**. 2007. Disponível em: <http://www.apflor.com.br/index_12.html>. Acesso em: 15 jul. 2008.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. A sociedade como realidade objetiva. In: _____. **A construção social da realidade**. 9. ed. Petrópolis: Vozes. 1985. p. 69-171.

BRASIL. Resolução 3.442 de 28 de fevereiro de 2007. Dispõe sobre a constituição e o funcionamento de cooperativas de crédito. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 28 fev. 2007.

BRUNKHORST, Hauke. Ação e mediação. In: OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 2-5.

BÚRIGO, Fábio Luiz. **Finanças e solidariedade: uma análise do cooperativismo de crédito rural solidário no Brasil**. 2006. 374 f. Tese (Doutorado em Sociologia Política) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

CAMPOS, Ana Paula Teixeira de. **Conquista de Terras em Conjunto: redes sociais e confiança**. A experiência dos agricultores e agricultoras familiares de Araponga (MG). 2006.

102 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Departamento de Economia Rural, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2006.

CORTES, Soraya M. Vargas. Técnicas de coleta e análise qualitativa de dados. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 11-47, 1998.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1985.

DEPARTAMENTO DE ESTRADAS DE RODAGEM DE MINAS GERAIS. **Distâncias BH/municípios**. Disponível em: <<http://www.der.mg.gov.br/distancias-bhmunicipios>>. Acesso em: 15 jan. 2010.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1989. (Pensamento e Ação no Magistério, 6).

DEPARTAMENTO DE ESTRADAS DE RODAGEM DE MINAS GERAIS. **Distâncias BH/municípios**. Disponível em: <<http://www.der.mg.gov.br/distanciasbhmunicipios>>. Acesso em 15 jan. 2010.

DOUGLAS, Deborah Valente. A influência do gostar na sua vida. [200?]. In: **Clube Stum**. Disponível em: <<http://somostodosum.ig.com.br/clube/artigos.asp?id=17972>>. Acesso em: 26 ago. 2009.

DOUGLAS, Mary. **Como as instituições pensam**. São Paulo: Editora da USP, 1998. (Ponta, 16).

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p. 139-154, mar. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2010.

DURÁN, Regis Francisco Mairena. **A participação de atores sociais na formulação do Plano de Desenvolvimento Rural do município de Tombos (MG)**. 2001. 140 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Departamento de Economia Rural, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2001.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália (1912). São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os pensadores).

ECOSOL ZONA DA MATA E LESTE DE MINAS. **Estatuto social**. Tombos, MG: Ecosol, 2007.

ECOSOL. Sistema de Cooperativas de Crédito da Agricultura Familiar e Economia Solidária. **Princípios**. Disponível em: <www.ecosol.com.br>. Acesso em: 8 mar. 2009.

ELSTER, Jon. **Peças e engrenagens das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

FARR, Robert M. Representações sociais: a teoria e sua história. In: JOVCHELOVITCH, Sandra; GUARESCHI, Pedrinho. (Org.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 31-59.

GAMBETTA, Diego. Confiança e cooperação. In: OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 119-120.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

GUARESCHI, Pedrinho. Introdução. In: JOVCHELOVITCH, Sandra; GUARESCHI, Pedrinho (Org.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 17-30.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. 2008. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 8 maio 2008.

_____. **Cidades**. 2009. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 12 mar. 2009.

_____. **Cidades**. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 15 jan. 2010.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002. p. 17-44.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2003. (Coleção Ofício de Arte e Forma).

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura.** Petrópolis: Vozes, 2008. (Coleção Psicologia Social).

_____. **Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 2000. (Coleção Psicologia Social).

_____. **Representações sociais: avanços e tendências.** 1996. Palestra proferida no Encontro Científico de Pós-Graduação da Psicologia, Porto Alegre, PUCRS, 2 set. 1996.

_____. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: JOVCHELOVITCH, Sandra; GUARESCHI, Pedrinho. (Org.). **Textos em representações sociais.** Petrópolis: Vozes, 1995. p. 63-85.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário.** São Paulo: Brasiliense, 1997. (Coleção Primeiros Passos, 309).

LIMA, Ludmila Moreira. Cooperação, o que vem a ser? **Revista Hegemonia**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 1-18, 2006. Disponível em: <www.unieuro.edu.br>. Acesso em: 26 ago. 2009.

LOPES, Marta Julia Marques; BUENO, André Luis Machado. Saúde pública é...: permanências e modernidades nas representações de universitários. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 92-101, set./dez. 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Fase de trabalho de campo. In: _____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo; Rio de Janeiro: Hucitec; Abrasco, 1992. p. 105-196.

OLSON, Mancur. **A lógica da ação coletiva.** São Paulo: Edusp, 1999.

PEREIRA, Viviane Guimarães. **Representações sociais sobre o meio ambiente entre os jovens do município de Formiga (MG).** 2002. 125 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Departamento de Economia Rural, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2002.

SÁ, Celso Pereira de. Métodos e técnicas de pesquisa do núcleo central. In: _____. **Núcleo central das representações sociais.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 99-138.

SANTOS, Ailton Dias dos; FLORISBELO, Glauco Regis. **Desarrollo territorial, cambio institucional y productividad: sistematización de tres experiencias en el Estado de Minas**

Gerais, Brasil. Viçosa: CTA-ZM, 2004. Disponível em:
<<http://www.grupochorlavi.org/desarrolloterritorial>>. Acesso em: 1 dez. 2007.

SILVA, Priscilla Rocha; BAPTISTELLA, Celma da Silva Lago; VERDI, Adriana Renata. Parceria como forma de Trabalho Rural no Estado de São Paulo: início do século XXI. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 42-51, fev. 2008. Disponível em:
<<ftp://ftp.sp.gov.br/ftpiea/publicacoes/tec4-0208.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2010.

SILVERMAN, David. Escrevendo seu relatório. In: SILVERMAN, David. **Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 300-310.

SOUZA, Alzira Silva de. **Cooperativismo de crédito: realidades e perspectivas**. Brasília: OCB, 1996.

TIRADENTES, Leomar. **O canto da Araponga: possibilidades de um turismo no espaço rural da microrregião de Viçosa (MG)**. 2004. 160f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

VALADARES, José Horta. Redes: uma abordagem antropológica. **Revista Sebrae**, n. 7, p. 7-8, nov./dez. 2002. Disponível em:
<<http://www.lupa.org.br/biblioteca/Redes,%20uma%20abordagem%20antropol%F3gica.pdf>>
. Acesso em: 18 mar. 2009.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

DURKHEIM, Émile; MAUSS, Marcel. Algumas formas primitivas de classificação: contribuições para o estudo das representações coletivas (1903). In: MAUSS, Marcel. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 1981. p. 399-455.

DUVEEN, Gerard. O poder das ideias. In: MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 7-28.

ECOSOL. **Projeto de viabilidade econômica para a expansão da área de abrangência da Ecosol Tombos**. Tombos, MG: Ecosol, 2007.

MOSCOVICI, Serge. O fenômeno das representações sociais. In: _____. **Representações sociais: investigações em Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 29-109.

MOSCOVICI, Serge; DOISE, Willen. O trabalho de decisão. In: _____. **Dissensões e consenso: uma teoria geral das decisões coletivas**. Lisboa: Livros Horizonte, 1991. p. 206-232.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - TCLE Ecosol ZM e Leste de MG

Este documento visa esclarecer os objetivos e procedimentos metodológicos da pesquisa intitulada: “O Cooperativismo de Crédito Solidário e as Representações Sociais da Cooperação na Zona da Mata Mineira”, para a qual a Cooperativa de Crédito da Agricultura Familiar e Economia Solidária da Zona da Mata e Leste de Minas Gerais – ECOSOL ZONA DA MATA, através de sua sede em Tombos, está sendo convidada a participar como voluntária.

Para além destes esclarecimentos sobre a pesquisa, este termo também contém os contatos residencial, institucional e telefônico da pesquisadora, para eventuais dúvidas ou esclarecimentos que possam surgir sobre a pesquisa e a participação dos membros da Ecosol nesta.

Concordando em participar, o termo deve ser assinado no final, pelo representante legal da cooperativa, que manterá uma cópia deste na sede da mesma, podendo ser acessada por todos os associados que desejarem, assim como o projeto de pesquisa completo que estará anexado a este.

É importante ressaltar que a participação tanto dos associados quanto dos membros do conselho de administração nesta pesquisa não é obrigatória e, a qualquer momento, a organização pode desistir de participar e retirar seu consentimento, solicitando que todo o material coletado até então seja descartado. A recusa não trará nenhum prejuízo na relação com a pesquisadora ou com a instituição. Além disso, fica garantida a confidencialidade das informações e dos dados pessoais coletados durante as entrevistas.

OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa pretende identificar as representações sociais da cooperação entre os associados da Ecosol Zona da Mata, especificamente entre aqueles associados à sua sede no município mineiro de Tombos. E, a partir desta identificação, analisar como estas representações influenciam o funcionamento desta cooperativa.

Para tanto, a pesquisa irá basear-se na análise de documentos institucionais – como estatuto; listas de presença em assembleias, reuniões e capacitações – e em entrevistas individuais com todos os membros do conselho de administração e alguns associados. Estes últimos serão escolhidos através do critério de subdivisão por grupos produtivos.

A partir do consentimento de cada entrevistado, as entrevistas serão gravadas digitalmente e depois transcritas literalmente, para que possam ser analisadas. Este material será catalogado de maneira a garantir que os dados pessoais de cada entrevistado não sejam divulgados e estará à disposição destes e da cooperativa a todo tempo.

DADOS DA PESQUISA/PESQUISADORA

NOME DA PESQUISA: O Cooperativismo de Crédito Solidário e as Representações Sociais da Cooperação na Zona da Mata Mineira

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Márcia Eliana Martins

ENDEREÇO: Rua Maestro João Salgado, 59 fundos. Bairro de Lourdes – Viçosa/MG

ENDEREÇO ELETRÔNICO: marcicinha@yahoo.com.br

TELEFONE: (31) 8564-4092

INSTITUIÇÃO DE PESQUISA: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PGDR/UFRGS

ENDEREÇO: Av. João Pessoa, 31. Centro - Porto Alegre, RS. Cep: 90040-000.

TELEFONE/FAX: (51) 3308-3281

Assinatura da Pesquisadora Responsável

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, _____, enquanto representante legal da Cooperativa de Crédito da Agricultura Familiar e Economia Solidária da Zona da Mata e Leste de Minas Gerais – ECOSOL ZONA DA MATA, declaro que li as informações contidas nesse documento, fui devidamente informado pela pesquisadora *Márcia Eliana Martins* dos objetivos e procedimentos que serão utilizados, confidencialidade da pesquisa além de receber uma cópia do projeto de pesquisa. Através deste consentimento, concordo em participar da pesquisa acima descrita. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer constrangimento. Declaro também que recebi uma cópia desse Termo de Consentimento.

_____, ____/____/2009

(Nome por extenso)

(Assinatura)

TCLE ECOSOL ARAPONGA

Este documento visa esclarecer os objetivos e procedimentos metodológicos da pesquisa intitulada: “O Cooperativismo de Crédito Solidário e as Representações Sociais da Cooperação na Zona da Mata Mineira”, para a qual a Cooperativa de Crédito da Agricultura Familiar e Economia Solidária de Araponga – ECOSOL ARAPONGA está sendo convidada a participar como voluntária.

Para além destes esclarecimentos sobre a pesquisa, este termo também contém os contatos residencial, institucional e telefônico da pesquisadora, para eventuais dúvidas ou esclarecimentos que possam surgir sobre a pesquisa e a participação dos membros da Ecosol nesta.

Concordando em participar, o termo deve ser assinado no final, pelo representante legal da cooperativa, que manterá uma cópia deste na sede da mesma, podendo ser acessada por todos os associados que desejarem, assim como o projeto de pesquisa completo que estará anexado a este.

É importante ressaltar que a participação tanto dos associados quanto dos membros do conselho de administração nesta pesquisa não é obrigatória e, a qualquer momento, a organização pode desistir de participar e retirar seu consentimento, solicitando que todo o material coletado até então seja descartado. A recusa não trará nenhum prejuízo na relação com a pesquisadora ou com a instituição. Além disso, fica garantida a confidencialidade das informações e dos dados pessoais coletados durante as entrevistas.

OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa pretende identificar as representações sociais da cooperação entre os associados da Ecosol Araponga. E, a partir desta identificação, analisar como estas representações influenciam no funcionamento desta cooperativa.

Para tanto, a pesquisa irá basear-se na análise de documentos institucionais – como estatuto; listas de presença em assembleias, reuniões e capacitações – e em entrevistas individuais com todos os membros do conselho de administração e alguns associados. Estes últimos serão escolhidos através do critério de subdivisão por grupos, de acordo com o vínculo que possuem com a agricultura.

A partir do consentimento de cada entrevistado, as entrevistas serão gravadas digitalmente e depois transcritas literalmente, para que possam ser analisadas. Este material será catalogado de maneira a garantir que os dados pessoais de cada entrevistado não sejam divulgados e estará à disposição destes e da cooperativa a todo tempo.

DADOS DA PESQUISA/PESQUISADORA

NOME DA PESQUISA: O Cooperativismo de Crédito Solidário e as Representações Sociais da Cooperação na Zona da Mata Mineira

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Márcia Eliana Martins

ENDEREÇO: Rua Maestro João Salgado, 59 fundos. Bairro de Lourdes – Viçosa/MG

ENDEREÇO ELETRÔNICO: marcicinha@yahoo.com.br

TELEFONE: (31) 8564-4092

INSTITUIÇÃO DE PESQUISA: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural,
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PGDR/UFRGS

ENDEREÇO: Av. João Pessoa, 31. Centro - Porto Alegre, RS. Cep: 90040-000.

TELEFONE/FAX: (51) 3308-3281

Assinatura da Pesquisadora Responsável

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, _____, enquanto representante legal da Cooperativa de Crédito da Agricultura Familiar e Economia Solidária de Araponga – ECOSOL ARAPONGA, declaro que li as informações contidas nesse documento, fui devidamente informado pela pesquisadora *Márcia Eliana Martins* dos objetivos e procedimentos que serão utilizados, confidencialidade da pesquisa além de receber uma cópia do projeto de pesquisa. Através deste consentimento, concordo em participar da pesquisa acima descrita. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer constrangimento. Declaro também que recebi uma cópia desse Termo de Consentimento.

_____, ___/___/2009

(Nome por extenso)

(Assinatura)

APÊNDICE B - Coleta de dados

- PESQUISA DOCUMENTAL

- *Estatuto;*
 - Data de constituição;
 - Área de abrangência
 - Endereço
 - Data de aprovação do estatuto
 - Objetivos sociais
 - Requisitos para associação
 - Direitos e deveres dos associados
 - Capital Social (formação)
 - Assembléias Gerais
 - Conselho de Administração e Diretoria

- *Regimento Interno;*
 - Data de aprovação
 - Missão
 - Articulação com entidades da sociedade civil
 - Quem pode ser sócio
 - Capacitação para novos associados
 - Comitê gestor de crédito
 - Modalidades de crédito ofertadas
 - Poupança
 - Garantias contra inadimplência

- *Livro de matrícula;*
 - Evolução do número de associados por ano
 - Data de associação dos entrevistados

- *Atas de assembléias;*
 - Onde foi?
 - Quando?
 - Forma de divulgação
 - Número de associados presentes
 - Associados em condições de votar
 - Pauta
 - AGO ou AGE?

- OUTRAS INFORMAÇÕES

- Número de presentes em listas de presença em reuniões e capacitações;
- Número de empréstimos liberados por ano;
- Tipo de empréstimos liberados (rural, pessoal)
- Número de poupanças;
- Capital Social Médio.

APÊNDICE C - Roteiros de entrevista



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

ROTEIRO DE ENTREVISTA - (PRÉ-TESTE)

1- TÉCNICA DE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS

- O que vem a sua cabeça quando eu falo o termo “COOPERAÇÃO”?
- E quando falo “ECOSOL”?

1-Solicitar aos entrevistados que digam todas as palavras que lhes venham à mente.

2- Perguntar quais são as mais importantes para cada um (as duas mais)

2- QUESTÕES

- Como/Por que se associou à Ecosol? (Quem lhe falou da cooperativa?)
- O(a) senhor(a) é associado(a) há quanto tempo?
- O(a) senhor(a) é agricultor? ()S ()N
 - *Se não, qual o vínculo com a agricultura?
 - *Se sim, quais as atividades produtivas tem na propriedade?
- O(a) senhor(a) tem outro trabalho além do realizado em sua propriedade? ()S ()N Qual?
- O(a) senhor(a) participa de algum movimento ou organização social, econômica, política ou religiosa? Qual?
- O(a) senhor(a) sabe me dizer quais são as organizações que tem no município?
 - *E com quais delas a cooperativa se relaciona?
 - *Como o senhor (a) classifica essa relação?
- As organizações do município influenciam no funcionamento da cooperativa?
 - *E esta influencia no funcionamento das organizações? De que forma?
- Em sua opinião mudou alguma coisa no município após a constituição da cooperativa?
 - *Se sim, o que?
 - *Se não, por quê?
- Como o(a) senhor(a) pensava ser uma cooperativa antes de se associar? E agora, como associado, o que pensa sobre uma cooperativa?
- O(a) senhor(a) já esteve (ou pretendeu estar) como membro do conselho de administração, conselho fiscal (como membro da diretoria)?

Para os atuais coordenadores: *Já ocupou outro cargo anteriormente?*

- O(a) senhor(a) participa das assembleias realizadas pela cooperativa? Em quantas esteve presente?
- E das reuniões e capacitações? Em quantas já esteve presente?
- Com que frequência o(a) senhor(a) visita a cooperativa?
- O que o(a) senhor(a) vê de positivo na cooperativa? E de negativo?
- Na opinião do(a) senhor(a), como é o atendimento na cooperativa?
- O(a) senhor(a) já teve acesso aos serviços da Ecosol? Quais? Quantas vezes? Como utilizou?

(empréstimo, linha de crédito, PRONAF, microcrédito, fundo rotativo)

3- VALIDAÇÃO DA TÉCNICA DE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS

Solicitar que o entrevistado faça um desenho, com o seguinte tema:

“O que a Ecosol representa para mim?”



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA ESTRUTURADO A PARTIR DOS OBJETIVOS
ESPECÍFICOS, APÓS PRÉ-TESTE**

Objetivo Geral:

Analisar a representação social da cooperação entre os associados das Cooperativas de Crédito da Agricultura Familiar e Economia Solidária – Ecosol Araponga e a sede da Ecosol Zona da Mata e Leste de Minas em Tombos – e a possível influência desta representação no funcionamento de tais cooperativas.

Objetivo específico 01: Identificar o quadro social e a formação deste nas cooperativas acima citadas, bem como a estrutura organizacional destas.

A identificação do quadro social será feita a partir das informações obtidas sobre o perfil dos associados¹ durante as entrevistas e também em consulta a documentos nas sedes das cooperativas, com vistas a caracterizar o público da pesquisa. Já a estrutura organizacional deve ser obtida nas entrevistas com os coordenadores e em conversas informais com o contador e/ou técnico agrícola que prestam serviços às duas cooperativas e aos PACs.

NO ROTEIRO:

A- Identificação

Nome:

Idade: Sexo: ()F ()M Escolaridade:

Comunidade/Cidade: Vínculo com a agricultura:

Trabalho fora da propriedade? ()S ()N

Cargo:

Objetivo específico 02: Evidenciar a representação social da cooperação entre os cooperados e coordenadores das cooperativas e, através de que (ou quem) apreendem tal representação.

Para tanto será utilizada a técnica de associação livre de palavras no início de cada entrevista individual, sendo complementada por informações obtidas com questões específicas realizadas ao longo da entrevista e a descrição de uma figura/desenho ao final.

¹ O perfil dos associados para fins dessa pesquisa será dado por informações como: idade, sexo, escolaridade, cargo ocupado – no caso dos coordenadores –, vínculo com a agricultura.

NO ROTEIRO:**B- Técnica de associação livre de palavras**

- O que vem a sua cabeça quando eu falo o termo “COOPERAÇÃO”?
- E quando falo “ECOSOL”?

C- Questões:

4. O(a) senhor(a) participou de alguma capacitação, reunião, sobre cooperativismo/cooperativa antes de se tornar coordenador? Sobre o que era?
9. Como o(a) senhor(a) pensava ser uma cooperativa antes de se associar?
10. E agora como associado/coordenador, o que pensa sobre uma cooperativa?
11. Por que pensa assim agora? O que o(a) fez mudar de opinião? (se tiver diferença grande nas respostas)

D- A Representação da Cooperação em figuras

Se o(a) senhor(a) tivesse que representar a cooperação através de uma figura, qual figura seria? Por quê?

Se eu der lápis e papel, o(a) senhor(a) desenha pra mim?

Objetivo específico 03: Investigar o envolvimento dos entrevistados com a história da cooperativa e a participação em outros grupos.

Através da interrogação durante as entrevistas sobre a história do associado em relação à Ecosol e a sua vinculação (ou não) a outras organizações sociais como, partidos políticos, associações, sindicatos, movimentos sociais, igreja ou outras cooperativas.

NO ROTEIRO:**C- Questões**

1. Como o(a) senhor(a) ficou sabendo da cooperativa?
2. Por que se associou a Ecosol?
3. O(a) senhor(a) é associado(a) há quanto tempo?
5. O(a) senhor(a) participa de alguma organização social como STR, associações, partido político, igreja, outra cooperativa?
6. Se sim, há quanto tempo?
7. Ter vínculo com outras organizações influencia na sua participação na cooperativa? Como?
8. A Ecosol tem alguma relação com esta(s) organização(ões)?

Objetivo específico 04: Analisar como os entrevistados transformam a representação social da cooperação em ações (coletivas ou individuais) que venham a influenciar o funcionamento das cooperativas.

Num primeiro momento através das entrevistas por questões referentes à participação em eventos promovidos pelas cooperativas – como assembleias, reuniões e capacitações – e frequência tanto de visitas à cooperativa quanto ao acesso dos serviços oferecidos. Essas informações serão complementadas pela observação – no que se refere ao atendimento na sede da cooperativa e a forma de relacionamento entre os frequentadores e atendentes – e pela consulta a documentos, como atas de assembleias, relação de empréstimos realizados, listas de presença em cursos, capacitações.

NO ROTEIRO:

C- Questões

12. Em sua opinião mudou alguma coisa no município após a constituição da cooperativa (como o acesso ao crédito pelos agricultores, melhoria nas condições de vida destes, melhoria nas propriedades, ações da prefeitura)? O que?
13. Com que frequência o(a) senhor(a) visita a cooperativa?
14. O(a) senhor(a) participa das assembleias realizadas pela cooperativa?
15. Em quantas esteve presente?
16. O(a) senhor(a) participa das reuniões/capacitações/cursos realizados pela Ecosol?
17. O que o(a) senhor(a) vê de positivo na cooperativa? E de negativo?
18. O(a) senhor(a) sabe me dizer quais são os serviços da Ecosol aqui no município?
19. O(a) senhor(a) já teve acesso a algum deles? Se sim, quantas vezes e pra qual uso?



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

ROTEIRO DE ENTREVISTA UTILIZADO A PARTIR DA ENTREVISTA TRÊS

A- Identificação

- 1- Qual o nome do(a) senhor(a)?
- 2- Quantos anos o(a) senhor(a) tem?
- 3- O(a) senhor(a) estudou até que série?
- 4- De qual comunidade o(a) senhor(a) é?
- 5- Qual o vínculo que o(a) senhor(a) com a agricultura?
- 6- O(a) senhor(a) tem algum trabalho fora da propriedade? ()S ()N
- 7- Qual o cargo que o(a) senhor(a) ocupa?

B- Técnica de associação livre de palavras

- 1- O que vem a sua cabeça quando eu falo “COOPERAÇÃO”?
- 2- E quando falo “ECOSOL”?

C- Questões

- 1- Como o(a) senhor(a) ficou sabendo da cooperativa?
- 2- Por que se associou a Ecosol?
- 3- O(a) senhor(a) é associado(a) há quanto tempo?
- 4- O(a) senhor(a) participou de alguma capacitação, reunião, sobre cooperativismo/cooperativa antes de se tornar coordenador? Sobre o que era?
- 5- O(a) senhor(a) participa de alguma organização, associação, movimento social? [como STR, associações, partido político, igreja, outra cooperativa]
- 6- Se sim, há quanto tempo?
- 7- Participar em outras organizações faz alguma diferença na participação d o(a) senhor(a) na cooperativa? Como?
- 8- A Ecosol tem alguma relação com esta(s) organização(ões)?
- 9- Como o(a) senhor(a) pensava ser uma cooperativa antes de se associar?

- 10- E agora como associado/coordenador, o que pensa sobre uma cooperativa?
- 11- Por que pensa assim agora? O que o(a) fez mudar de opinião? (se tiver diferença grande nas respostas)
- 12- Em sua opinião mudou alguma coisa no município após a constituição da cooperativa? O que? [como o acesso ao crédito pelos agricultores, melhoria nas condições de vida destes, melhoria nas propriedades, ações da prefeitura]
- 13- Com que frequência o(a) senhor(a) visita a cooperativa?
- 14- O(a) senhor(a) participa das assembleias realizadas pela cooperativa?
- 15- Em quantas esteve presente?
- 16- O(a) senhor(a) participa das reuniões/capacitações/cursos realizados pela Ecosol?
- 17- O que o(a) senhor(a) vê de positivo na cooperativa? E de negativo?
- 18- O(a) senhor(a) sabe me dizer quais são os serviços da Ecosol aqui no município?
- 19- O(a) senhor(a) já teve acesso a algum deles? Se sim, quantas vezes e pra qual uso?

D- A Representação da Cooperação em figuras

Se o(a) senhor(a) tivesse que representar a cooperação através de uma figura, qual figura seria? Por quê?

Se eu der lápis e papel, o(a) senhor(a) desenha pra mim?



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
 FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL

ROTEIRO: CONVERSA Contador – Base Minas

A- Identificação

- Qual a sua formação?
- De onde você é?
- Você tem algum vínculo com a agricultura?
- Qual é o cargo que atualmente você ocupa?

B- Técnica de associação livre de palavras

- 1- O que vem a sua cabeça quando eu falo “COOPERAÇÃO”?
- 2- E quando falo “ECOSOL”?

C- Questões

- Como você conheceu o Sistema Ecosol?
- Há quanto tempo trabalha na Ecosol?
- Como é a relação da Ecosol com o Banco Central?
- Você vê alguma dificuldade para as cooperativas da Ecosol em Minas Gerais em se enquadrar nas exigências legais? Quais?
- Você participa de alguma organização, associação, movimento social? [como STR, associações, partido político, igreja, outra cooperativa]
- Como você pensava ser uma cooperativa antes de conhecer a Ecosol?
- E agora como prestador de serviços/contratado, o que pensa sobre uma cooperativa?
- Como funcionam os convênios da Ecosol com os bancos comerciais (Itaú, Banco do Brasil)?
- Você sabe me dizer como está estruturado o Sistema Ecosol no Brasil? [número de cooperativas, número de associados, postos de atendimento, quantos processos de constituição em andamento]
- Como é a relação do Sistema Ecosol com os outros sistemas de cooperativas de crédito em Minas (Sicoob)?
- A Ecosol está filiada a Ancosol? Existe algum trabalho em parceria com esta?



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
 FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL

ROTEIRO: CONVERSA Técnico Agrícola – Espera Feliz

A- Identificação

- Qual a sua formação?
- De onde você é?
- Você tem algum vínculo com a agricultura?
- Qual é o cargo que atualmente você ocupa?

B- Técnica de associação livre de palavras

- 1- O que vem a sua cabeça quando eu falo “COOPERAÇÃO”?
- 2- E quando falo “ECOSOL”?

C- Questões

- Como você conheceu o Sistema Ecosol?
- Há quanto tempo trabalha na Ecosol?
- Você participa de alguma organização, associação, movimento social? [como STR, associações, partido político, igreja, outra cooperativa]
- Como você pensava ser uma cooperativa antes de conhecer a Ecosol?
- E agora como prestador de serviços/contratado, o que pensa sobre uma cooperativa?
- Como é o seu trabalho com as cooperativas e com os cooperados?
- Você atende todos os municípios da área de abrangência das cooperativas e dos PACs?
- Você sabe me dizer quais são as principais características dos grupos de cooperados nos municípios onde tem Ecosol em Minas Gerais?
- Você acha que os cooperados têm interesse em participar da cooperativa? Interessam-se em saber como ela está funcionando?
- Um dos principais pontos falhos da Ecosol em Minas Gerais, segundo me disseram, é não ter recursos financeiros para realizar capacitações para o grupo maior de cooperados. Tem alguma estratégia sendo pensada atualmente – ou mesmo em prática – para pelo menos levar algumas informações para estes cooperados e para os que procuram a Ecosol pensando em se associar?



AS MÃOS

(silêncio) humm... (risos). (silêncio) Acho que seria das mãos... um **desenho das mãos...da união, né, das mãos cooperando**. Porque assim, as mãos, né, **é símbolo que cê dá, da união, da força, né?** E eu acho que na cooperativa representa bem isso. Até pra ela chegá até hoje teve que tê bastante força... (risos). (DEPOIMENTO ORAL).²



PESSOAS UNIDAS

Eu acho que assim, eu acho que **algumas pessoas unidas, de mãos dadas**, alguma coisa assim. **Porque é uma forma de união, de cooperar uma com a outra pra pode crescer**. Eu penso assim. (DEPOIMENTO ORAL).³



PESSOAS DANDO AS MÃOS

A Ecosol ela tem assim, **várias pessoa se dando a mão**. Eu acho que ali o desenho é esse. **É solidariedade e união, né?** Uma cooperativa de crédito ela só vai pra frente, ela só vai ter sucesso se todos nós, que somos sócios, que somos membros dela a gente levar a sério, né? [...] o desenho que eu desenharia hoje é uma união mesmo, de solidariedade, **De várias pessoas se dando as mãos, mãos unidas porque ali a gente precisa um do outro, né?** Porque se um, quer dizer, fizer uma trapalhada ali vai atrapalhar todo mundo. (DEPOIMENTO ORAL).⁴

² Depoimento de um Associado Ecosol Araponga, Araponga, 2009. Grifo nosso.

³ Depoimento do Tesoureiro da Associação de Moradores filiada à Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

⁴ Depoimento de uma Associada Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

Ah, coisas boa (risos). Tipo assim, **um grupo de gente unido**, entendeu, **ali dando a mão a outro, ajudando**. Dessa forma aí. Porque, vamo supor, se **eu tenho um dinheiro lá que tá disponível as vez, eu chego na cooperativa e presto ele na cooperativa na poupança, ele vai servi pra uma outra pessoa que vai vim ali pegá**. As vez não tem acesso comigo, aí ele vai pegá ele ali e usá ele naquele momento, apertado. Aí eu acho que nessa parte aí... ela é boa coisa. Eu enxergo nessa linha. (DEPOIMENTO ORAL).⁵

Como... Apesar que eu sô péssima pra desenho, mas, assim como ela tá atuando... Primeiramente eu ia desenhá, né, **a casa e as pessoas que ali convive**. Eu acho que, na minha cabeça seria esse desenho. **Pra vê como, né, as pessoas tão sendo atendida, quem tá ali dentro atendendo as pessoas, se tá do jeito que é pra sê ou não...** (DEPOIMENTO ORAL).⁶

(pausa) Acho que eu ia fazê **um círculo com pessoas de mão dada**, né? Porque **simboliza um pouco a união**, né, as pessoas de mão dada. Cooperativa eu acho que é isso, né, a gente caminhá junto, né? (DEPOIMENTO ORAL).⁷

Teria que sê **um globo**, né? Todo mundo junto, né? Ninguém num seria, uma mesa redonda, no caso, né? Que aí **ninguém não seria diferente de ninguém, todo mundo um de frente pro outro**. (DEPOIMENTO ORAL).⁸

Um desenho... como assim um desenho? É, como é que eu te falo... **cooperação são pessoas que coopera com os outros, né? Teria que desenhá um conjunto de pessoas ajudando outros**, uns ajudando os outros, outros trabalhando, né. Na cooperativa, por exemplo, vamo supô eu quero fazer um prantio, eu não tenho dinheiro pra podê pagá aquele, as mudas ou alguma coisa... aí eu tenho que corrê lá, não é? Aí eles são, eu sô a cooperada, eles são os... como é que eu falo? Ai me ajuda aí! (risos). (DEPOIMENTO ORAL).⁹

Qual desenho? (risos) Eu vô cabá repetindo a economia solidária. (risos) Olha, eu pegaria, no desenho eu pegava **várias pessoas de mão dada em volta de um círculo fechado**, né? Por exemplo, **homem, mulher, negro, branco, que representa toda sociedade, de mão dada como um grupo unido**, né, de mãos dada, onde aquele recurso que nós trabalhamos ele que é da economia solidária não saísse dali pro regime capitalista. Tinha dois sentido: eles fecha esse círculo, não num sentido de fechamento, mas um sentido de fechar, dar a mão num sentido de unidade e outro que esse recurso de economia solidária, principalmente quando fala da Ecosol, ele circulasse dentro do próprio empreendimento pra gerá mais renda, gerá mais trabalho. (DEPOIMENTO ORAL).¹⁰

Eu acho que assim, eu acho que **algumas pessoas unidas**, de mãos dadas, alguma coisa assim. **Porque é uma forma de união, de cooperar uma com a outra pra pode crescer**. Eu penso assim. (DEPOIMENTO ORAL).¹¹

Aí, eu não sei... (risos) (*Quando eu falei cooperação pra senhora, a senhora pensou num conjunto, né? Em pessoas...*) É numa porção de gente. Então eu ia desenha **uma porção de gente**. (*E essas pessoas estariam fazendo o que?*) Ah, sei lá, **uma reunião, alguma coisa assim, discutindo alguma coisa...** então assim. (DEPOIMENTO ORAL).¹²

Ih, caraco! Sô tão fraco em desenho... Só pra pensá... Ah, eu desenharia assim, por exemplo, **um grupo de pessoas cooperando um entre o outro, sabe, nessa questão do recurso memo: um vem deposita, o outro vem pega um empréstimo, o outro faz uma poupança e faz esse giro**, eu desenharia assim um grupo cada um pegando e esse recurso girando. mas é isso aí, eu faria isso, um local igual aqui, um local, um grupo de pessoas que vem e pega, né, um aplica, o outro vai e faz esse giro. aí aplica lá na propriedade, faz esse... (DEPOIMENTO ORAL).¹³

⁵ Depoimento de um Associado Ecosol Araponga, Araponga, 2009. Grifo nosso.

⁶ Depoimento de uma Associada Ecosol Araponga, Araponga, 2009. Grifo nosso.

⁷ Depoimento de um Associado Ecosol Araponga, Araponga, 2009. Grifo nosso.

⁸ Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

⁹ Depoimento de uma Associada Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

¹⁰ Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

¹¹ Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

¹² Depoimento de uma Associada Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

¹³ Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

[pausa] Eu? Vamô supô, desenhá **uma cooperativa solidária**, cooperativa de solidariedade. **Onde tem uma organização que o povo é solidário, observe ali seus benefício, solidariedade**, desenharia uma cooperativa de companheirismo, de companheiros. (DEPOIMENTO ORAL).¹⁴

A CRIANÇA

Uma criança, um coração de uma criança e um sorriso de uma criança. Porque é doce, puro e limpo. Cê não vê maldade no coração de uma criança, cê não vê maldade no coração de uma criança... Ele te dá um riso cê acredita, um jovem, um adulto cê não pode acreditar. (pausa) Aquilo que uma criança traz pra você é da melhor maneira possível, é de dentro dela própria ela não se espelha nada, ela não usa fantasia, ela não cria personalidade. (pausa) então com o coração e um sorriso de uma criança. (DEPOIMENTO ORAL).¹⁵

O PRÉDIO

Desenho como assim? [...] **Eu desenharia um prédio!** Eu queria um prédio só pra Ecosol! Isso aqui cabô. (*Por que um prédio?*) **Porque a Ecosol hoje não tem um local disponível pra ela**, que hoje ela tá aqui, amanhã ela tá ali. Então eu queria que ela tivesse igual banco, **tê uma estrutura dela**. Falá é Ecosol, cabô o problema... é isso que eu queria!! (risos). (DEPOIMENTO ORAL).¹⁶

UMA “COISA EM EXPANSÃO/ÁRVORE”

Aí, a gente vê uma fonte de... **uma coisa que tá expandindo, tipo uma árvore**, ela tá abrindo, ela vai só abrindo, **ela vai só abrindo, ela vai dando os fruto tem suas época de poucos fruto, tem suas época de seca que a árvore cai a folha toda**, eu vejo mais ou menos por aí, né? (DEPOIMENTO ORAL).¹⁷

O SÍMBOLO DA ECOSOL



Figura... representasse? Eu acho que esse desenho **seria um conjunto [...] uma corrente que juntasse as coisas, né?** Às vez eu tô lá na minha comunidade lá da Pedra Bonita outro tá no Córrego dos Pereira e essa corrente forma um [...] entre a gente, entendeu? Pensar positivo... somar cada vez mais companheiro pra fortalecer esse meio, né? [...] **Mas eu penso muito, aí no dia que eu cheguei ali, perguntei ao Jerônimo, ah, foi o Revelino que fez, mas seria aquilo ali que eu penso muito, nesse fortalecimento da entidade. Seria essa corrente mesmo**, as vez eu tô na Pedra Bonita, o outro ta no Córrego dos Pereira, mas se a gente pensar em sempre somá, sempre vem mais um, vem mais outro, né? (DEPOIMENTO ORAL).¹⁸

Seria o **nosso símbolo da cooperativa** ali, que é um monte de gente com as mãos dadas, **tipo passando uma força pro outro, um conjunto**. (DEPOIMENTO ORAL).¹⁹

¹⁴ Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

¹⁵ Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

¹⁶ Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

¹⁷ Depoimento de uma Associada Ecosol Araponga, Araponga, 2009. Grifo nosso.

¹⁸ Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.

¹⁹ Depoimento de um Associado Ecosol ZM e Leste de MG, Tombos, 2009. Grifo nosso.